

JÉSSICA DE FREITAS LOPES

**PRÁTICAS TEXTUAIS NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
MUNDOS QUE SE TECEM EM BUSCA DE SENTIDOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para a obtenção do título de Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

L864p
2017 Lopes, Jéssica de Freitas, 1991-
Práticas textuais na Licenciatura em Educação do Campo : mundos que se tecem
em busca de sentidos / Jéssica de Freitas Lopes. - Viçosa, MG, 2017.
xx, 176f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Willer Araújo Barbosa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f.171-176.

1. Educação do Campo. 2. Linguagem. 3. Arte. 4. Sentidos. I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Educação. Mestrado em Educação. II. Título.

CDD 22. ed. 370.9

JÉSSICA DE FREITAS LOPES

**PRÁTICAS TEXTUAIS NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
MUNDOS QUE SE TECEM EM BUSCA DE SENTIDOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 03 de março de 2017.



Laura Pronsato



Marcelo Loures dos Santos



Willer Araujo Barbosa
(Orientador)

Dedico este trabalho à Deus, o dono de meu viver.
Aos meus pais, que com muita luta, fizeram dos meus sonhos, realidades.
Às minhas irmãs, partes de meu ser.

À memória do meu avô Chico, velho
homem do mato, sempre vivo em minhas
lembranças.

Toda a recusa dum linguagem é uma **morte.**

Roland Barthes

DOCE MEL DE FLOR

*Aquele cheiro doce de mel nas flores,
aroma de infância,
sensação de que tudo sempre estaria bem
e de que aquela doçura
jamais se acabaria.*

*Um lar de finas flores,
nosso lugar mais bonito.
[...] Esconderijo das três meninas!*

*Dentro de uma flor...
O nosso mundo estava ali,
se misturando com a fragrância
daquele primor.
E ali tínhamos amor!
Éramos ternura e cor.*

*Crescemos,
fina flor ainda tem mel.
Existe no nosso mesmo quintal!*

*Sentimos,
tocamos,
tão bela como antes.*

*“Tudo sempre estará bem”,
contou-nos um vozear que veio da flor.
Será que foi aquela abelha?
Ou a nossa infância que nos revisitou?!*

*Tudo sempre “ficará bem” e
não sou eu quem diz.
[...]
Eu quero me entregar de novo àquela flor,
venham comigo...
E vamos lembrar
como tudo lá dentro fica indolor.*

Jéssica Lopes

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu senhor e criador, aquele que amo em todas as coisas visíveis e invisíveis. À minha maravilhosa mãe Maria de Lourdes, a Maria da minha história. Eu nunca terei palavras para agradecer o seu amor, sua entrega, sua luta e ternura. Obrigada por ser minha mãe e ser tão doce com o mundo.

Ao meu respeitoso pai Vanir, homem íntegro, batalhador e honesto, pela vontade de me educar da melhor forma possível. Pela proteção e por me amar mesmo com toda sua postura séria.

Às minhas lindas irmãs Jessiane e Jessilene, por acreditarem nos meus sonhos, caminharem ao meu lado e me amarem mesmo nas minhas imperfeições. Por sempre me oferecerem proteção, entendendo toda a sensibilidade do meu ser.

Ao companheiro Joelson, amor e grande amigo que a vida me deu, por todo carinho, amparo e paciência em todas as etapas difíceis dessa pesquisa. Por me mostrar que o amor tem gosto de poesia.

Ao meu vovô Pedro, por mesmo com seus problemas de saúde me oferecer sua força a cada vez que sorri, lutando para viver.

Meus agradecimentos ao Willer, orientador e coparticipante da libertação da minha poética reprimida. Por todas as vezes que caminhamos juntos e que me convidou para passeios de orientações, serei sempre feliz e agradecida por ter confiado essa missão a mim - eu jamais serei a mesma - sua existência filosófica seguirá sempre no meu jeito de ser.

À minha prima Géssica por toda a sua irmandade e lealdade, pela ajuda amorosa nas oficinas textuais. À minha prima Carol que dividiu comigo seu quarto, seu dia-a-dia e a sua família.

Aos tios Cida e Batista que me ofereceram abrigo e por sempre me ajudarem a seguir em frente.

Aos priminho e priminhas Guilherme, Michelle, Gabrielly e Emanuely por toda poesia que trazem nos olhos. Meus agradecimentos à todos os familiares que me apoiaram e me ajudaram a prosseguir.

Ao amigo Samuel por toda ajuda, carinho e dedicação, além das colaborações nas oficinas textuais.

À Manu Kölln por ter me mostrado que eu poderia voar mais alto e, por além de sua amizade, ter oferecido-me suas linguagens poéticas.

Às amigas da Pedagogia, Nívia, Thayrine, Ana Paula e Lígia, pelos laços de afetos e por toda preocupação e incentivo.

À toda formação do Alojamento 219, que me ensinou a ser uma pessoa melhor, especialmente a Yolanda, Ana Paula e Maísa, que continuaram me acolhendo e ouvindo minhas preocupações.

À Lelé, por toda luz e espiritualidade.

Aos companheiros(as) de turma do Mestrado, principalmente à Thaís, Andréa e Vivi pela luta conjunta e pelo entendimento da minha sensibilidade aflorada.

À amiga Denise, por todo apoio, leituras e momentos compartilhados.

Ao amigo Wilson, pelas aulas de inglês, pelo carinho e lindo sorriso motivador.

À Daiane, pela amizade desde meu nascimento e por todo apoio nos meus dias mais tempestuosos.

Às companheiras Valquíria, Vilmária, Janaína, Tamiris e Daniela por todos os momentos de conversas, descontração e diversão.

Ao Alessandro, amigo e leitor de meus poemas, por acreditar e me incentivar a seguir.

Ao grupo Cátedra Paulo Freire, por toda a libertação de minha voz e entendimento de minha poesia sufocada.

Aos educandos(as) da LICENA, principalmente à Ana Flávia, Willian, Sebastião e David, por todo amor e acolhida e por terem me ensinado que outro campo existe.

Aos educadores(as) da LICENA, principalmente a Jaqueline Cardoso por todo aprendizado, carinho, respeito e contribuições à essa pesquisa.

Aos professores(as) Eduardo Simonini (principalmente por sua poética), Edgar Pereira, Luciana Ávila, Laura Pronsato e Marcelo Loures, pelas leituras e contribuições oferecidas a este trabalho.

À Valdirene, por toda doçura e empatia.

À Josiane e Shara por colaborarem com a organização das oficinas textuais.

À minha prima Angélica pela preocupação e sempre boa vontade em me ajudar.

Aos professores(as) do Departamento de Educação (DPE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFV, por todo conhecimento proporcionado.

Aos funcionários do DPE e PPGE, especialmente Naiany, Felipe, Eliane e Wagner, por toda prontidão, sorrisos e auxílios.

À todos e todas que não citei, mas que de alguma forma contribuíram com a concretização deste tão esperado sonho, minha gratidão.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE FOTOGRAFIAS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xii
RESUMO	xiv
ABSTRACT	xv
PRESENTAÇÃO POÉTICA	1
CAPÍTULO I- ENTRE CAMINHOS E ENCRUZILHADAS: A PESQUISA E MEUS “ENCONTROS” COM A LICENA	13
1.1-A construção da pesquisa: Andar no brejo e achar sapo	13
1.2 – Como linhas de romance	16
1.3 – Por onde passei encontrei-me com poesia	21
CAPÍTULO II - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO: AS LICENCIATURAS E A LICENA	33
CAPÍTULO III - INVESTIGAR O CON-TEXTO CON-SCIÊNCIA.....	39
3.1-Linguagem e texto em Roland Barthes e Mikhail Bakhtin: diferentes também conversam.....	39
3.2 - Arteeducação e a estética expressiva	43
3.3 – Questões sobre POESIA.....	46
3.4 - Imagens, leituras e o sem sentido dos sentidos	49
CAPÍTULO IV- NOSSAS LEITURAS, NOSSAS EXPERIÊNCIAS... ..	57
4.1- O campo pelas mãos da LICENA e pelos olhares da pesquisadora e pesquisador	57
4.2-Oficinas Artístico-Pedagógicas: do científico ao romântico.....	77
4.2.1- Memórias e linguagens	82
4.2.1.1- Escrever com calor no coração	103
4.2.2.1- Do individual ao coletivo?	125
4.2.3- A LICENA também escreve	130
4.2.3.1- Poemas concebidos pela LICENA	134
4.2.4- Porque escrevo? como escrevo? sobre o que escrevo?	140
4.2.5- O Jazz morreu	155
IN-CONCLUSÕES DE UMA POÉTICA!	166
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	171

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Balão, produção sem autoria.	32
Figura 2- Fortaleza, produção sem autoria.....	56
Figura 3- Campo moradia e trabalho, produzido por Ana.	59
Figura 4- campo e produção de vida, produzido por Pedro.	62
Figura 5- Juventude que ousa lutar, produzido por Bela.	64
Figura 6- Organizar, produzir e alimentar, produzido por Bia.	65
Figura 7- Mundo indígena, produzido por Luara.....	67
Figura 8- Comunidade camponesa, produzido por Lucas.....	68
Figura 9- Histórias de Antônio, produzido por Antônio.....	69
Figura 10- História de vida, produzido por José.....	71
Figura 11- O diálogo de José, produzido por José.....	72
Figura 12- Vida no campo, produzido por João.....	73
Figura 13- Lugar de origem, produzido por Miguel.	74
Figura 14- Coração e cérebro, produzido por Beatriz.....	85
Figura 15- Emoções, produzido por Gabriela.	86
Figura 16- Reflexão, produzido por Adalberto.....	87
Figura 17- Reconhecimento, produzido por Márcia.	88
Figura 18- Querida vovó, produzido por Clara.....	89
Figura 19- Coisas de lembranças, produzido por Bia.	91
Figura 20- Tempos de infância, produzido por Carmen.	92
Figura 21- Nas raízes da árvore, produção sem autoria.	94
Figura 22- E a valorização? Produzido por Bela.	95
Figura 23- Compartilhando saberes, produzido por Manoela.....	97
Figura 24- No espaço da escola, produção sem autoria.	98
Figura 25- Marcas de inspirações, produção sem autoria.	99

Figura 26- Calmaria, produzido por Antônio.....	100
Figura 27- As canções de José, produzido por José.....	101
Figura 28- Sol e lua, produção sem autoria.	109
Figura 29- vencendo desafios, produção sem autoria.	110
Figura 30- Instrumentos musicais, produzido por Bárbara.....	111
Figura 31- O mundo de Bela, produzido por Bela.....	112
Figura 32- Sonhos de Bia, produzido por Bia.....	112
Figura 33- De mãos dadas, produção sem autoria.	113
Figura 34- Grupo familiar, produção sem autoria.....	113
Figura 35- Lutas camponesas, produção sem autoria.	114
Figura 36- O amor, produzido por Julieta.....	114
Figura 37- Por uma Educação do campo, produção sem autoria.....	115
Figura 38- Sorrisos, produção sem autoria	115
Figura 39- Roda de gente, produção sem autoria.....	116
Figura 40- Amorosidade, produzido por Júlia.	116
Figura 41- Assentamento rural, produzido por Janaína.	118
Figura 42- Comunidade agroecológica, produção sem autoria.....	119
Figura 43- Energias, produção de Luara.....	120
Figura 44- Buscando sonhos, produção sem autoria.....	121
Figura 45- mãos erguidas, produzido por Lucas.....	121
Figura 46- Fé, produção sem autoria.	122
Figura 47- Coqueiro, produção sem autoria.....	122
Figura 48- Visões de Antônio, produzido por Antônio.	123
Figura 49- Coração, produzido por Ana.	123
Figura 50- Produção de vida, produção sem autoria.....	124
Figura 51- Mão, produção sem autoria.	124

Figura 52- Nós em movimento, escrita coletiva.	127
Figura 53- União de palavras, escrita coletiva.	128
Figura 54- caminhando, escrita coletiva.	128
Figura 55- Guerra de amor, produzido por Lucas.....	139
Figura 56- O choro de Mariana, Produzido por Mariana.....	143
Figura 57- Ramos da escrita, produzido por Mariana.....	144
Figura 58- Liberdade, produzido por Mariana.	145
Figura 59- Árvore das emoções, produzido por Miguel.	146
Figura 60- Flor, produzido por Miguel.	147
Figura 61- Escrever por amor, produzido por Bela.....	149
Figura 62- Escrevendo, produzido por Lúcia.....	150
Figura 63- Amor à arte, produzido por Lúcia.	151
Figura 64- caderno, produzido por Lucas.	152
Figura 65- Labirinto, produzido por Lucas.	153
Figura 66- Vamos Começar? produzido por Bia.	154
Figura 67- natureza, produzido por Pedro.....	165
Figura 68- Seres que se unem, produção sem autoria.....	165
Figura 69- Menina que sonha e escreve, produzido por Manuelli Kölln.....	170

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Frase do meu caderno de sonhos.....	xvi
Fotografia 2 - Flores pétalas no terreiro da minha casa	xix
Fotografia 3- Ambiência da oficina textual III	1
Fotografia 4- Minha casa.	11
Fotografia 5: Livro de Memórias de parte da turma Semeando Saberes.	25
Fotografia 6: Mística de abertura da troca de saberes.....	26
Fotografia 7: Avaliação de Tempo Escola.	28
Fotografia 8: Momento inicial da 1ª oficina textual com a LICENA	82
Fotografia 9: Círculo montado no centro da sala na oficina textual II.....	107
Fotografia 10: organização da sala na oficina textual II	108
Fotografia 11: ambiência da oficina textual III.....	131
Fotografia 12: Escrita coletiva na oficina textual III	135
Fotografia 13: Início da oficina textual IV.....	142
Fotografia 14: O Jazz morreu	157

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFFAS- Centros Familiares de Formação por Alternâncias

CEPE/UFV- Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Viçosa

CONTAG- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CPT- Comissão Pastoral da Terra

EFA- Escola Família Agrícola

EJA- Educação de Jovens e Adultos

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

LICENA- Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa

MBA- Movimento dos Atingidos por Barragens

MMC- Movimento das Mulheres Camponesas

MPA- Movimento dos Pequenos Agricultores

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra

NEAd- Núcleo de Educação de Adultos

PAA- Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNHR- Programa Nacional de Habitação Rural

PPGE/UFV- Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa

PRONERA- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

TEsc- Tempo Escola

TCom- Tempo Comunidade

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

LOPES, Jéssica de Freitas, M.sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2017. **Práticas textuais na Licenciatura em Educação do Campo: mundos que se tecem em busca de sentidos.** Orientador: Willer Araujo Barbosa.

As práticas textuais vem se tornando a cada vez, mais técnicas e tradicionais no que se refere ao contexto educacional brasileiro, visando atender aos pressupostos avaliativos e considerando a formação apenas para o mercado de trabalho. De tal modo, nos propomos a realizar uma pesquisa de caráter artístico, poético e filosófico, acreditando na interferência de tais elementos na construção do ensino-aprendizagem. Assim, essa dissertação buscou compreender possíveis sentidos produzidos por estudantes da Licenciatura em Educação do Campo enquanto “autores e autoras” de produções artístico-textuais. Levamos em consideração as concepções de campo encontradas, a presença de poesia nos textos e as relações tecidas entre as produções textuais. Acreditando nos pressupostos da Filosofia da Linguagem, nas contribuições da linguagem poética, da poesia e da arte, as referências consultadas foram principalmente Roland Barthes e Mikhail Bakhtin, na perspectiva de compreensão da Filosofia da linguagem; Edgar Morin para tratarmos do amor e da poesia; Herbert Read para o estudo da Educação através da arte; Boaventura para a racionalidade estético-expressiva; Martine Joly e Alfredo Bosi para análise de imagens. Além disso, nos inspiramos na Pedagogia freiriana e freinetiana e na linguagem de Jorge Larrosa e Manoel de Barros para a construção do nosso trabalho. A trama desta pesquisa de cunho qualitativo foi desenvolvida a partir de narrativas textuais, afirmando-se a pesquisa documental e a autobiografia. Considerando a dimensão dessa pesquisa, além de ler textos, nos deparamos com o empoderamento artístico-textual de estudantes, com um campo que também produz vida, arte, poesia e que existe como forma de luta, como lugar de sonhar, de viver e de ser também artista. Realizar essa pesquisa me permitiu compreender outras concepções de campo, o que afetou e ressignificou a minha condição de camponesa. As leituras e análises dos textos dos/das estudantes, partiram do nosso contato com a LICENA (Licenciatura em Educação do Campo- UFV) e da forma como olhamos a Educação do Campo, a arte e a poesia. Portanto, cada pessoa, ao ler essa dissertação e ao se deparar com as produções textuais, poderão refletir e entendê-las de outras maneiras.

ABSTRACT

LOPES, Jéssica de Freitas, M.sc., Universidade Federal de Viçosa, march, 2017. **Textual practices in Rural Education Graduation: Worlds that weave themselves in the search of senses.** Adviser: Willer Araujo Barbosa.

The textual practices have become increasingly more technical and traditional regarding to the Brazilian educational context, aiming to meet the evaluation assumptions and consider training only for the job market. Thus, we propose to realize an artistic, poetic and philosophical type of research, believing in the interference of such elements in the construction of the teaching-learning dynamics. Thus, this dissertation aims the comprehension of possible meanings produced by students of the Rural Education graduation as authors of artistic- textual productions. We take into consideration the countryside conceptions found, the presence of poetry in the texts and the relationships between the textual productions. Believing in the presuppositions of Philosophy of Language, the contributions of poetic language, poetry and art, the references consulted were mainly Roland Barthes and Mikhail Bakhtin, in the perspective of understanding the Philosophy of language; Edgar Morin to talk about love and poetry; Herbert Read for the study of Education through art; Boaventura for aesthetic-expressive rationality; Martine Joly and Alfredo Bosi for image analysis. In addition, we are inspired by the freiriana e freinetiana Pedagogy and the language of Jorge Larrosa and Manoel de Barros for the construction of our work. The plot of this qualitative research was developed from textual narratives, affirming the documentary research and the autobiography. Considering the range of this research, in addition to reading texts, we are faced with the artistic-textual empowerment of students, with a countryside that also produces life, art, poetry and exists as form of struggle, as a place to dream, to live and also a place of being an artist. Carry out this research allowed me to understand other countryside conceptions, what affected and meant a rebuilt my condition as a peasant. The readings and analysis of the texts of the students started from our contact with LICENA (Rural Education graduation-UFV) and the way that we look at the Education in the Countryside, the art and the poetry. Therefore, each person as reading this dissertation and encountering the textual productions can reflect and understand them in their own ways.



Fotografia 1- Frase do meu caderno de sonhos, outubro de 2016.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Gostaria de escrever essa dissertação completamente em formato de poema, mas seria tamanha ousadia, ainda tão cedo em meu processo formativo. No entanto, me recuso a abandonar a poesia que grita dentro de mim, farei com que ela floresça e surja em forma de palavras e prosa explicativa, portanto dissertativa, a cada vez que ela insistir para ser. Usarei também os poetas que escreveram sobre aquilo que sinto, mas que foi tinta, uma outra vez, no papel de outro(a). Se no momento de escrita “acadêmica” quiser brotar poema, eu vou parar e ouvi-lo! Eu vou contar para o papel o que é que ele quer que eu diga... Destaco ainda, que todas as imagens que ilustram essa dissertação apresentam sentidos e cumprem a tarefa de narrar e representar histórias. Para tal, algumas em especial são fotografias de minhas produções de insignificâncias e que de alguma forma se fazem existir juntamente à essa dissertação. O título dessa pesquisa, “Práticas textuais na Licenciatura em Educação do Campo: mundos que se tecem em busca de sentidos”, foi pensado a partir do momento em que começamos a olhar para as produções textuais do referido curso e nos deparamos com uma extensa tessitura de vidas, histórias e sentidos. No meio de tudo isso, nos deparamos com estudantes relatando ter dificuldades com práticas textuais, mesmo assim, nos encontramos com profundas histórias. Destacamos também, que os textos, antes de descritos nesta pesquisa, foram corrigidos considerando o contexto de produção.

*Acreditando que a dissertação está intrinsecamente ligada à minha história de vida, escolhi além da autobiografia no corpo do texto, construir capas, antes de cada capítulo. Isso para contar um pouco mais de *Jéssica*, alguém em construção, incompleta e sedenta por novas poesias. Destaco ainda que no decorrer da dissertação se encontram vários poemas que escrevi e para tornar mais fácil a identificação, destaquei-os com a fonte *Lucida Handwriting*, a mesma que usei para registrar essas primeiras linhas...*

Antes do início, meu encanto pelos desperdícios (Viva Manuel de Barros!)

...



Fotografia 2 - Flores pétalas no terreiro da minha casa, maio de 2016.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
 de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros

PRESENTAÇÃO POÉTICA

Pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar.

Manoel de Barros (2006)



Fotografia 3- Ambiência da oficina textual III com a Licenciatura em Educação do Campo (LICENA), outubro de 2015. Fonte: Géssica da Silva Lopes, 2015.

Encantei-me, apaixonei-me... E não é possível iniciar essa dissertação escrevendo com outras palavras, preciso que seja assim. A imagem acima me desperta para sentimentos de encantamento, amor e gratidão, o que me leva a concordar com Roland Barthes, quando destaca que a fotografia é a prova da existência de alguma coisa. “[...] O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu” (BARTHES, 1984, p. 123). E existiu com tamanha vivacidade, que agora ressurgue com força, como rastros que ficaram.

A presente ilustração revela um dos cenários que fizeram parte deste trabalho de pesquisa, que aconteceu especialmente pela nossa arte de fazer ardueducação. No entanto, o meu propósito neste momento não é usar essa imagem explicando seu

contexto, aproveito-a como forma de dizer gratidão, e de expressar intensidade e esperança em tudo que foi realizado.

Utilizamos a mesma, também para descrever o sentido que atribuímos à expressão apresentação, que no contexto desta pesquisa vem da palavra presente, de tornar presente e presentear com cada momento vivido. Deste modo, gostaríamos de poetizar o nosso sentimento desejoso de que este estudo seja apresentação, para as pessoas que dele fizeram parte e para todos e todas que se aprontarem a adentrar ao universo poético das palavras que o compõe.

Gostaria de destacar que usei a 1ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural para a escrita desta dissertação, ora fui eu que vivi, ora meu orientador comigo. Justifico então, a não padronização da linguagem e a minha preocupação, em narrar até mesmo as inutilidades que fizeram de mim a pesquisadora em formação que hoje sou. De tal modo, venho a dialogar com os manuais de escritas acadêmicas, que pressupõem principalmente rigor técnico, que aqui procuro como a rigorosidade freireana, deixando claro que nos rejeitamos a qualquer escondimento dos/das pesquisadores(as).

O meu eu romântico e poético¹ insiste em produzir outras formas de escrever, sinto que viver as tantas experiências no Mestrado em Educação sou-me como histórias de romance, que me permitiram viver afetos de alegrias e de tristezas. Portanto, não arriscarei fazer de outro jeito e sim da única maneira que agora consigo, poeticamente e amorosamente, uma vez que minhas vivências aconteceram de tal modo. Quero que quando alguém ler este trabalho, sinta a sensação de ouvir o som de minha voz, que conta com muita emoção todo o meu trajeto de pesquisar, de se reinventar e de amar enquanto pesquisou.

Neste aspecto, podemos parafrasear Nilda Alves, acreditando que precisamos de outra escrita para além da já apreendida e quem sabe, literaturizar a ciência.

Há assim, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros, etc.) e que, talvez não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça a linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique,

¹ Para este momento, entendo por romântico e por poético a condição humana que ultrapassa as dependências das tarefas cotidianas, ou seja, aquilo que envolve sentimentos, sensibilidades e me faz sentir prazer em existir.

talvez uma escritafala, uma falaescrita ou uma falaescritafala (ALVES, 2008, p. 30-31).

Deste modo, nos propomos a escrever pensando que antes desse processo, inicialmente descritivo, existiram experiências e sentimentos que se fazem de tamanha importância para nós. Optamos por escrever considerando as múltiplas linguagens, nos rejeitando a desprezar experiências (SANTOS, 2011) e qualquer forma de existir em troca de fazeres seletivos técnicos, universalizantes e conservadores, do ponto de vista epistemológico. Defendemos a escrita que parta de vivências e afetos. E assim, “um mesmo trabalho pode ser obrigação ou liberação. Não é uma questão de novidade, mas de iluminação e de fecundidade” (FREINET, 2004, p. 28). Neste momento gostaríamos de demonstrar o nosso desejo da construção de trabalhos que atendam às necessidades daqueles que fazem parte do seu processo de produção:

Não procure a novidade; a própria mecânica mais aperfeiçoada chega a cansar, se não atender às necessidades profundas do indivíduo. No número cada vez maior de atividades que lhe são oferecidas, escolha primeiro as que iluminam sua vida, as que dão sede de desenvolvimento e de conhecimentos, as que fazem brilhar o sol. Edite um jornal para praticar a correspondência, recolha e classifique documentos, organize a experiência tateante que será a primeira fase da cultura científica. Deixe desabrochar os botões de flores, mesmo que às vezes o orvalho os molhe. Tudo o mais lhe será dado por acréscimo (FREINET, 2004, p. 28).

A tessitura deste texto nos permitiu aproximações entre o campo da educação e da educação do campo; e assim, das emoções, dos sentimentos e do mundo; a poética e a escrita universitária. Portanto, escolhemos seguir caminhos que fazem brilhar o sol, que iluminam a vida e fazem desabrochar botões de flores, mesmo entendendo que tantas vezes, os botões poderão ser molhados pelo orvalho.

Depois de todas essas considerações, que se delongaram propositalmente, chegou a hora de descrever o que de fato pesquisamos. Optei por preparar o caminho antes de apresentar o nosso cenário de pesquisa, acreditando que foi preciso defender a escolha pela forma em que foi construída essa dissertação. Creio que antes de chegar até aqui o leitor(a) possa ter se sentido intrigado(a), incomodado(a) e ou curioso(a) para entender a trama que está por vir.

Este trabalho se refere a estudos sobre possíveis sentidos de produções artístico-textuais que envolvem estudantes da Licenciatura em Educação do Campo com

Habilitação em Ciências da Natureza e Agroecologia - LICENA/UFV². Para tal, foi considerada a dimensão artística no contexto da literatura, expressões gráficas e das expressões poéticas, e a dimensão textual no contexto da escrita tendente à cientificidade explicativa.

A investigação ocorreu através do contato direto com os educandos e educandas do curso, o que aconteceu principalmente por meio da realização de oficinas artístico-pedagógicas³ e do Estágio em Ensino, na disciplina História e Memória da Linguagem. Foram momentos e encontros que me fizeram lembrar minhas histórias de camponesa, principalmente referentes à infância.

Enquanto filha de agricultor e agricultora e residente na Zona Rural do município de São Miguel do Anta- MG, presenciei enquanto estudante o grande descaso da educação urbanocêntrica para com a realidade dos educandos(as) camponeses⁴.

O campo pede licença

*Sou do campo, não nego minhas origens,
brinquei e me sujei no barro que a chuva deixava.
Fui crescendo, aprendendo e tão logo me
apaixonando pelo escrever.*

*Minhas mãos calejaram, enquanto o café caía do
pé. E só o que eu pensava, era em um papel pra
riscar minhas poesias.
O dia amanhecia, era hora de ir para escola.
Como?*

² O curso foi aprovado pelo CEPE em sua 498ª reunião, Ata de nº 498 de 8/10/2013, cuja proposta objetiva, inicialmente, a formação anual de 120 educadores em docência multidisciplinar em Ciências da Natureza para atuação na Educação do Campo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2013). Consideramos importante neste contexto, destacar que, dentre os educandos(as) do curso se encontram pessoas das mais diversas comunidades, principalmente: quilombolas, indígenas, agricultores(as) familiares, egressos de escolas do campo, trabalhadores(as) rurais e atores ligados aos Movimentos Sociais. Aprofundaremos sobre o curso no capítulo 3 desta dissertação.

³ Usamos para mencionar as oficinas, expressões como oficinas artístico- pedagógicas, oficinas pedagógicas e oficinas artístico textuais, acreditando que todas atendem aos pressupostos do que foi proposto.

⁴ Ao usar a expressão “camponeses” precisamos explicar o seu contexto, para isso nos recorreremos ao Dicionário Paulo Freire. A ideia de camponês compreendida na obra de Freire, Pedagogia do Oprimido, está relacionada ao trabalhador rural, humilde, que se encontra em situação de opressão. O camponês para Freire, precisa descobrir-se enquanto classe oprimida para, a partir daí, compreender a sua situação de vida e de trabalho, vindo a lutar pela transformação de sua realidade (PACHECO, 2008). Vamos incluir neste contexto as mulheres camponesas, crianças e jovens.

*Tempos chuvosos e o único recurso era andar mais
de hora,
Isso tudo, depois de atravessar enchentes
embarcadas em carrinho de mão. Pra que tanto
esforço? Eu só queria que ouvissem meus versos.*

*Meus calçados pesados de lama e os colegas da
cidade logo diziam: “a da roça trouxe todo o
barro da estrada”, “pegue a vassoura e se ponha a
limpar”. As lágrimas insistiam em cair e lá na
frente o professor anunciava: “copiem rápido, que
o quadro já vou apagar.”*

*Pra casa eu voltava e as sementinhas de café ali
mesmo eu plantava. Meu pai queria uma
agrônoma, mas eu escolhi educadora. Sabe
porquê?
Pra lutar contra a opressão, pra levar o amor e
sentir o outro da forma que ele é.*

*Outro dia me perguntaram: “Jéssica, colher café
dói?” Pude dizer que a dor física não era o maior
incômodo. O que mais machucava era ser
oprimida, quando eu só queria ser respeitada,
entendida e ouvida.*

Estudar na cidade pode parecer ser avanço para algumas pessoas, mas, lembrando hoje minhas memórias de estudante, posso dizer que não tive a oportunidade de permanecer no meu próprio meio para realizar os estudos, não pude estar em uma escola que compreendesse a minha realidade, fato este que acontece à todo momento com vários sujeitos do campo. Quantas escolas têm sido fechadas e/ou nucleadas, fazendo com que muitos(as) busquem a educação na cidade, isso quando apresentam recursos suficientes.

Existem em mim profundas e dolorosas marcas dos preconceitos que enfrentei. Tudo isso fez com que me despertasse o desejo de compreensão de práticas pedagógicas que estão no entorno da Educação do Campo. Além disso, o caráter poético, filosófico e

literário desse estudo, se ilustra pelo meu gosto pela poesia e pela escrita de poemas que surgiu desde minha infância como forma de lidar com meus silêncios.

Gostaria de destacar que, realizar esta pesquisa foi como unir minhas memórias e linguagens e usá-las para descrever e analisar a construção do contexto do presente estudo. Conhecer a Licenciatura em Educação do Campo da UFV me permitiu viver novas concepções de campo, me proporcionou olhares que nunca haviam sido possíveis, porque eu cresci vivendo-os como sinal de atraso, mas sempre é tempo de mudanças e de (re)invenções, é tempo de existir - de despir-me dos silêncios.

Minhas experiências durante toda a graduação em Pedagogia foram voltadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA), e eu não me imaginava alçando outros voos. Até porque fui e sou completamente apaixonada pela alfabetização de adultos. Mas, fui surpreendida na entrada para o Mestrado, quando Willer⁵ - meu orientador - sugeriu que pesquisássemos sobre/com os educandos e educandas da Licenciatura em Educação do Campo. Senti uma mistura de medo e curiosidade, entusiasmo e insegurança, afinal, foi aí o meu primeiro contato com o paradigma da Educação do Campo. Assim, entre estranhezas e encantamentos, fui tomada por mundos de novidades, que aperfeiçoaram os propósitos desta pesquisa.

Acredito que as relações de proximidades e afinidades construídas junto à LICENA e minha identificação com os educandos e educandas do curso, foram as maiores condutoras da minha trajetória enquanto pesquisadora. Isso me permitiu compreender e vivenciar outras concepções de campo, interferindo diretamente na minha auto resignificação enquanto camponesa.

Logo no primeiro contato com o curso, comecei a refletir e questionar-me sobre práticas textuais no contexto da realidade de educandos e educandas provenientes do campo. Isso brotou na primeira vez que vi a LICENA - foi em fevereiro de 2015, data em que tive a primeira conversa com meu orientador - e não por acaso, aconteceu no espaço em que a turma do ano de 2014 Sementes do Amanhã⁶ se encontrava em atividades. Meu coração pareceu estremecer ao ver aquela grande roda de gente no salão do Departamento de Artes e Humanidades da UFV, falavam sobre sujeitos e territórios e estudantes liam em voz alta a descrição das atividades. Percebi que faziam com receio,

⁵ Optei por narrar essa dissertação contando as vivências ocorridas no decorrer do trabalho de pesquisa, portanto a cada vez que aparecer o nome Willer, refiro-me a meu orientador- Willer Araujo Barbosa.

⁶ Sementes do Amanhã é o nome da turma da Licenciatura em Educação do Campo-UFV de 2014.

em tons mais baixos ou com certa dificuldade. E ali mesmo Willer instigou-me a refletir sobre tal fato - o que se tornou meu novo campo de pesquisa.

Iniciaram-se outros encontros, vivi encantamentos, afetos tristes e alegres, amorosidades e amadurecimentos. Sobrevivi a momentos de intenso caos, que me afetaram pessoalmente e academicamente. Quando nos propomos a trazer para a universidade outras formas de conhecimentos, corremos o risco de sofrer e o lado artístico e poético nem sempre é visto com bons olhos no meio acadêmico. Mas, eu me escondi a vida inteira, sufoquei minha arte e pretensão poética por tantos anos, seria triste demais não deixá-la florescer.

Em fevereiro de 2015 aconteceu a matrícula da turma Semeando Saberes⁷ da LICENA na Universidade Federal de Viçosa. No mesmo dia os/as estudantes receberam papel pardo e orientações para construírem em casa de forma ilustrativa, suas histórias de vida. Considero importante destacar que não tive a oportunidade de estar presente, mas meu orientador, educadores(as) e estudantes me contaram sobre tal dinâmica.

O material foi socializado no mês de março, logo no início das aulas, e se tornou parte principalmente da disciplina História e Memória da Linguagem e foi base para a construção de um livro de Memórias da turma. Neste sentido, uma das propostas de nossa pesquisa foi a realização de apreciações estéticas desses cartazes artísticos, o que nos levou a buscar compreensões das concepções de campo produzidas pelos(as) estudantes.

Enquanto pesquisadora envolvida por produções textuais, comecei a pensar nas minhas experiências como estudante no Ensino Básico e o quanto me incomoda refletir, sobre a forma técnica e tradicional com que a literatura e a produção de textos na maioria das vezes são trabalhadas nas salas de aula. Neste sentido, algumas pesquisas na área da Educação do Campo também me mostraram essa problemática, o que pode ser encontrado em Alencar; Amaral; Neto (2012) e Dália; Mascarenhas; PIO (2011).

Estes estudos se direcionaram a Escola de Acampamento, Escola de Assentamento, Escola da Fazenda, Escola das Águas, Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs) e Licenciatura em Educação do Campo. Apesar de serem contextos distintos, todos apontam para a mesma direção, alertando-nos sobre a função prioritariamente técnica e tradicional das práticas textuais no cenário educacional.

⁷ Semeando saberes é o nome da turma da Licenciatura em Educação do Campo-UFV de 2015.

Além disso, existe o reforço da formação com prioridades urbanocêntricas, acentuando-se o preconceito e a desvalorização do campo. Assim, as práticas textuais são consideradas como caminhos para uma formação voltada apenas para o mercado de trabalho, reforçando-se as relações capitalistas. Não há o trabalho com a arte e com o uso poético das palavras, em contraposição alguns educandos(as) desenvolvem suas práticas literárias sem o incentivo escolar.

Na instituição o educando(a) é obrigado(a) a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, seu texto será julgado e/ou avaliado segundo critérios rígidos. Neste sentido, a escrita e a leitura são vistas como produções para a instituição de ensino e não para o/a próprio(a) educando(a). Na maioria das vezes, são forçados(as) a ler e escrever para passarem por processos avaliativos (BRITO, 1997).

Considerando essa situação, muitos educandos(as) chegam no Ensino Superior apresentando dificuldades e resistências relacionadas à produção de textos, talvez por consequências das experiências vividas mais cedo nas escolas. Deste modo, percebemos também na LICENA algumas inseguranças relacionadas às práticas textuais. Muitas vezes, em momento de aulas ou em espaços informais os próprios educandos(as) expressavam o desânimo com textos, descrevendo a falta de hábito de leitura e escrita. Neste sentido, durante o ano de 2015 (a partir do mês de maio) realizamos cinco oficinas pedagógicas textuais em forma de Instalações Artístico-Pedagógicas.

O conceito de Instalações Artístico-Pedagógicas, se caracteriza por romper com os formatos tradicionais de exposição da arte. Esse dispositivo busca criar uma ambiência composta por elementos da realidade em sua dimensão estética. Com isso, propõe-se a suscitar problematizações e reflexões acerca do tema que se pretende trabalhar. Portanto, podemos entender todos os espaços da universidade como passíveis de se tornarem Instalações Artístico-Pedagógicas, sejam laboratórios, estábulos, gramados, entre outros (BARBOSA, et al. 2013).

Considerando a realização das oficinas, quatro delas foram abertas às turmas de 2014 e 2015, contando com maior participação da turma de 2015 Semeando Saberes. O objetivo geral das mesmas foi desconstruir a insegurança de escrever e instigar a criatividade textual dos/das participantes. Para isso foi utilizada a arte, a literatura e a preparação estética do ambiente, no desejo de inspirar os educandos(as) a expressarem os seus enunciados enquanto sujeitos pessoais e sociopolíticos.

Essas oficinas foram realizadas por demandas do curso e fizeram parte do cronograma de atividades da LICENA, o que de início não as caracterizava como parte dos estudos desta pesquisa. Porém, considerando que elas foram elementos importantes para o processo de construção de novos conhecimentos, nos propusemos a também estudá-las e compreender possíveis sentidos que nelas se fizeram existir.

É neste contexto de produção artística que começamos a nos indagar, sobre onde estaria a arte, a literatura e a linguagem poética no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem. Sem lugar? E na LICENA, ocorrem essas intervenções? Quais possíveis sentidos se manifestam nos textos que são produzidos na perspectiva artística? O que pode acontecer quando a arte se faz existir com a educação? Essas são algumas questões que foram nos afetando, instigando-nos a seguir nos caminhos de uma pesquisa de caráter artístico, poético e literário.

Ainda nos perguntamos, quais possíveis sentidos dos textos produzidos pelos educandos e educandas da LICENA, nos cartazes artísticos e durante as oficinas? Como aconteceram as oficinas artístico-pedagógicas? Quais as concepções de campo produzidas nos textos dos Educandos(as)? Houve presença de poesia nos textos e espaços acompanhados com a turma? Quais as relações entre as produções dos cartazes e as das oficinas?

Embasados nessas questões, o objetivo geral da pesquisa foi descrever possíveis sentidos das produções textuais realizadas principalmente pelos educandos(as) da turma Semeando Saberes da LICENA, no contexto da matrícula na UFV⁸ e das oficinas artístico-pedagógicas. Especificamente compreender por meio dos textos a concepção de campo produzida pelos educandos(as); descrever a ação das oficinas artístico-pedagógicas; identificar a presença de poesia nos textos acompanhados; buscar relações entre os materiais das oficinas e os cartazes produzidos na chegada dos educandos(as) na LICENA.

Acreditando nos pressupostos da Filosofia da Linguagem, nas contribuições da linguagem poética, da poesia e da arte, alguns autores e autoras foram-nos de extrema importância. As referências consultadas foram principalmente Roland Barthes e Mikhail Bakhtin, na perspectiva de compreensão da Filosofia da linguagem; Edgar Morin para tratarmos do amor e da poesia; Herbert Read para o estudo da Educação através da arte;

⁸ Como mencionado anteriormente, no ato da matrícula, os/as estudantes da turma Semeando Saberes receberam papel pardo e orientações para produzirem em casa cartazes artísticos que tiveram por finalidade representar suas histórias de vida.

Boaventura para a racionalidade estético-expressiva; Martine Joly e Alfredo Bosi para análise de imagens. Além disso, nos inspiramos na Pedagogia freiriana e freinetiana e na linguagem de Jorge Larrosa e Manoel de Barros para a construção do nosso trabalho.

A presente pesquisa foi se aprimorando com nossas inquietações em relação às práticas textuais dos/das estudantes da LICENA, ao percebermos que muitos(as) apresentavam algumas dificuldades e resistências relacionadas à produção de textos. Isso se tornou cada vez mais evidente por meio de participação nos espaços das aulas, ouvindo falas dos educadores e educadoras, nos momentos de interação, preparação para a Troca de Saberes⁹, entre outros espaços. Destaco também os momentos informais, que foram de extrema importância para o delineamento desta pesquisa. Eles permitiram que se tecessem relações de afeto, amorosidades e emoções, além de demonstrar os anseios dos estudantes em relação às práticas textuais.

⁹ Por mais de 80 anos, realiza -se na UFV a tradicional Semana do Fazendeiro, que agrega agricultores do Brasil e de outros países. É uma grande feira, em todos os sentidos. Em meio a essa feira, foi nascendo, aos poucos, o projeto Troca de Saberes, que, com base nos referenciais freirianos, visa reunir agricultores familiares da Zona da Mata mineira, para que eles possam apresentar suas iniciativas e práticas agrícolas e de organização popular. O grande diferencial são as instalações artístico-pedagógicas, preparadas por eles mesmos, onde também se realizam diversos Círculos de Cultura, promovendo processos de aprendizagens. Valoriza-se, sobretudo, o conhecimento que o homem e a mulher do campo trazem. Há encontros, nessas oficinas, de cientistas da universidade com esses agricultores. O cientista explica, tendo como referência as bases da ciência, e o agricultor também explica, baseado em suas experiências empíricas. Desses momentos, têm nascido inúmeras parcerias em projetos de pesquisa, ensino e extensão, unindo as duas dimensões dos saberes (MARI et.al., 2014).

I-Sou camponesa. Sim, eu sou!



Fotografia 4- Minha casa- Sítio Fundaça, Zona Rural do Município de São Miguel do Anta- MG, março de 2015. Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Utilizo a fotografia da minha casa para dizer-me camponesa. Essa imagem está impregnada de sentidos, quando olho para a garrafa vermelha no meio do terreiro, permito que ela me conte histórias que seriam capazes de narrar a minha vida; faz-me lembrar de todas as vezes, que ao lado de minhas irmãs, precisávamos carregá-la cheia de água, para matar a nossa sede na lavoura de café. Faz-me pensar na luta dos meus pais com o trabalho na roça e de tudo que nos ensinaram a ser e fazer.

Essa garrafa me faz pensar em cada saquinho enchido de terra para a preparação do plantio das sementes de café; em cada mudinha nascida, crescida e que depois se torna de novo café; café que vai até hoje para as nossas mesas; faz-me lembrar do barulhinho da torradeira sendo manuseada cuidadosamente pelas mãos de minha mãe.

Sim, é a garrafa da minha infância, como pode uma garrafa velha provocar emoções? As mudas dentro da caixa são de abacate, meu pai faz e planta-as pelo quintal ou no meio das lavouras. As flores e a cruz representam a imagem de minha mãe, que sempre cuida de tudo com amor; ela tem as suas crenças, sua fé. Desde criança, até hoje, nos coloca para cortar papel para enfeitar a cruz, “ela precisa ir bonita para o céu no dia de Santa Cruz”.

A imagem dessa casa exala a minha poesia de viver. Além de camponesa, carrego dentro de mim grande paixão pela poética da vida, o que se concretiza na escrita de meus poemas.

A poesia tem a capacidade de revelar os meus limites, meus pensamentos e verdades, deixando-me sempre em variáveis processos de construção humana, política e social. Vivo uma incansável busca da retirada do vazio do papel, pensando que assim me livro também de minha própria solidão desenfreada...

CAPÍTULO I- ENTRE CAMINHOS E ENCRUZILHADAS: A PESQUISA E MEUS “ENCONTROS” COM A LICENA

1.1-A construção da pesquisa: Andar no brejo e achar sapo

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é defeito de nascença isso.

Manoel de Barros (2006)

A chegada nem sempre é fácil, há sempre várias estradas, encruzilhadas e obstáculos, mas, talvez seja isso o que faz a caminhada se tornar bonita – e sempre haverá flores entre as pedras. De tal modo, houve várias possibilidades para a realização deste trabalho, apresentamos e justificamos a partir de agora as nossas escolhas.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, se ocupando com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, como já vimos explicitando. Isso é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, DESLANDES E GOMES, 2011). Assim, o cunho qualitativo do estudo é explicado pela necessidade de compreensão de relações, de experiências e possíveis significados produzidos pelos educandos(as) enquanto autores(as) de suas produções textuais.

Antes de chegar nas produções textuais dos/das estudantes que são os elementos empíricos da dissertação, optei por dialogar com autores e autoras sobre temáticas deste estudo. Além disso, narrei meus encontros com a LICENA e a forma como percebi a manifestação da linguagem poética e da poesia no contexto pesquisado.

De tal modo, a narrativa

contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. A consonância com tal modo de pensar a experiência e a narrativa como a sua expressão, levam-nos a eleger a narrativa como uma técnica metodológica apropriada aos estudos que se fundamentam nas idéias fenomenológicas e existenciais (DUTRA, 2002, p. 373).

Também,

o pesquisador participa em todas as suas dimensões existenciais, como profissional e pessoa, ou seja, na sua totalidade, naquele momento ali presente da sua vivência. Existimos, naquele momento, como seres-com; numa imbricação impossível de ser definida ou classificada como mundo interno e externo ou como dentro e fora. A sua experiência narrada toca a nossa experiência de viver aquele momento. Os afetos, a nossa disposição afetiva, estão ali, atuantes. Ou seja, existimos naquele momento, com um afeto, um humor, ou estado de espírito. Por isso o pesquisador não se coloca como alguém indiferente ou inatingível pelo que está ocorrendo. Ele vive ali, existe na experiência do outro, que se articula com a nossa experiência (DUTRA, 2002, p. 377).

Portanto, nas narrativas se fazem presente as marcas do/da pesquisador(a), tanto é que Benjamin (1994), nos presenteia ao dizer que se imprime na narrativa a marca do narrador(a) como a mão do oleiro na argila do vaso. Além disso, seguimos os rumos de uma pesquisa em formato autobiográfico, propondo, assim narrativas das minhas próprias experiências enquanto forma de diálogo com o presente estudo.

A autobiografia para Abrahão (2004), faz com que as pessoas se desvelem para si, e se revelem para os outros(as), como uma história autorreferente dotada de significados. A autobiografia como recurso de investigação pode ser vista como maneira de reflexão dos momentos pessoais e profissionais, sendo uma forma de olhar para o futuro e não para o passado (NÓVOA, 1992). A autobiografia nos faz questionar, revisitar o vivido e reconstruí-lo. No momento em que leio as produções textuais da LICENA, ao apreciá-las, revejo muitas vezes a minha história.

Na perspectiva de compreensão de possíveis sentidos que englobaram os processos textuais produzidos durante as oficinas textuais, bem como os demais ocorridos com a turma de 2015 no contexto da matrícula, reforçamos a pesquisa documental. Foram utilizados todos os documentos artístico-pedagógicos produzidos nas oficinas e os quadros artísticos (cartazes) produzidos pelos educandos(as) logo na chegada na LICENA (matrícula).

A pesquisa documental muito se assemelha à pesquisa bibliográfica, a diferença está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se vale das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto, a documental utiliza-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, as fontes são diversificadas e dispersas, por exemplo, materiais em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como igrejas, sindicatos, entre outros. Incluem-se também vários outros documentos, como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, etc. Há também os

documentos que já foram analisados, tais como relatórios de pesquisa e relatórios de empresa, entre outros (GIL, 2007).

Gostaríamos de destacar que, foram organizadas em formato de livro-relatório todas as produções textuais surgidas nos encontros das oficinas textuais. Durante as mesmas foram construídos, enquanto elementos estéticos, palavras, desenhos, poemas, cartas, narrativas, histórias, enunciações orais (que foram registradas por escrito em cadernos de anotações), entre outras expressões da linguagem. Além disso, existem registros que nos auxiliaram neste trabalho, dentre eles caderno de relatórios, programação, fotografias, filmagens e avaliações escritas pelos(as) participantes. Para tal, narramos as significações presentes nas ilustrações e nos textos escritos que acompanhamos.

Destacamos também que, não estava em nossos planos a realização de observações, mas após realizar meu Estágio em Ensino¹⁰, senti que era impossível não apresentar minhas vivências junto aos educandos(as). O que para mim foi muito além da observação participante, pois muitas vezes vivi momentos que perpassaram o simples ato de observar e participar. Foram encontros com a LICENA e com seus protagonistas, portanto, não chamarei de observação participante, para não diminuir a intensidade de minhas vivências; talvez possa chamar de encontros.

O pré-requisito para a escolha dos cartazes artísticos foi a participação nas oficinas artístico-pedagógicas. Para isso, a seleção se iniciou com aqueles que participaram de pelo menos duas oficinas, foram então 6 estudantes. Em seguida, escolhemos mais 4 educandos(as) que participaram apenas uma vez, mas que de alguma forma chamou-nos atenção, seja pelas produções e/ou pelas relações produzidas durante o encontro. De tal modo, optamos pela utilização de nomes fictícios durante toda a dissertação, pois as produções artístico-textuais estão registradas em uma espécie de livro-relatório e seguimos com os mesmos nomes imaginários.

Neste sentido, essas 10 pessoas, foram as protagonistas de nossa pesquisa, damos a elas os nomes, Bela, Bia, Antônio, Lucas, Miguel, Luara, Pedro, Ana, João e José – principais estudantes que tiveram parte de suas histórias e produções narradas.

Em um próximo momento, descrevemos as ações das oficinas artístico-pedagógicas e apreciamos os documentos a elas relacionados, ou seja, as produções dos

¹⁰ Estágio em Ensino realizado na disciplina História e Memória da Linguagem com a LICENA. O mesmo aconteceu como cumprimento de parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (PPGE/UFV).

participantes, palavras, desenhos, poemas, entre outras. As fotografias particulares, registros dos organizadores, relatos escritos, anotações e programações, também foram acompanhados.

Realizamos uma espécie de sequência narrativa, que foi realizada a partir das temáticas presentes nas produções. Assim, os textos foram acompanhados e tiveram seus sentidos narrados de acordo com aquilo que produziram em nós (leitor e leitora). Isso permitiu que as ilustrações e palavras escritas fossem se interligando sequencialmente, ganhando forma descritiva e colocando-nos de frente ao contexto da dissertação.

Ao final buscamos relações entre os cartazes produzidos no contexto da matrícula e os textos das oficinas artístico-pedagógicas. Reafirmamos a nossa percepção de que os sentidos são múltiplos e variam de leitor(a) para leitor(a). Portanto, não desejamos em momento algum impor nossas leituras e sim demonstrá-las como possibilidades.

1.2 – Como linhas de romance

Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene.

Manoel de Barros (1996)

Sinto uma enorme afeição pela palavra amor, quando corro meus olhos sobre ela, penso que poderia ficar admirando as curvas de suas letras e imaginando suas intensidades: intensidades das letras, intensidades do ato de amar. Vivo vários sentidos do complexo do amor, concordando com Morin (2005) quando destaca que “a palavra complexo deve ser entendida em seu sentido literal: *complexus*, aquilo que se tece em conjunto” (MORIN, 2005, p. 16).

O amor é algo único, como uma tapeçaria que é tecida com fios extremamente diversos, de origens diferentes. Por trás de um único e evidente “eu te amo” há uma multiplicidade de componentes, e é justamente a associação destes componentes inteiramente diversos que faz a coerência do “eu te amo” (MORIN, 2005, p.16).

O amor enraíza-se em nossa corporeidade e assim podemos dizer que ele antecede a palavra. O amor evidentemente pressupõe a linguagem, assim o amor decorre também da linguagem. Então, o amor procede da palavra e precede a palavra, é

por ela que podemos circundar ou construir o amor (MORIN, 2005). Mas, o que é o amor? Complexo demais para compreendermos seus sentidos...

Corroboramos a ideia de Morin (2005, p. 10) de que,

o nosso cotidiano vive sempre em busca do sentido. Mas o sentido não é originário, não provém da exterioridade de nossos seres. Emerge da participação, da fraternização, do amor. O sentido do amor e da poesia é o sentido da qualidade suprema da vida. Amor e poesia, quando concebido como fins e meios do viver, dão plenitude de sentido ao “viver por viver”.

Assim, amor e poesia são aquilo que nos faz viver com mais vontade de viver. O amor nos provoca as mais complexas sensações e gostaria de destacar agora um acontecimento que me fez sentir como é bom amar o outro(a) pelo simples fato de amar. O que aconteceu foi no contexto dessa pesquisa e seria doloroso demais desvincular meus sentimentos da minha percepção de pesquisadora: _ Vou chamar de Bela uma educanda da LICENA que me permitiu viver o complexus do amor. Eu te amo, esta profunda expressão fez meu coração se encher de esperança, de ternura e alegria, afinal o que levava uma educanda a amar-me? Talvez suas palavras e seu olhar dócil tenham feito com que eu também a amasse tanto.

Antes de qualquer coisa, descreverei um pouco da história de Bela, ela é uma camponesa de 20 anos de idade, mora no interior de uma cidade do Noroeste do Estado do Espírito Santo. Segundo Bela, sua mãe sempre diz que ela foi criada dormindo debaixo dos pés de café. Portanto, desde cedo aprendeu a se relacionar com a terra e com o campo. Ela faz parte de uma família camponesa agroecológica e enfrenta vários desafios cotidianos e o maior deles, diz respeito ao monocultivo e ao alto uso de agrotóxicos, uma vez, que se encontram em sua comunidade grandes produtores de café que realizam tais práticas.

Bela faz parte do Movimento dos Pequenos Agricultores(MPA) em sua comunidade, que de acordo com ela é de grande importância para sua família, que atualmente passa pela transição agroecológica, trabalhando na produção de alimentos saudáveis. O MPA surgiu em sua comunidade no ano de 1996 e desde então a família de Bela participa do movimento. Ela começou a contribuir de forma mais específica com o mesmo no ano de 2015 no Coletivo de Educação - trabalhando com debates sobre a Educação do Campo e promovendo a formação de crianças através de cirandas educativas.

Atualmente ela faz parte do Coletivo de Comunicação - que tem por objetivo cuidar da publicidade e divulgação do MPA - desse modo Bela se responsabiliza por cuidar das matérias para o site do movimento e cobrindo eventos realizados. Para Bela, a atuação no MPA contribui para a sua formação política, além disso, ela conta com o apoio da Escola Família Agrícola (EFA¹¹) onde estudou e se formou em Técnica em Agropecuária - a mesma em que realizou sua inscrição para o processo seletivo da LICENA.

Bela contou-me sobre sua satisfação em ter estudado na EFA, o que contribuiu para a sua formação pessoal e sociopolítica e possibilitou que trabalhasse na assistência técnica de sua propriedade. Para ela, a escola e o MPA são seus maiores parceiros e formadores. Ela percebe forte ligação entre esses movimentos e os pressupostos da LICENA de construção de uma educação específica para as pessoas do campo. Muitas vezes, ela me contou sobre sua felicidade e gosto pelo seu lugar de vida, mesmo com todas as dificuldades encontradas.

Após descrever um pouco sobre Bela, gostaria de destacar o que aconteceu no final do TEsc de julho de 2015. Quando acompanhava a finalização da disciplina História e Memória da Linguagem, a educadora conduziu uma dinâmica e convidou-me para participar juntamente aos educandos(as). Ela pediu que cada pessoa escrevesse em um papel qual era o seu estado de espírito naquele momento, como cada um estava se sentindo. Não precisei pensar para escrever a palavra APAIXONADA.

Fomos convidados(as) a colar sobre o peito aquela palavra e caminhar pelo espaço em busca do encontro de uma pessoa que estivesse com um sentimento semelhante ao nosso. Por incrível que pareça o meu encontro foi com a Bela que tinha sobre o seu peito a palavra SATISFEITA. Bela olhou-me e disse: acho que nossas palavras se parecem e de acordo com o pedido da educadora, estávamos ali paradas, de mãos dadas e nos olhando nos olhos.

Naquele instante eu gostaria de ter entendido porque Bela chorava enquanto me olhava tão profundamente. Assim como eu gostaria de entender porque as minhas lágrimas estão caindo neste momento, enquanto relembro e relato aquela cena que para mim foi de intenso amor. Naquele instante eu só conseguia olhar de volta nos olhos de

¹¹ Escola do campo que atende os pressupostos das Alternâncias, visa atender as especificidades dos camponeses(as), surgiu na França por volta do ano 1935, acontecendo a primeira experiência brasileira no Espírito Santo-MG.

Bela, enquanto ouvia as palavras da educadora, nos incentivando a sentir o mundo do outro(a). Fomos tomadas por grande emoção que foi suavizando naquele abraço apertado e delicado.

O amor carece de palavras e cada uma das que foram pronunciadas naquele instante, me fizeram acreditar e vivenciar as profundidades do ato de amar. Após a atividade conversamos pelo facebook¹² e Bela contou-me do seu choro, disse que não se conteve e que foi forte demais estar ali ao meu lado me olhando, falou também da afinidade e da paz que sentia em minha companhia e como me amava. E tudo aquilo era recíproco demais, porque eu também a amava da mesma maneira que me contava.

Essa não foi a única vez que Bela chorou e me olhou de forma intensa, aconteceu também durante os momentos de oficinas pedagógicas textuais que serão posteriormente descritos detalhadamente. Ainda hoje, a cada (re)encontro posso encontrar amor em teus olhos, que se concretizam em abraços, palavras e troca de conhecimentos.

O que eu quero dizer com tudo isso é que as relações afetivas permitiram com que Bela se entregasse ao que estava fazendo. Seja nas aulas, nas oficinas ou em outros espaços, sempre percebi nela grande entusiasmo para realizar suas atividades. Isso só me faz pensar que os seres humanos são múltiplos e que podem aprender de variadas maneiras. De tal modo, acabei compreendendo que Bela se entregava mais às atividades que levavam em consideração a sensibilidade e a arte.

Em qualquer intervenção, participação nas aulas e organização das oficinas textuais com a LICENA sempre levei comigo a poética, a poesia e meus poemas. Comecei a perceber como os educandos e educandas se sentiam afetados, manifestando-se em muitos deles/delas reações de maior entusiasmo e interesse pelo que estavam fazendo. Ainda hoje, muitos(as) me perguntam sobre as oficinas e poesias e descrevem o quanto gostavam de participar dos momentos poéticos.

Para o momento, gostaria de deixar claro que o conceito de amor que estabeleço é voltado ao cuidado com o outro(a), ao respeito e à afinidade, amor que se tece em conjunto e que se ama pelo simples fato de precisarmos do amor. “O importante na vida é o amor. Com todos os perigos que ele contém” (MORIN, 2005, p. 67).

¹² Rede social lançada em 2004, fundado por estudantes da Universidade Harvard. Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos.

Preciso descrever que por várias vezes me perguntei se seria certo me envolver tão afetivamente com os protagonistas da minha pesquisa, afinal, ouvimos e lemos constantemente que precisamos ter certos cuidados ao pesquisar. Para muitos isso pode ter sido um grande erro, mas foi o modo como eu consegui ser pesquisadora, o que não quer dizer que eu não tenha sido séria com o meu trabalho.

Assim como descreve Huston (2010, p. 25) “todos nós arquitetamos romances para contar a nossa estadia na terra. Melhor ainda: nós somos esses romances!”. E é isso que dá sentido à existência da maioria das pessoas. Além disso,

o amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências (MATURANA, 2002, p. 67).

Isso, sem exigências! Foi assim, o meu contato com a LICENA, sem requisições. Aceitamo-nos como legítimos no processo de ensino-aprendizagem e nas interações que construímos. Contudo, o amor também sofre suas negações e percebemos isso constantemente na relação com o outro(a) e no cenário da sociedade atual.

Assim, por exemplo, toda a dinâmica de criar consciência de guerra, como ocorre quando há uma luta com outro, consiste na negação do amor que dá lugar à indiferença, e, logo, no cultivo da rejeição e do ódio que negam o outro e permitem sua destruição ou levam a ela” (MATURANA, 2002, p. 67).

Portanto seria incoerente dizer que só existiu amor, preciso aceitar também, a sua negação e a não compreensão de muitos(as). E deste modo, “o amor nos faz descobrir, igualmente, a verdade do outro” (MORIN, 2005, p. 30). É de tal maneira que, “a autenticidade do amor não consiste apenas em projetar nossa verdade sobre o outro e, finalmente, ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro” (MORIN, 2005, p. 30).

Ainda Morin (2005, p. 31) descreve que,

projetamos sobre o outro nossa necessidade de amor, fixamo-lo e o endurecemos, ignoramos o outro, transformando-o em nossa imagem e totem. Efetivamente, aqui reside uma das tragédias do amor: a incompreensão de si e do outro. Mas a beleza do amor, que reside na interpenetração da verdade do outro em si, implica encontrar sua verdade através da alteridade.

Tudo isso me fez refletir sobre a forma que busquei amar o outro(a) em sua condição de ser outro(a), outros e outras em construção. Foi neste amor que permiti-me contaminar pelas verdades dos educandos e educandas da LICENA, me levando a mostrar também as minhas, com respeito e cuidado a existência alheia - foram bons encontros- soaram-me como poesia.

1.3 – Por onde passei encontrei-me com poesia...

Poesia é o mel das palavras! Eu sou um enxame!

Manoel de Barros (2006)

Manoel de Barros é um dos poetas que mais estimo, me encanto pelas suas palavras que exalam poesia e insignificâncias. O insignificante sempre me chamou atenção, aprendi desde cedo a gostar daquilo que parece não ser nada, aquilo que poucos projetam seus olhares.

Desde os meus primeiros momentos com a LICENA o que mais me atraiu no curso foi a forma artística com que alguns espaços foram conduzidos. Sinto-me preenchida a cada vez que percebo a poesia se expressando em palavras, canto, danças, desenhos, ambientes, entre outros. Poesia que no contexto do curso sempre se expressou de forma política e social; poesia engajada na luta dos povos camponeses; poesia que é muito mais do que linguagem bonita; é a poesia do grito, a poesia da manifestação, é criação. Mas, é também a poesia dos sentimentos.

Para Herbert Read, a Educação existe pela arte, assim ela é (ou deveria ser) vista como meio educativo.

[...] A arte está profundamente envolvida no processo real de percepção, pensamento e acção corporal. Não é tanto um princípio orientador a ser aplicado à vida, mas um mecanismo orientador que só pode ser ignorado por nossa conta e risco (READ, 1958, p. 27).

Cabe dizer que a arte por nós defendida é a arte que transforma e nos faz transformar. A arte que incomoda, mas também a que comunica e se manifesta em linguagem, ao tempo que nos permite lutar, amar, ensinar e aprender.

A chegada da turma de 2015 na UFV aconteceu em comunhão com minha entrada no Mestrado. Conheci a turma no momento em que todos estavam também se

conhecendo, o que aconteceu no Recanto das Cigarras¹³ em março de 2015, com a acolhida dos educadores(as) do curso. Logo naquele primeiro contato, entendi que me encontraria com distintas realidades poéticas.

Neste dia, dentre várias dinâmicas, uma em especial chamou-me muita atenção, formaram-se grupos de aproximadamente dez pessoas e cada um deveria criar uma apresentação artística e em seguida apresentar-se para o coletivo. Surpreendi-me com tanta poesia envolvida nas danças, músicas, palavras, gestos, capoeira, etc. Eu não estava apenas observando, tive a oportunidade de participar de um dos grupos. No momento de nossa apresentação, nos colocamos no centro de mãos dadas formando uma roda, em seguida dois educandos jogaram capoeira enquanto cantávamos uma canção.

Ali ouvi pela primeira vez a expressão: A LICENA pede licença: Presença!¹⁴ E aquele grito coletivo fez meu coração vibrar, me levando a pensar que era um direito meu estar ali, foi justamente naquele momento que comecei a ressignificar o que eu chamava de campo.

Foi indescritível a minha sensação, esqueci completamente por alguns instantes o meu papel de pesquisadora. Eu me senti uma camponesa em seu meio, me senti pela primeira vez de tantas outras, como educanda da LICENA. Quantas vezes me emocionei nos espaços acompanhados, que eram para mim como libertação. Deste modo, sempre me enxerguei, também como suposta educanda do curso, que aprendia algo a cada novo encontro.

Logo adiante, comecei o meu Estágio em Ensino na disciplina História e Memória da Linguagem. Ao chegar na turma pude auxiliar nas atividades, aprender e compartilhar experiências, além disso encontrei-me com muitas poesias no contexto das aulas, o que me fez atuar com grande prazer e desejo de ajudar.

Ao iniciar as atividades nas aulas a educadora sempre colocava no centro da sala algum objeto inspirador para o início e que poderia ser lembrado até o término do

¹³ A área do campus da UFV conhecida como Recanto das Cigarras é uma reserva biológica criada artificialmente no local onde, nos primórdios da universidade, foi um cafezal. Foram introduzidos espécimes nativos da Mata Atlântica, bem como outras plantas exóticas, que aos poucos se misturaram à vegetação surgida da ação espontânea da natureza, que completou o que a ação humana começara. Essa área é utilizada também pelos alunos e professores dos cursos de graduação, como um laboratório para aulas de campo; servindo, ainda, como local de lazer à comunidade universitária e viçosense (BARBALHO, 2008.p, 23-24).

¹⁴ A mesma foi criada pelo coletivo do curso no início do ano de 2014 e desde então é utilizada em momentos em que o grupo deseja demonstrar “presença” nos mais variados espaços e contextos, como se fosse um grito bandeira de luta.

encontro. Todos os espaços aconteciam em círculos para que todos(as) pudessem se olhar e se sentirem próximos uns dos outros(as). A educadora utilizava um bastão da fala que era passado entre os educandos(as) no momento de socialização, na expectativa de estimular os mesmos(as) na linguagem oral.

Observei, vivenciei e experimentei a relação educadora-educandos(as) e a forma como eram conduzidas as aulas. Percebi que o diálogo e o respeito ao outro(a) se faziam sempre presentes, o que tornava o ambiente mais formidável para a aprendizagem. A disciplina aconteceu de forma dinâmica, participativa, poética e artística.

Pensando minhas memórias, enquanto pesquisadora e estagiária na disciplina supra referida, o TEsc de julho de 2015 foi o que mais me afetou, tirando-me completamente do meu lugar supostamente cômodo. Portanto, gostaria de descrever alguns momentos, sufocaria se guardasse-os apenas para mim.

Neste período na universidade, além das aulas, os educandos(as) atuaram na organização da Troca de Saberes. Para o contexto das aulas e do evento, a educadora orientou a turma na formulação de uma carta aberta que teve por finalidade apresentar a LICENA à comunidade universitária. Para isso, ela solicitou que a turma se dividisse em três grupos, cada um se responsabilizando pela escrita coletiva de um tópico da carta.

Acompanhei o grupo responsável pelo tópico: O que é a Agroecologia e a Agricultura Familiar? Enquanto os integrantes conversavam e falavam as frases, fui anotando-as de acordo com o que pediam:

O curso da LICENA da Universidade Federal de Viçosa envolve estudantes de diferentes origens e especialmente agricultores e agricultoras familiares que trabalham pela transição agroecológica. A agroecologia apresenta a sua base relacionada ao respeito à terra, visando uma produção sustentável, proporcionando assim, melhor qualidade de vida para a sociedade. A agricultura familiar por sua vez, conduz um trabalho mútuo com a terra, preservando os saberes tradicionais e manifestando uma forte identidade cultural, ocasionada pela união das famílias. Diante disso é de grande importância o acesso dos agricultores(as) familiares à uma educação vinculada à sua própria realidade, valorizando suas raízes e origens (LICENA, 2015).

Ao final da aula, a educadora uniu os parágrafos de cada grupo formando uma única carta, para isso os próprios educandos(as) leram e corrigiram-na coletivamente, posteriormente a mesma deveria ser distribuída na Troca de Saberes.

No momento desta atividade, percebi que a escrita coletiva auxiliou na produção do texto, mesmo com as dificuldades relatadas por alguns. Em concordância com Célestin Freinet e sua pedagogia, acreditamos que a cooperação livra-nos do individualismo, fazendo com que o conhecimento seja construído comunitariamente.

Na noite deste mesmo dia, auxiliei a turma na confecção do Livro de Memórias. A educadora pediu que eu levasse alguns dos meus poemas, caso alguém se identificasse poderiam ilustrar suas histórias com tais. Tamanha foi minha surpresa, encontrar vários dos meus versos na composição das histórias da LICENA, minhas linhas estavam ali misturadas às linhas de outras pessoas - já não eram mais minhas!

Enquanto auxiliava, participava e observava o momento artístico e poético e o manifestar das múltiplas linguagens. Um grupo de estudantes cantava algumas canções enquanto recortavam e ilustravam seus textos; algumas pessoas liam para o colega poemas que estavam por cima da mesa; outros(as) confeccionavam a capa do livro; escreviam suas histórias; alguns(as) trabalhavam individualmente, outros(as) coletivamente.

Havia uma grande sintonia entre a ação dos educandos(as) com a proposta do momento, demonstraram grande interesse e cuidado com a realização da atividade. Não havia um modelo pré-definido, cada um fez a sua maneira, deixando a condição do seu ser se manifestar nas produções. A turma foi dividida em equipes para a organização do livro: Confecção da capa e organização dos textos para serem costurados, o que ficou pronto no dia seguinte.

Vale destacar que, a disciplina História e Memória da Linguagem foi dividida em duas turmas pelo grande número de estudantes (assim como em outras disciplinas). Porém as educadoras planejavam as aulas em conjunto, o que permitia que todos os estudantes vivenciassem experiências semelhantes. De tal modo, foram construídos dois livros de Memórias, que fazem parte do arquivo da LICENA e guardam as histórias de vida dos educandos e educandas do curso.



Fotografia 5: Livro de Memórias de parte da turma Semeando Saberes.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

No final da semana do então TEsc de julho, iniciou-se a Troca de Saberes e estudantes principalmente da turma Semeando Saberes realizou a mística¹⁵ de abertura do evento, que foi ensaiada com uma das educadoras responsáveis pela disciplina História e Memória da Linguagem (a mesma que acompanhei no estágio em ensino).

Os estudantes fizeram a representação da Música de Gilvan Santos “*Não vou sair do campo*”:

Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola
O povo camponês
O homem e a mulher
O negro quilombola
Com seu canto de afoxé
Ticuna, Caeté
Castanheiros, seringueiros
Pescadores e posseiros
Nesta luta estão de pé
Cultura e produção
Sujeitos da cultura
A nossa agricultura

¹⁵ A Mística é um instrumento capaz de contribuir na construção da aprendizagem, educa, politiza, mobiliza e contribui para a consolidação da identidade cultural do sujeito, um elemento enriquecedor da educação do campo. A mística é essa força que invade o coração, o pensamento e a ação e se expressa em forma de compromissos, gestos, atitudes, beleza, garra, festa, cultura e companheirismo (disponível em <https://educacaodocampomariah.wordpress.com/2011/10/19/mistica-da-educacao-do-campo/>).

Pro bem da população
Construir uma nação
Construir soberania
Pra viver o novo dia
Com mais humanização
Quem vive da floresta
Dos rios e dos mares
De todos os lugares
Onde o sol faz uma fresta
Quem a sua força empresta
Nos quilombos nas aldeias
E quem na terra semeia
Venha aqui fazer a festa.

Esta música, muito utilizada nos encontros dos grupos camponeses é um dos exemplos de linguagem poética. A letra evidencia a Educação do Campo enquanto direito dos camponeses, demonstrando a diversidade destes povos e a busca pelo reconhecimento. Neste sentido, as manifestações pela e com a arte parece se mostrar de extrema importância na construção de saberes (LOPES; SOUZA, 2016) e preservação da identidade camponesa.

Relembramos aqui Morin (2005) quando descreveu o estado poético, de modo que a manifestação da arte em canto, dança, prazer e emoções nos revelam neste aspecto a presença da poesia e seu estado; a existência do gozo, do amor, da participação, ou seja, é a própria vida em manifestação poética.



Fotografia 6: Mística de abertura da troca de saberes, julho de 2015.
Fonte: página da Troca de Saberes na rede social Facebook, 2015.

Senti-me extremamente emocionada e afetada por essa manifestação da linguagem poética, entendendo a valiosidade da racionalidade estético-expressiva abordada neste trabalho.

O poeta Mário Quintana escreveu que chorar é lindo, pois cada lágrima na face são palavras ditas de um sentimento calado - eu chorei para que o meu sentimento de pertença ao que eu estava assistindo falasse. Não vou sair do campo pra poder ir pra escola essa expressão poética cantada na voz de uma estudante da LICENA provocou minhas memórias e meus sentimentos. Provocou-me também a imagem acima - a estudante indígena se mostrando emocionada e afetada ao atuar na mística.

A cada término de TEsc é de praxe ocorrer a avaliação por parte de educadores e educandos(as) do curso acerca do período na universidade. A avaliação do mês de julho de 2015 aconteceu no Departamento de Artes e Humanidades da UFV e de início a educadora conduziu uma dinâmica, pedindo que eu a auxiliasse. Enquanto acontecia a chegada dos/das estudantes, fui passando nas mãos daqueles que aceitavam, um óleo relaxante e logo ali, já se sentiam curiosos.

Enquanto isso, pedi para que cada um memorizasse o que eu iria dizer, a cada dupla que chegava uma pessoa ouviu pedra e a outra água. Assim, subiram as escadas e chegaram até a educadora que se encontrava sentada ao centro do ambiente. À medida que iam chegando, eram convidados a se deitarem no chão de olhos fechados, relaxarem a mente e descansarem os corpos.



Fotografia 7: Avaliação de Tempo Escola, julho de 2015.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

A educadora foi pronunciando palavras incentivando a todos(as) a relaxarem a mente e a refletirem sobre os acontecimentos do TEsc presente, o que para mim foi uma intensa representação de poesia. Olhar para todos(as) deitados(as) e concentrados(as) e ouvir aquelas palavras me fizeram desconectar dos meus medos, mais uma vez eu me senti em casa.

Logo depois, os/as nomeados(as) água foram convidados a se sentarem e a abrirem os olhos. Com alguns gestos a educadora reuniu todas as águas e discretamente pediu que tocassem as pedras. Ela continuou pronunciando palavras e delicadamente as águas tocaram as pedras, molharam e aliviaram seu cansaço. Naquele instante eu também fui água que molhou pedras, água que tocou nas mãos, na cabeça, nos pés, e nos braços daqueles outros(as) deitados(as) no chão.

Posso dizer que presenciei a manifestação das múltiplas linguagens por cada pedra que passei. Uma pedra em especial me emocionou, ao tocá-la nas mãos e massageá-las, sorri com seus olhos fechados, como se quisesse agradecer movimentando seus lábios.

Terminado o momento, a educadora pediu que as pessoas contassem sobre o que sentiram e como teria sido a experiência. Eu estava ali ouvindo as dificuldades da LICENA, o peso de saírem de casa e deixarem sua família, a sua realidade e seu mundo

em busca dos objetivos. Talvez tenha me afetado tanto, porque eu não enxergava todos aqueles discursos como apenas dos outros(as) mas como também meus.

Tudo isso que relatei também é linguagem, que chamo de vivência, de experiência.

Ninguém pode comer por nós; ninguém pode substituir-nos na necessária experiência que termina pelo andar a pé ou de bicicleta. Infeliz educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziria apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes, pois, quando crianças, não jogaram sua parte de pedras nos lagos (FREINET, 2004, p. 38).

Com isso Célestin Freinet nos alerta sobre a importância do acesso ao conhecimento pela experiência, pelo deixar-se descobrir vivendo. Não podemos impedir que as pessoas joguem pedras nos lagos e apreciem o movimento das águas, não podemos impedir que elas aprendam pelo ato de tentar por meio de sua realidade; não podemos deixar de jogar nossas pedras nos lagos. A educação deve permitir que as pessoas falem de si mesmas e dos outros(as) e deve levá-las ao acesso ao conhecimento considerando suas condições de existências.

Todos esses relatos demonstram o meu sentimento originário de encontros com poesias e de experiências que me aconteceram. De modo que, Larrosa (2004) nos conta que “a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa” (p. 154). E aprendi com Manoel de Barros que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com elas.

Ainda Larrosa (2004, p. 164) descreve que a experiência é uma paixão e que a palavra paixão pode referir-se a várias coisas e dentre elas,

a paixão funda, mais bem, uma liberdade dependente, determinada, vinculada, obrigada inclusive, fundada não nela mesma mas numa aceitação primeira de algo que está fora de mim, de algo que não sou eu e que por isso justamente é capaz de me apaixonar.

Deixo claro neste instante, que reconheço os outros modos de viver como extremamente importantes e não quero generalizar o que é belo, por compreender que ele existe de tantos outros modos. Tais narrativas fizeram parte do meu caminhar enquanto pesquisadora, permitindo com que eu vivesse junto e não apenas pesquisasse.

II-Uma Jéssica mudinha?

Escrever sempre foi a maneira mais livre de minhas expressões. Vivo em uma contínua pretensão poética e isso desde os meus primeiros riscos, que de início aconteciam em segredos revelados apenas a mim e aos meus cadernos. Minhas primeiras experiências relacionadas ao convívio social e às linguagens cotidianas não foram nada agradáveis.

O meu primeiro contato com a escola foi em minha própria comunidade- Sítio Fundação/Zona Rural do município de São Miguel do Anta - Zona da Mata, Minas Gerais. Foi ali que estudei até concluir a 2ª Série (atual 3º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental), ano em que a instituição veio a fechar devido ao baixo número de estudantes e à heterogeneidade etária, objeto da política estrábica da nucleação escolar. A antiga Escola Municipal Padre Adalberto funcionava vinculada à prefeitura da cidade, um espaço pequeno, com apenas duas salas de turmas multisseriadas. Era uma escola no campo, mas que atendia aos pressupostos da educação urbana. Os/as educadores(as) vinham todos os dias da cidade em transportes públicos para ministrar as suas aulas.

Minhas linguagens iniciais se basearam em desenhos, riscos, letras e palavras escritas. Em qualquer situação envolvendo a fala, a minha maneira de comunicar se resumia a retraídos gestos de negação com a cabeça, indicando que não daria qualquer tipo de resposta “falada”.

E foi por isso que o meu apelido para os colegas se tornou “mudinha”.

*Às vezes acho que engoli todos os meus
silêncios,
Fizeram tanta bagunça dentro de mim!*

Jéssica Lopes

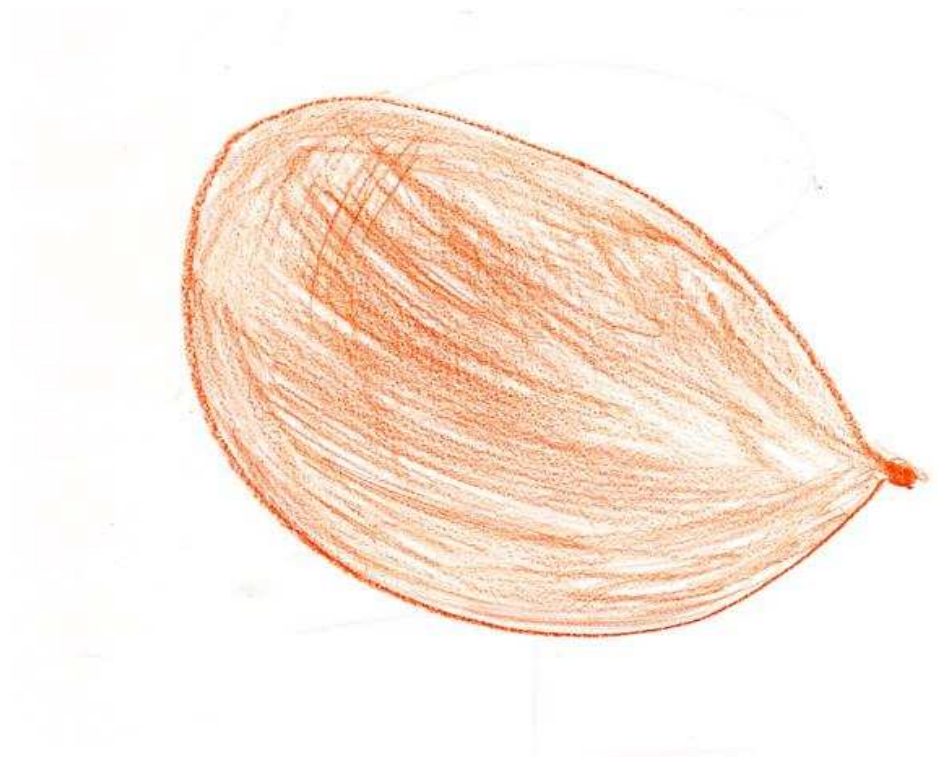


Figura 1- Balão, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

•••

•••

CAPÍTULO II - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO: AS LICENCIATURAS E A LICENA

Cada qual tenha sua arma
para quando a vez chegar
de defender, mais que a vida,
a canção dentro da vida,
para defender a chama
de liberdade acendida
no fundo do coração.

Thiago de Mello (1966)

Foi muito interessante para mim, saber que, em meados da década de 1990 iniciou-se o Movimento de Educação do Campo¹⁶ no cenário brasileiro. Diante todo o contexto de lutas, conflitos, avanços e contradições, vem se desenvolvendo a construção de um novo modelo de educação, surgido da luta dos povos, pelas escolas e por uma educação destinada aos sujeitos do campo. Assim, em resultado às ações dos grupos coletivos e movimentos sociais surgem as Licenciaturas em Educação do Campo, que vem sendo inseridas cada vez mais nas Instituições Federais.

A organização curricular desta graduação prevê etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) ofertadas em regime de alternância entre tempo escola e tempo comunidade, tendo em vista a articulação intrínseca entre educação e a realidade específica das populações do campo. Esta metodologia de oferta intenciona também evitar que o ingresso de jovens e adultos na educação superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo, bem como objetiva facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício (CALDART, 2012, p. 468).

A proposta da Licenciatura em Educação do Campo se baseia em uma formação de educadores(as) que estejam dispostos(as) a atuar para muito além da educação escolar, com uma formação em conjunto aos Movimentos Sociais e Sindicais que

¹⁶ O Iº ENERA- Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária, em julho de 1997 na Universidade de Brasília, veio a simbolizar esse acontecimento histórico. Foi este o primeiro momento do Movimento Nacional de Educação do Campo. Muitas razões justificam o início desse Movimento e evidências podem caracterizá-lo pensando seu cunho social, político, cultural e de possível renovação pedagógica. Neste contexto, é preciso enfatizar a experiência acumulada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem- Terra com as escolas de assentamentos e dos acampamentos, vindo a ser entendido como o processo histórico mais amplo na construção do Movimento da Educação do Campo. De tal modo, estes sujeitos assumiram também o compromisso da luta por uma educação específica para os protagonistas do campo (MUNARIM, 2008; 2011). Para mais informações, sugerimos principalmente: SILVA, 2015; CANUTO, 2004; CALDART, 2007; 2012; 2015; SILVA e COSTA, 2006; SILVA, 2003; 2010; SILVA, 2006; OLIVEIRA, 2010; e VENDRAMINI, 2007.

participam do processo histórico da Educação do Campo. A proposta curricular do curso visa integrar a atuação dos sujeitos educandos(as) na construção do conhecimento necessário à sua formação de educadores(as), mas pensando também na sua atuação nos tempos de permanência nas comunidades onde se encontram as escolas do campo (CALDART, 2012).

O curso de Licenciatura em Educação do Campo, foi aprovado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa/MG em 2013. A primeira turma ingressou no ano de 2014 por meio de um vestibular especial e a turma de 2015, 2016 e 2017 pelo ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio. Com habilitação em Ciências da Natureza e Agroecologia, o mesmo vem sendo desenvolvido em regime de Alternâncias Educativas.

A criação do curso está marcada pela construção de parcerias, que vem ocorrendo desde o final da década de 1980. Acontecendo entre sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, organizações e Movimentos Sociais do Campo, institutos, organizações governamentais e não-governamentais, escolas de educação básica, instituições de ensino superior da região, bem como Escolas Família Agrícola (KÖLLN, 2016).

Como práticas sociais, a docência em Ciências da Natureza, a agroecologia e a Educação do Campo compartilham uma perspectiva interdisciplinar de promoção do diálogo entre diferentes perspectivas e bases de conhecimento, orientadas para a construção de outro paradigma de cientificidade, de educação, de agricultura, de desenvolvimento, de sociedade que, entre outros, tornem viável o futuro da humanidade. Essa é a concepção político conceitual que orienta a proposição do presente Curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2013, p. 17).

Percebemos a LICENA, como um cenário de desconstrução da educação bancária e promoção do diálogo e crítica da realidade como diria Paulo Freire. Para isso, uma das dinâmicas do curso se refere às Alternâncias Educativas. Oliveira et al. (2010) destaca que é um sistema que foi instituído na França, no século XX, para atendimento escolar aos filhos de agricultores, diante às lacunas educacionais do ensino do meio rural e perante os desinteresses desses jovens pela escola tradicional, uma vez que não era contextualizada com as especificidades do campo. Essa prática pedagógica consiste numa articulação entre os dois tempos educativos da alternância, o tempo escola (TEsc) e o tempo comunidade (TCom).

A Pedagogia da Alternância busca articular, universos considerados opostos ou insuficientemente interpenetrados- o mundo da escola e o mundo da vida, a teoria e a prática, o abstrato e o concreto- a alternância coloca em relação diferentes parceiros com identidades, preocupações e lógicas também diferentes: de um lado, a escola e a lógica da transmissão de saberes e, de outro, a família e a lógica da pequena produção agrícola. Assim, ao apresentar uma nova dinâmica de interação entre os atores do projeto educativo, a formação em alternância traz em bojo uma problemática complexa em termos de relações construídas entre o meio escolar e o meio familiar/produtivo (SILVA, 2003, p. 11-12).

No TEsc os educandos(as) permanecem na UFV e no TCom, os mesmos retornam ao seu contexto sócio-político para colocar em prática as questões que foram então, objeto de estudo no tempo escola. Por ser um método de ensino diferenciado que articula a prática e a teoria, exige do educador(a) uma formação específica, que prima por um olhar cuidadoso para os educandos(as) e para sua própria postura enquanto docente. Essa proposta diferenciada de ensino vem oportunizando aos formadores e formadoras do campo o acesso ao Ensino Superior, oferecendo-lhes maiores subsídios para a sua vivência no campo. A alternância ainda desconhecida por muitos, vem como uma proposta de romper com o tradicionalismo que se faz tão presente no ensino.

Do mesmo modo como afirma Freire (1997), a prática educativa, deve se reconhecer como prática política e se recusar a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Neste aspecto, as Licenciaturas em Educação do Campo devem buscar uma relação dialógica entre os saberes envolvidos, ao pensar as especificidades do campo e ao levar em consideração as singularidades dos educandos(as) enquanto cidadãos. Entretanto, precisamos considerar que a LICENA enfrenta vários desafios para se constituir como tal. As ações dialógicas, busca de novas formas de conhecimento e as próprias experiências de Alternâncias muitas vezes, passam por um julgo de valores e de desqualificação por parte da comunidade acadêmica- o que dificulta sua consolidação.

O objetivo geral do curso é formar educadores habilitados em Ciências da Natureza para atuações nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Educação do Campo. Além disso, possibilitar pensar a educação para além desse espaço e como importante caminho na construção de outro projeto de campo e de sociedade. O perfil dos educandos(as) do curso contempla sujeitos dos diferentes segmentos sociais do campo, por exemplo, educadores(as) das escolas do campo, filhos(as) de

trabalhadores(as) do campo, educadores(as) populares, assessores de movimentos sociais e organizações do campo, monitores de Escolas Famílias Agrícola, quilombolas, atingidos por barragem, dentre outros (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2013). Há então extensa diversidade de pessoas, realidades e mundos e tudo isso me fez refletir sobre as existências dos camponeses e camponeses, me colocando junto a LICENA como tal.

III-O machucado que me fez falar... Ou a professora?

A minha linguagem se expressava na fala de duas amigas gêmeas, “elas eram a minha voz”, qualquer coisa que eu quisesse cochichava em seus ouvidos para que levassem até as professoras, que precisavam lidar com o meu estado de “mudez”. Já dizia Pablo Neruda, que a timidez é uma condição alheia ao coração - nos leva à solidão.

Parece insignificante, mas um beijinho pode mudar uma história. Eu já não me lembrava, afinal aconteceu há quase 20 anos. No dia do meu aniversário (09/06/2016) a minha professora da 2ª série me emocionou com uma conversa pelo Facebook. Narrarei o diálogo, chamando-a de Sol.

Sol: Parabéns minha linda, tenho só a elogiar a pessoa que é a aluna que tive.

Jéssica: Obrigada, professora querida!

Sol: Colocou a vergonha embaixo do cesto né. Você lembra anjo? Depois te conquistei e começou até a contar caso.

Jéssica: Você foi a primeira professora que ouviu a minha voz.

Sol: E como era bela a sua voz, meiga e doce!

Sol: Lembra da tabuada? Tomava de você e você falava a resposta com as meninas.

Jéssica: você entendia os meus silêncios...

Sol: Com o tempo você começou a falar cochichando no meu ouvido. Faço isso até hoje, quando a criança não quer falar, vou na carteira dela para que fale no meu ouvido.

Jéssica: Eu não falava nada, mas você me ganhou...

Sol: você me fez ver as coisas boas, a não ter medo!
Jéssica: já não lembrava, mas você falando lembro que cochichava no seu ouvido mesmo!

Sol: Há, era até gostoso, eu saía parecendo que tinha ganhado uma medalha a cada palavrinha.

Jéssica: Posso imaginar.

Sol: No início eu tinha medo de deixar você mais presa no seu silêncio, mas você me tocou um dia com o dedinho machucado, fui lá, lavei e perguntei se estava doendo.

Jéssica: Nossa, quero saber sobre o que você lembra.

Sol: Dei um beijinho igual fazia aqui em casa com os meninos e falei que ia sarar. Acho que com o beijinho ou eu falando que ia sarar, você cochichou que tinha sarado!

Foi aí a primeira vez que uma professora ouviu a minha voz, mesmo que em cochichos. Esse diálogo pode significar o rompimento do meu silêncio- foi a morte da minha mudez. Com essa conversa eu pude revisitar minhas lembranças, lembrei-me daqueles momentos e em como eu me sentia ouvida a cada vez que olhava para Sol e ela oferecia-me o seu ouvido. Reviver este fato me fez reinventar minha realidade silenciada, me fez fabular.

•••

*Falei?!
Cochichei...*

O que mais doeu? A voz ou o machucado?

CAPÍTULO III - INVESTIGAR O CON-TEXTO CON-SCIÊNCIA

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos. A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá. Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare. Os sabiás divinam.

Manoel de Barros (1996)

3.1-Linguagem e texto em Roland Barthes e Mikhail Bakhtin: diferentes também conversam

Não é tarefa fácil o entendimento de Barthes e Bakhtin e talvez seja arriscado demais colocá-los frente a frente. São autores que se diferem em suas linhas de pensamento. Barthes, teórico estruturalista francês, escritor, sociólogo, filósofo, crítico literário, semiólogo - como ele mesmo se julgava: sujeito incerto, crítico da linguagem. Bakhtin, filósofo e pensador russo e grande pesquisador da linguagem humana (tratando-a com vinculação à vida social das pessoas), desenvolveu estudos sobre literatura e estética. O autor foi líder de um grupo de estudiosos russos conhecido por Círculo de Bakhtin.

Embora possa parecer loucura, optamos por estudá-los paralelamente, acreditando em suas contribuições para o nosso trabalho.

Roland Barthes criticava a linguagem, acreditando ser ela um lugar fechado, conduzida pelas relações de poder - poderes.

[...] O poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo (BARTHES, 1977, p. 10).

Portanto, no campo da linguagem, servidão e poder se confundem, a língua é “simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 1977, p. 13). Assim, o poder faz parte de toda a história da humanidade e a linguagem é vista por Roland Barthes como um lugar fechado e por isso é preciso trapacear.

Em que pese isso, Bakhtin identifica a linguagem como atividade sociointeracional e sempre sujeita a novidades. O sujeito é construído socialmente por meio da interação verbal na sua relação com o outro(a). Considerando a relação dialógica entre os indivíduos, a identificação com o outro(a) deve acontecer partindo do

entendimento de como ele vê o mundo. Devemos nos colocar em seu lugar e posteriormente voltar ao nosso próprio e completá-lo com tudo aquilo que foi possível compreender desse outro(a). É preciso considerarmos neste momento nossos desejos, sentimentos, visões e saberes próprios (BAKHTIN, 2003).

Carlos Alberto Faraco, nas ideias linguísticas do círculo de Bakhtin, ressalta que o autor materializa a sua crença, nas possibilidades de verbalização de nossas experiências vividas a partir do nosso interior. Entretanto alerta-nos que nunca nos expressaremos em totalidade, tal expressão é um processo aberto, incompleto (FARACO, 2009).

As ideias bakhtinianas apontam para a percepção do plurilinguismo (multidão das línguas alheias), o que nos mostra que nossas línguas e culturas não são únicas e sim algumas entre muitas. Isso tira da língua o seu caráter fechado, revelando a possibilidade da dimensão da diversidade linguística e também, seus possíveis conflitos (FARACO, 2009).

Voltando às questões de poderes mencionadas acima, acreditamos que as relações interativas descritas por Bakhtin também estão envolvidas pelo poder. De tal modo, Roland Barthes destaca a literatura como forma de fuga e de trapacear.

Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura. Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever (BARTHES, 1997, p. 15).

A literatura é como uma esperança. Ela assume a construção de conhecimentos, ela é a própria realidade, não é fixa e faz girar os saberes- como diria Roland Barthes. “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens” (p. 17). Assim, podemos aprender e ensinar através dela.

Quando encontramos com a língua literária, Bakhtin (1997) revela que é nela o terreno onde nascerão as inspirações, nos levando a iniciar novas combinações e formas neste lugar do literário, sem sair dos limites que nos são próprios.

A imagem externa expressa pela palavra, quer seja em uma representação visual ou vivenciada no modo emotivo, tem como função dar forma e remate. A palavra em si não é apenas expressiva, mas também artisticamente impressiva (BAKHTIN, 1997).

Neste caso, a impressão será algo particular de cada indivíduo, considerando as suas formas de existência.

Esse modo de expressar estético causa em quem nos lê sensações distintas, mas o prazer estético não tem o mesmo significado para todos(as) ou pode até mesmo não acontecer. Isso abrange todos os tipos de linguagem, neste contexto Barthes menciona que,

se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer (este prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o “drague”), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo (BARTHES, 1987, p. 8-9).

Isso nos possibilita pensar que a produção estética de alguém nem sempre irá provocar prazer no outro(a) que a aprecia, pois as pessoas são singulares, múltiplas e com desejos diferentes. Vivemos então como se estivéssemos jogando e o que precisamos para nos expressar é de um espaço para isso, independente das reações dos leitores e leitoras.

Podemos destacar como leitores(as) todas as pessoas que podem assistir as nossas expressões linguísticas e não apenas aqueles que leem palavras escritas. Barthes (1987) ainda diz que o prazer não é algo sempre duradouro, pode ser momentâneo, ou seja, uma produção textual pode nos ser prazerosa em determinado momento e logo depois deixar de ser.

De tal modo, Bakhtin (1997) destaca que para uma abordagem estética da existência interior do outro(a), é preciso não crer ou ter esperanças nele, mas aceitá-lo em seus valores; é preciso não estar com ele/ela e nele(a), mas fora dele(a) (pois nele(a), dentro dele(a), não há outra dinâmica além da fé e da esperança. Deste modo, precisamos compreender o outro(a), entendendo que ele/ela assim como nós mesmos(as), vive a sua multiplicidade de ideias, pensamentos e construções que lhes são peculiares.

Depois dessas considerações, gostaríamos de destacar qual o conceito de texto que trabalhamos nesta dissertação. Para isso corroboramos com as definições de Roland Barthes e Mikhail Bakhtin.

Podemos compreender que texto é a representação de uma realidade imediata do pensamento e da emoção, onde não há texto não há objeto de estudos; vale destacar que um texto nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um texto dos textos (BAKHTIN, 2006).

Podemos considerar como textos: palavras, frases, desenhos, imagens, pinturas, fotografias, entre outros; consideremos também os textos orais. Percebemos então que os produtos da arte são tipos de textos e que a leitura destes acontece de forma particular, pois somos leitores e leitoras com olhares e percepções diferentes. Além disso, é preciso lembrar que muitas vezes os significados perpassam o que está explícito, demandando-nos que utilizemos de nossas percepções para alcançarmos os entendimentos, ou seja, é como se estabelecêssemos uma busca pela interpretação daquilo que nos está implícito.

Texto quer dizer Tecido. [...] nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia (BARTHES, 1987, p. 82-83, grifos nossos).

Deste modo, para Barthes no entorno de um texto existem significados que podem ser muito ou pouco ocultos, o que vai depender da leitura de cada pessoa. De tal modo, é como se sempre tivéssemos algo a desvendar e vamos construindo-nos perante as leituras, nos inventando diante daquilo que estamos lendo. Vamos nos entrelaçando juntamente às tessituras do texto.

Para Bakhtin ao tratarmos de texto, os indivíduos são estudados considerando as ciências humanas: “Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas, etc.)” (BAKHTIN, 1997, p. 334). Diante das colocações e teorias, entendemos que somos seres textuais e o texto também é visto como o lugar da arte, da educação e da estética.

3.2 - Arteeducação e a estética expressiva

A arte não é um espelho para refletir o mundo, mas um martelo para forjá-lo.

Vladimir Maiakóvski (2016)

Acreditamos que o objetivo geral da Educação deve ser o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, da consciência social e reciprocidade dos indivíduos. Cada indivíduo é singular, portanto terá valor para a comunidade. Pode ser uma maneira de falar e de sorrir- o que contribui para a variedade da vida; pode ser uma maneira de ver, de pensar, de inventar, de expressar o pensamento ou a emoção. Porém, essa singularidade não tem valor prático isoladamente. A educação deve ser um processo, não apenas de individualização, mas também de integração, que é a relação da singularidade individual com a unidade social (READ, 1958).

Mas de fato, sabemos que sempre encontraremos vários desafios ao lidarmos com os objetivos da Educação, o que envolve as subjetividades, sentimentos, pensamentos e emoções das pessoas. A função mais importante da Educação está relacionada a tais orientações e por essa razão a educação da sensibilidade estética é de grande valor. Ela abrange todos os modos de auto-expressão, literária e poética (verbal), assim como musical e auditiva, e forma uma abordagem integral da realidade que deveria chamar-se educação estética - a educação daqueles sentidos em que se baseiam a consciência, a inteligência e o raciocínio do indivíduo humano (READ, 1958).

Para o autor não existe educação sem a arte. Mas, o que é a arte? Poetizava Fernando Pessoa que a arte é a auto-expressão lutando para ser absoluta. “A arte, como quer que a definamos, está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos” (Read, 1958, p. 28). Além disso, ela nos leva a comunicação, ao estranhamento, a produção de conhecimentos. Ela é também subjetiva e depende da singularidade de cada ser humano e da percepção que tem da realidade - não há então uma resposta correta.

De acordo com Read (1958) a configuração da obra de arte é dada por uma pessoa em particular e a essa pessoa chamamos artista; e um/uma artista vai além de pessoas que pintam quadros. É igualmente, aqueles que fazem músicas, poesias ou móveis, sapatos e vestidos. Há todos os tipos e graus de artistas, todos(as) são indivíduos que dão forma a alguma coisa. O que é uma boa forma em arte? Uma boa

resposta seria, “o que agrada a uma pessoa não agrada necessariamente a outra. Vamos ao ponto de afirmar que o que a um cura a outro mata” (READ, 1958, p. 29).

As expressões estéticas estão interligadas a um mundo de significações e são importantes na construção dos saberes e da existência que nos cerca – vamos dialogar agora com o que Boaventura¹⁷ chama de racionalidade estético-expressiva.

Antes disso, gostaríamos de oferecer destaque a expressão emancipação social. No Dicionário Paulo Freire, Moreira (2008), destaca que, nas obras de Freire a emancipação aparece como uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana. O que se dá pela “luta contínua a favor da libertação das pessoas, de suas vidas desumanizadas pela opressão e dominação social” (MOREIRA, 2008, p. 163).

Neste sentido, Boaventura levanta questões que nos levam a refletir sobre a existência de várias emancipações e suas possibilidades.

Tal como a ciência, não será a emancipação social de natureza multicultural, definível e validável apenas em certos contextos, lugares e circunstâncias, uma vez que o que é emancipação social para um grupo social ou em um dado momento histórico pode ser considerado regulação ou mesmo opressão social para outro grupo social ou em um momento histórico seguinte ou anterior? Todas as lutas contra a opressão quaisquer que sejam seus meios e objetivos são lutas pela emancipação social? É possível emancipação social sem emancipação individual? Emancipação social para quem e para quê, contra quem e contra quê? Quem são os agentes da emancipação social? Há algum agente privilegiado? As forças sociais e institucionais hegemônicas, como, por exemplo, o Estado, podem ser cúmplices ou colaboradores ativos de ações de emancipação social? (...) Corremos o risco de promover a opressão social usando a linguagem da emancipação social? (SANTOS, 2002, p. 23-24).

O paradigma da modernidade é complexo e vem enfrentando tensões entre os pilares da regulação social e o da emancipação social, sendo cada um deles constituído por três princípios. O pilar da regulação é constituído pelo princípio do Estado, formulado por Hobbes, que consiste na obrigação política entre cidadãos e Estado; pelo princípio do mercado, desenvolvido, por Locke e Adam Smith, que consiste na obrigação política individualista e antagônica entre os parceiros de mercado; e pelo princípio da comunidade, que domina toda teoria social e política de Rousseau, que consiste na obrigação política solidária entre membros da comunidade e associações. O pilar da emancipação social é constituído pelas lógicas definidas por Weber: a

¹⁷ Todas as vezes que aparecer Boaventura no texto, faço referência a Santos, mas opto pelo primeiro nome pelo costume de sempre referenciá-lo dessa maneira. Assim como às vezes escrevi Paulo Freire, Célestin Freinet, Roland Barthes e Edgar Morin, sem as formalidades de referências científicas.

racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura, a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da tecnologia e a racionalidade moral-prática da ética e do direito (SANTOS, 2011).

Neste aspecto, Oliveira (2006) destaca que, pelos pressupostos de Boaventura, a racionalidade estético-expressiva relaciona-se com o pilar da comunidade, uma vez que as ideias de identidade e comunhão são condições necessárias à contemplação estética. De tal modo, ocorre ou deveria ocorrer entre os pilares citados acima articulações que devem “garantir a harmonização de valores sociais potencialmente incompatíveis, tais como justiça e autonomia, solidariedade e identidade, igualdade e liberdade” (SANTOS, 2011, p. 50).

A racionalidade estético-expressiva une o que a racionalidade científica separa (causa e intenção) e legitima a qualidade e a importância (em vez da verdade) através de uma forma de conhecimento que a ciência moderna desprezou e tentou fazer esquecer, o conhecimento retórico (SANTOS, 2011, p. 77-78).

Contudo, a racionalidade estético-expressiva não apresenta intencionalidades de crítica à ciência. Ela procura fazer um movimento de tradução, dispensando qualquer tipo de conhecimento que venha a ser regulado (SANTOS, 2011).

Boaventura percebe no campo da racionalidade estético-expressiva, a melhor forma de pensar o futuro, considerando as mais diversas artes e expressões; visto que o projeto moderno tem transformado energias emancipatórias em regulatórias (OLIVEIRA, 2006).

A crise do paradigma da modernidade funda então a necessidade da busca por uma via crítica alternativa e emancipatória, uma transição paradigmática que estabeleça uma nova forma de viver no mundo e se contraponha ao paradigma moderno dominante. Para tanto, deve fortalecer o pilar da emancipação, uma vez que sua submissão ao pilar da regulação no paradigma moderno vem gerando irracionalidades como a produção de desigualdades, misérias e o risco de catástrofes ecológicas (KÖLLN, 2016, p. 32).

De tal modo, precisamos alcançar o que Boaventura chamou de novo senso comum estético, senso comum reencantado, em que o prazer é a sua marca estética. A ciência moderna é uma forma de saber que se afirma desencantada e desapaixonada. Prazer, emoção, paixão, estilo e biografia; tudo isso pode perturbar e tende a ser rejeitado (SANTOS, 2011). Mas, lutamos contra essa rejeição, queremos considerar as produções de vida e relacioná-las com a ciência.

Consideramos imprescindível a racionalidade estético-expressiva no que se refere às relações sociais. Ela permite que os indivíduos manifestem-se esteticamente, demonstrando seus pensamentos e saberes de forma prazerosa em busca da própria emancipação. Deste modo, presenciamos a manifestação da racionalidade estético-expressiva nos espaços acompanhados com a LICENA e nas produções textuais dos/das estudantes.

3.3 – Questões sobre POESIA

Aprendi com meu filho de dez anos que a poesia é a descoberta das coisas que eu nunca vi.

Oswald de Andrade (2000)

Etimologicamente falando, a palavra poesia vem do grego poiesis que se remete à ação, criação e imaginação. Deste modo seu conceito é complexo e nem mesmo poetas e poetisas conseguiram definições muito precisas. Escreveu Oswald de Andrade:

Mas não há poesia
num hotel
mesmo sendo
'Splanada
ou Grand-Hotel.

Há poesia
na dor
na flor
no beija-flor
no elevador.

Com isso entendemos que cada ser, poeta ou não, enxerga e/ou produz a sua própria poesia. O que não quer dizer que não vivamos em busca de poesias no outro(a), talvez a vida seja isso, encontros de poesias.

Compartilhamos da poética de Octávio Paz quando ele diz em O arco e a Lira que,

a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão

histórica de raças, nações, classes. Nega a história, em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem (PAZ, 1982, p. 15).

Assim, a poesia ensina e nos faz aprender; a poesia nos transforma e é revolucionária. Ela assusta os poderosos, é como arma de luta na sociedade, talvez por isso, muitos querem silenciá-la, impedi-la de ser. Ela cria outros mundos possíveis, que se estende muito além das palavras de um poeta. Poesia é aquilo que incomoda, que causa um nó na garganta, que ilumina a alma.

Entendemos que a poesia não é algo fechado, que se manifesta apenas na arte de escrever; ela não é algo determinado a ser. Ou seja, o que é poesia para mim pode não ser para o outro(a) e o que é para o outro(a) pode não ser para mim. Portanto, não gostaríamos de descrever a poesia deste trabalho de forma generalizada e imposta e sim como algo que floresceu dentro de nós e fez brilhar o sol.

Para entendermos um pouco mais, Morin (2005) destaca a produção de duas linguagens em qualquer que seja a cultura do ser humano; uma é racional, empírica, prática e técnica e a outra é simbólica, mítica e mágica.

A primeira tende a precisar, denotar, definir, apóia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais a conotação, a analogia, a metáfora, ou seja, esse halo de significações que circunda cada palavra, cada enunciado e que ensaia traduzir a verdade da subjetividade (MORIN, 2005, p. 35).

De tal modo, Morin destaca que elas podem ser justapostas ou misturadas, separadas e ou opostas e a cada uma delas há correspondência de dois estados: estado prosaico e estado poético. O prosaico é aquele em que esforçamos para perceber e raciocinar e cobre uma grande parte de nossa vida cotidiana e o segundo é o que se pode chamar de estado segundo, é o estado poético (MORIN, 2005).

Estaríamos então entre a prosa e a poesia, o estado prosaico e o estado poético; o estado da técnica, da objetividade e o estado que nos faz amar e sonhar. “Em nossas vidas, convivemos com essa dupla existência, essa dupla polaridade” (MORIN, 2005, p. 36).

Pode-se chamar de prosa as atividades práticas, técnicas e materiais que são necessárias à existência. Pode-se chamar de poesia aquilo que nos coloca num estado segundo: primeiramente, a poesia em si mesma, depois a música, a dança, o gozo e, é claro, o amor (MORIN, 2005, p. 59).

O estado poético pode ser produzido pela dança, canto, culto, cerimônias, poemas, entre outros. Antigamente prosa e poesia estavam intimamente entrelaçadas, por exemplo, ao momento das colheitas, havia ritos, danças, cantos. Encontramo-nos numa sociedade que tende a separar a prosa da poesia, vivemos o estado prosaico em que tudo se paga, tudo é monetarizado; a poesia se encontra em outros espaços, férias, festas, etc. A poesia é a estética, o amor, o gozo, o prazer, a participação, no fundo é a vida. Porque levarmos uma vida prosaica? (MORIN, 2005).

Talvez se não existisse o estado prosaico o poético não seria sentido e vivido e este é o desafio de muitos no cenário educacional, unir prosa e poesia. Raramente podemos perceber a busca dessa união, pois o que tende a acontecer é a separação, as atividades técnicas tendem a ser sempre desvinculadas daquilo que é poético, mágico.

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível (MORIN, 2003, p. 45).

Portanto, a poesia está nos nossos sentimentos, em cada ser em construção, ela nos tira das tarefas necessárias e nos coloca frente a frente com as desnecessidades indispensáveis. A poesia é aquilo que o dinheiro não pode comprar, faz parte da existência humana, ela faz e refaz o ser humano.

A poesia insiste, resiste...

A poesia resiste à falsa ordem, que é a do rigor, barbárie e caos, "esta coleção de objetos de não amor" (Drummond). Resiste ao contínuo "harmonioso" pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia (BOSI, 1977, p. 145).

Uma nova ordem talvez pensada pelos poetas/poetisas; filósofos(as) e sonhadores, ordem que desmascara as relações de poder e o rigor; ordem que pensa o humano em sua totalidade, em sua intimidade.

Precisamos descrever a linguagem poética que parece estar tão misturada com a poesia. Acreditamos que a linguagem poética é como se fosse a manifestação da poesia em expressões, palavras, cantos, poemas, dança, arte, entre outros.

A linguagem poética é aquela que nos faz sair das mesmices do mundo e contribui com a nossa própria existência. Corroboramos com a expressão

quando descrevemos a linguagem poética, fazendo articulações de exposições literárias com as manifestações das pessoas através da arte, da dança, da música, da poesia, sintonizamos com uma melhor qualidade de vida. Essa linguagem poética está no ar, no corpo físico e mental, na nossa respiração e em tudo que complementa e encanta a vida (ANGELINI, 2015, p. 42-43).

Assim, a linguagem poética é a manifestação daquilo que nos dá prazer de viver; manifestação estética da linguagem, que se expressa por meio da intimidade humana, que cria novidades e produz formas de existirmos no/com o mundo.

A linguagem poética fala por metáforas, ou às vezes precisa do silêncio para depois se manifestar. Perceber o florescimento das árvores que embelezam uma cidade, por mais concreta que ela seja; sentir o perfume das flores, o canto dos pássaros é conviver um pouco com a poesia que existe dentro e fora de nós (ANGELINI, 2015).

Podemos expressar a linguagem poética em vários contextos da existência; encontramos-a em letras de músicas, versos de poemas, palavras ditas por pessoas, danças, desenhos e pinturas. Deste modo, encontramos também a poesia que diferente da linguagem poética, nem sempre é revelada à exterioridade, nem sempre pode ser lida. A linguagem poética pode ser usada para expressar a poesia.

3.4 - Imagens, leituras e o sem sentido dos sentidos

O universo como tal não tem sentido. Ele é silêncio. Ninguém pôs sentido no mundo, ninguém além de nós. O sentido depende do humano, e o humano depende do sentido.

Nancy Huston (2010)

Assim como a natureza, nós não suportamos o vazio. Quando não existirmos mais na terra, não haverá mais sentido algum. Não teremos nenhuma conclusão sobre o significado da nossa breve passagem pelo planeta. Vivemos em busca de compreensões por intermédios das narrativas, ou seja, das ficções (HUSTON, 2010). “A vida é dura, e ela não dura, e somos os únicos a saber disso” (HUSTON, 2010, p. 19).

Tudo que vivemos é ficção- a nossa ficção- aquilo que fabricamos. Até o nosso próprio nome! Criamos a ficção de nossas vidas, fabulamos inocentemente nossa existência. E dizer que um mundo é humano é o mesmo que dizer que é impregnado de ficções, ou seja, realidades humanas que são construídas- fabricadas (HUSTON, 2010).

E porque não fabular histórias quando tratamos de imagens?

Vivemos em constante relação com o mundo das imagens e elas são de tamanha importância quando discutimos linguagem. Considerando que elas existem desde o princípio da humanidade,

a experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contacto direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência (BOSI, 1977, p. 12).

Assim, “a imagem nunca é um elemento: tem um passado que a constituiu; e um presente que a mantém viva e que permite a sua recorrência” (BOSI, 1997, p. 14- 15).

Muito antes da fala e da escrita o ser humano já se comunicava por meio de imagens, assim, o fato de existirmos no mundo já nos coloca em contato com a linguagem. Quando olhamos para alguma coisa, de certo modo nos sentimos em relação com aquilo que vemos, portanto, cada pessoa dará a essa coisa sentidos que lhes serão próprios. Toda a imagem pode nos contar múltiplas histórias sobre aquilo que os olhos enxergam e sobre o eu daquele(a) que a produziu.

Tanto é que Martine Joly descreve que,

[...] uma imagem (tal como o mundo) pode ser infinitamente descrita: das formas às cores, passando pela textura, ao traço, às gradações, à matéria pictórica ou fotográfica, até às moléculas ou aos átomos. O simples fato de designar unidades, de fragmentar a mensagem em unidades nomeáveis, remete para o nosso modo de percepção e de fragmentação do real em unidades culturais (JOLY, 2007, p. 83).

De tal forma, é importante considerar que imagem vai além daquilo que é visível, por exemplo, quando imaginamos algo (imagem mental). Parafraseando Joly (2007), a imagem mental diz respeito a sensação de ver como se estivesse em determinado local, tal como, quando lemos ou ouvimos a descrição desse lugar.

Neste caso, Herbert Read oferece-nos um exemplo,

olho para cima e vejo um pássaro sobre um ramo: enquanto mantiver os olhos na ave, o meu cérebro continua a registrar um objeto percebido. Fecho os olhos, mas, se quiser, continuo a ver o pássaro com os olhos da minha mente. O que ainda vejo (isto é, retenho) é uma imagem do pássaro. [...] então retiro o pássaro do meu espírito e a imagem desaparece; mas se alguns dias depois me lembro do pássaro, a imagem

volta, embora apareça menos distinta quanto maior for o intervalo (READ, 1958, p. 54-55).

Podemos considerar que a imagem mental está em relação com a nossa memória e com o cognitivo. Antes de representarmos algo visualmente, o mesmo existiu em nossos pensamentos. Por exemplo, antes de desenhar uma casa, imagino-a. Parto de alguma referência para isso, seja a minha casa, a casa dos meus avós, a casa dos meus sonhos, etc. Por isso, as imagens sempre terão sentidos múltiplos, o que vai depender de cada contexto, de cada eu que a produziu e de cada leitor e leitora.

Gostaríamos de levantar neste momento uma questão: Considerando as multiplicidades dos seres humanos, como produzimos sentidos ao interpretarmos uma imagem (texto)?

É neste sentido que, Cabral e Kastrup (2006) nos apontam que não existe a leitura, e sim leituras e junto a elas, diversas formas de ser leitor(a), assim o sentido do texto não está dado, a sua construção ocorre na relação entre o leitor(a) e a obra. Mas, se somos sujeitos múltiplos, porque a padronização de uma única linguagem? Linguagem pensada nas relações de poderes, linguagem ordenada.

As mesmas autoras descrevem a distinção entre leituras, as Leituras de aquisição de informação ou acumulação, é quando o leitor(a) não está aberto em sua relação com o texto, reafirmando apenas as suas próprias concepções; nela o leitor(a) permanece sendo o mesmo. Mas não é com este tipo de leitura que dialogamos e sim com o que elas chamam de Leituras de acolhimentos ou à espreita; nesta o leitor(a) acolhe o que vem do texto, entrando em contato consigo e com a alteridade que o habita. “E com uma atenção à espreita, está aberto para o inesperado, permitindo-se ser afetado e transformado” (CABRAL e KASTRUP, 2006, p. 6). É com essa que procuramos nos envolver.

Gostaríamos de expressar que, cada leitura é um modo de resistência, resistência a todas as contingências, todas: Sociais, Profissionais, Psicológicas, Afetivas, Climáticas, Familiares, Domésticas, Gregárias, Patológicas, Pecuniárias, Ideológicas, Culturais, ou umbilicais. A leitura é vista como salvação, nos salva inclusive de nós mesmos, além de tudo lemos contra a morte (PENNAC, 1993). Lemos contra a morte das palavras, contra a morte dos saberes, contra a morte de nossa própria existência.

Vamos assim nos envolvendo com os textos que lemos e permitindo que eles nos envolvam. Nos misturamos com eles, nos entregamos a eles, quando de alguma

maneira nos afetam. Assim, vou me misturando também aos pressupostos teóricos escolhidos para este trabalho, vou me livrando de minha inocente cegueira a cada vez que entro em contato com o paradigma da Educação do Campo.

IV-A época em que a cidade me assustou...

Ao iniciar os estudos no espaço urbano (antiga 3ª Série), fui levada a aprender a me comunicar oralmente, afinal se iniciaram as atividades orais, apresentações de trabalhos, leituras, entre outros, o que começou a demandar-me o desenvolvimento neste campo da linguagem. Tempos sofridos, era como se falar chegasse a doer, eu preferia acreditar que poderia escrever para que as letras falassem por mim. Infelizmente, ainda carrego comigo vestígios dessa dor, que aos poucos vem sendo amenizada pelas escolhas que tenho feito.

Estudar na cidade pode parecer ser avanço para algumas pessoas, mas, lembrando hoje minhas memórias de estudante, posso dizer que não tive a oportunidade de permanecer no meu próprio meio para realizar os estudos, não pude estar em uma escola que compreendesse a minha realidade.

Os primeiros dias estudando na cidade foram difíceis, pessoas diferentes, costumes e linguagens distintas. Os colegas logo me apelidaram de “Jequinha da roça”. Até a formatura na 3ª Série do Ensino Médio foram longos anos de muito preconceito e dificuldades. Na mesma sala estavam educandos(as) do campo e da cidade, mas os conteúdos eram todos urbanos. Houve dias em que a vontade era abandonar a escola, eu não sabia lidar com tantas ações preconceituosas. Alguns colegas diziam que os da roça eram

os burros da sala, que gente da roça não sabe conversar, falam tudo errado, carregam barro nos pés.

Em períodos de chuva na falta do transporte e para não perder as avaliações, era preciso andar mais de hora. O barro dos calçados sujava a sala, ou as roupas molhadas, se tornavam motivo de incômodo para a turma, quando na verdade éramos nós (sujeitos do campo) os maiores incomodados com aqueles recursos.

Às vezes assustada, porque já aconteceu do transporte bater no barranco da estrada, ou atravessar enchentes, pois não tinha outro jeito a não ser encontrar maneiras de chegar no horário certo da prova. Isso só me faz pensar no quanto as pessoas do campo não são consideradas quando precisam recorrer à educação da cidade. Mas se quisesse prosseguir estudando tinha que ser daquele jeito, alguns dos colegas evadiram e permaneceram na comunidade, auxiliando os pais no trabalho para o sustento familiar.

Mesmo diante de tantos desafios, sempre acreditei na possibilidade da leitura e escrita como algo lúdico, artístico e prazeroso, além de nos proporcionar incríveis conhecimentos. Meu cotidiano foi sempre marcado por palavras escritas, cadernos de poesias e diários. Nunca pude ter muitos livros e isso me levava a criar com muita euforia meus próprios escritos, e nesta invenção fui descobrindo que era bom me ler e que era bom ser lida.

Cresci indignada com as ações preconceituosas enfrentadas na escola, houve épocas em que eu contestava o fato de viver na Zona Rural. Chegar na sala de aula com as

mãos marcadas da colheita de café me trazia o desejo de morar na cidade. Inocência achar que residir em outro meio apagaria minhas origens, minha cultura e minhas línguas. Acordar todos os dias às 5h da manhã para esperar o transporte tornava-se cansativo, quando a rotina que esperava ao chegar da aula era baseada no cultivo do café. E sempre meus pais avisavam, “se não quer trabalhar na roça, estude pra ser alguém na vida”. Este é um discurso muito usado por algumas famílias do campo, enxergam os estudos como a forma de se obter o sucesso e assim acabam muitas vezes negando a sua própria condição de viver.



Figura 2- Fortaleza, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

CAPÍTULO IV- NOSSAS LEITURAS, NOSSAS EXPERIÊNCIAS...

4.1- O campo pelas mãos da LICENA e pelos olhares da pesquisadora e pesquisador

Retiro semelhanças de pessoas com árvores, de pessoas com rãs, de pessoas com pedras, etc.

Manoel de Barros (1996)

Gostaríamos de destacar antes de qualquer coisa, que nossas interpretações não se constituem como verdades únicas - diria o poeta Pablo Neruda que a verdade é que não há verdade. Como Manoel de Barros, buscamos semelhanças entre o tudo e o nada, mergulhamos nos nossos tropeços nas insignificâncias.

Realizamos nesta pesquisa um trabalho de hipóteses e indícios. Portanto, qualquer pessoa que venha a analisar os textos que foram aqui analisados poderá descrevê-los de outros modos e atribuir a eles outros sentidos. Assim como destaca Berger (1972, p. 5), “Lo que sabemos o lo que creemos afecta al modo en que vemos las cosas”.

As leituras são múltiplas, há várias formas de ver a mesma coisa. Neste caso, até nós mesmos, podemos revisitar um texto e interpretá-lo de forma diferente, e assim será a cada vez que retornarmos a ele. Portanto, as análises que seguem partem do nosso contato com a LICENA neste período específico e da forma como olhamos a Educação do Campo, a arte e a poesia.

Confesso que de início me senti incapaz de ler as imagens dessa pesquisa, não queria correr o risco de inventar as vozes dos/das estudantes. Mas, as conversas-orientações com Willer e as leituras de autores e autoras foram me mostrando que eu deveria mergulhar no mundo das linguagens sem o medo de ser errada.

Mas, se persistirmos no impedimento de interpretar uma obra sob o pretexto de não termos a certeza de que o que compreendemos corresponde às intenções do autor, melhor seria deixar imediatamente de ler ou de observar todas e qualquer imagens. Acerca do que o autor quis dizer, ninguém sabe nada; o próprio autor não domina toda a significação da mensagem que produziu [...] interpretar e analisar uma mensagem, não consiste certamente em tentar encontrar uma mensagem pré-existente, mas em compreender que significações determinada mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca aqui e agora (JOLY, 2007, p. 48).

Tais considerações nos trouxeram calma e coragem para a análise do material dessa dissertação. Além do mais, Roland Barthes destaca que não existe um autor-Deus, dono do texto. Barthes (2004) revela que dar um autor a um texto é como se fosse um mecanismo de segurança, dando a ele um significado último, fechando assim a escrita.

Um texto é feito de múltiplas escrituras, oriundas de várias culturas que entram em diálogo, paródias e contestações e há um lugar onde essas multiplicidades se reúnem, e este lugar não é o autor(a), e sim o leitor(a). O que mais interessa num texto não é a sua origem e sim o seu destino, ou seja, os leitores(as) (BARTHES, 2004). Portanto, “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor” (BARTHES, 2004, p. 64).

O que não quer dizer que o leitor(a) possa se tornar dono da obra. Larrosa (2003) destaca a ideia heideggeriana de que não é a obra que pertence ao leitor(a) e sim o leitor(a) que pertence à obra, e ela o/a tira de si e o/a transforma. “Ler (e comentar) um texto é, fundamentalmente, escutar a interpelação que nos dirige e fazer-se responsável por ela” (LARROSA, 2003, p. 101).

Contaremos a partir de agora o que as ilustrações dos cartazes artísticos nos contam sobre a percepção de campo produzida pelos educandos e educandas do curso. Nos atentamos para como eles/elas representaram suas condições de camponeses(as) e como isso dialoga com o paradigma da Educação do Campo.

Relembramos que estes cartazes foram produzidos no contexto da matrícula da turma de 2015 da LICENA, quando foram convidados(as) a representarem em casa, suas histórias de vida. Assim, no mês de março de 2015 tais produções foram utilizadas como início de diálogo entre educandos(as) e educadores(as) o que se estendeu para outros espaços educativos, principalmente para a disciplina História e Memória da Linguagem (espaço do meu estágio em ensino). Portanto, esses cartazes significam as primeiras expressões dos/das estudantes na universidade, os primeiros textos produzidos pela turma Semeando Saberes.



Figura 3- Campo moradia e trabalho, produzido por Ana.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Admito que a escolha desse cartaz se deu pela aproximação que senti com minha história de vida no campo – Ana tem 22 anos de idade, mora no Quilombo Santa Cruz, em Minas Gerais. Morou desde sempre no campo e cresceu auxiliando seus pais no trabalho com a agricultura. Ela estudou em escola no campo até certa idade e o Ensino Fundamental e Médio realizou na cidade. Atualmente Ana continua com os seus trabalhos com plantações e cuidados com o solo e seu sonho é atuar em áreas que a sua formação na LICENA venha a lhe permitir.

Perguntei para Ana sobre sua relação com a arte, ao ver um desenho elaborado e artístico. Tãmanha foi minha surpresa, quando me contou que foi algo natural e que ela se surpreendeu com o resultado, por não apresentar nenhuma ligação e gosto pela arte.

A imagem nos revela o campo como lugar de produção de vida, o ambiente se mostra ensolarado e as pessoas parecem estarem ativas em suas tarefas. Tudo indica que ela faz parte de uma família de agricultores familiares, que trabalha no seu próprio meio, e quem sabe, em comunhão com a agroecologia.

Aparecem pessoas cuidando da horta, que pelo colorido demonstra ter grande variedade de alimentos. Deste modo, essa produção deve ser para o consumo familiar,

podendo ir também para feiras, mercados, escolas, etc. Neste sentido, a imagem nos incentiva a acreditar na agricultura familiar como meio de subsistência de muitas famílias camponesas.

De tal modo, Carmo (2008, p. 31) descreve que

os agricultores familiares estabelecem, assim, o equilíbrio entre seus projetos e objetivos, os meios para atingi-los e os resultados que querem obter. A organização familiar, atuando em três direções, não dissociadas - produção, consumo e acumulação de patrimônio - procura o balanceamento entre elas em função da evolução do conjunto doméstico. Devemos, portanto, extrapolar as avaliações meramente econômicas para entender as relações entre a organização interna da produção em bases familiares e o mundo externo. É mais importante perceber que os agricultores familiares não otimizam seus negócios como empresa, mas sim os adaptam às necessidades familiares no intuito de assegurar um nível de vida estável para o conjunto da família.

O desenho de Ana nos faz refletir também sobre o trabalho como princípio educativo, e como ocorre suas relações com os seres humanos. Assim recorremo-nos a Marx, que destaca que, antes de qualquer coisa, o trabalho é um processo entre homem e natureza, em que pela sua própria ação, ele media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ao atuar por meio de seus movimentos sobre a natureza externa a ele, o homem a modifica e modificando-a, modifica também a sua própria natureza (MARX, 1989).

Assim como nos mostra a imagem, essa apropriação da natureza é pela sua sobrevivência. Melo (2013) destaca que essa mesma ação é o que caracteriza a condição humana, pois, assim, o homem manifesta também a sua subjetividade, desenvolve a linguagem, cria instrumentos e meios de trabalho.

Tais colocações nos fazem observar com cuidado a imagem de duas pessoas à direita da casa. Parece ser um adulto e uma criança carregando lenha. Isso é muito comum nas famílias camponesas, desde cedo os filhos(as) são educados de forma a ajudar nas tarefas diárias, contribuindo para a subsistência familiar.

As árvores em volta da casa, o verde e o modo como o desenho foi feito provoca a sensação de liberdade, paz, felicidade e dignidade. Além disso, a casa parece ser o aconchego da família de Ana, um lar cuidado e amado, o que nos faz refletir sobre a importância do direito à moradia, que tantos não usufruem.

Moradia para quem?

Moradia para quem?

*Dizem que é para todos,
mas está cheio
de gente que não tem!*

*Moradia para quem?
Parece que é um direito,
mas quantas pessoas
ainda 'sobrevivem' sem.*

*Sem habitação,
sem felicidade,
sem ter um lugar
pra viver com dignidade.*

*O que esse povo faz
sem acesso à saúde, emprego e educação?
Sem contar que muitas vezes
lhes faltam até mesmo o "pão"?*

*E aí como é que fica
os filhos dessa gente?
É como ser livre
e viver em uma prisão,
ser gente e
não ser tratado como então.*

*Se é direito de todos(as),
Tem algo de errado aí.
Se falta a condição
Não é justo um morador sem chão.*

*Moradia para quem?
Oh, mundo desigual.
Para aqueles que não têm:
CHEGA DE VIVER SEM!*

Ana tem sua casa, eu também tenho a minha, mas muitos(a) camponeses(e outros povos) não têm, continuam com seus direitos negados/violados, assim os povos camponeses resistem, em luta pelos seus direitos.

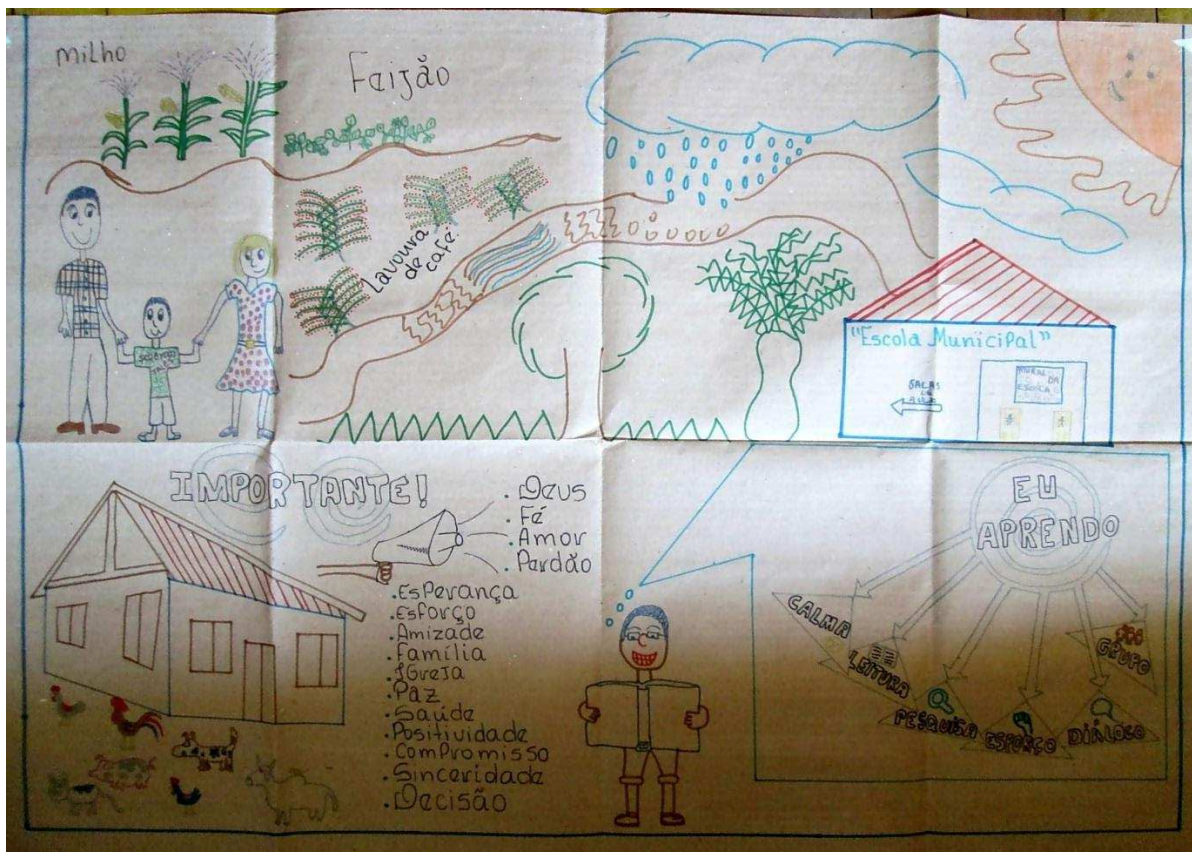


Figura 4- campo e produção de vida, produzido por Pedro.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Ao olharmos cuidadosamente para o cartaz de Pedro, percebemos um campo em que se valoriza a qualidade de vida, o trabalho e a educação. A imagem nos conta que as pessoas têm o direito de permanecerem no seu próprio meio e ali desenvolverem suas potencialidades pessoais, educacionais e profissionais.

Pedro tem 19 anos e mora no Distrito Imbiruçu, município de Mutum na comunidade Novo Horizonte- filho de agricultor e agricultora, estudou em escola municipal no campo até a 4ª série e escola estadual no campo da 5ª à 3ª série do ensino médio. Atualmente ele trabalha na Unidade Básica de Saúde de seu distrito que atende uma população 100% do campo.

As escolas em que Pedro estudou pode ou não, ter levado em consideração suas especificidades enquanto camponês. As ilustrações nos levam a pensar que ele se entende como parte do seu próprio meio, o que nos revela o campo marcado pela existência humana.

Mas, nem sempre foi assim. Foi nos anos de 1990 com o Movimento da Educação do Campo que o meio educacional no campo começou a dar sinais de

mudanças. No passado, a educação para a população rural não tivera políticas específicas, o atendimento a educação se dava por meio de campanhas e projetos. Assim, eram desconsideradas as formas de viver e conviver dos povos do campo, os tornando excluídos do processo educativo (ROCHA, Eliene; PASSOS, Joana; CARVALHO, Raquel [s.d.]).

Ainda com as conquistas advindas dos grupos coletivos, Movimentos Sociais e Sindicais, muitos (as) camponeses(as) não permanecem no seu próprio meio para terem acesso a educação. Em contraposição, Pedro parece acreditar nos pressupostos da Educação do Campo e valorizar o seu ambiente enquanto produção de sua vida no contexto sócio político, educacional e pessoal.

Ele demonstra ter crescido em união com sua família, acompanhando e auxiliando seus pais no trabalho com a agricultura, o que fica entendido pela representação da lavoura de café e plantação de milho e feijão.

Podemos perceber a importância dada aos laços familiares, pela imagem de união entre as mãos das pessoas e pela palavra família na sua lista de importantes. Além disso, ele não abre mão de seus valores, representando sua fé em Deus, sua amorosidade e capacidade de pensar o perdão. Pela imagem indicando eu aprendo- entendemos Pedro como uma pessoa sempre em busca de novos conhecimentos. Ele entende a aprendizagem como algo que acontece em conjunto com outros(as) e com variados dispositivos.

A leitura está envolvida no ensinar e aprender, ela deixa o jogo mais fácil quando permite a aprendizagem. Está ligada a experiência da liberdade, com a curiosa relação de alguém consigo mesmo e com a experiência da amizade. De tal modo a amizade da leitura está em olhar todos numa mesma direção e ver coisas diferentes, e a liberdade, em ver o que não foi visto nem previsto (LARROSA, 2003). De fato, Pedro ilustrou a amizade e liberdade da leitura, quando se mostrou precisar do trabalho em grupo e do diálogo para construir seus saberes.



Figura 5- Juventude que ousa lutar, produzido por Bela.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Essa é a história de uma moça camponesa, que nasceu na roça. Bela construiu uma espécie de linha do tempo para contar a sua história. Já descrevi sobre ela anteriormente e conheço algumas de suas vivências. Ela traça a data de seu nascimento até o ano de 2015 (quando fez o cartaz) e assim coloca imagens que retratam fatos que contam um pouco de suas experiências. Vou descrever esse cartaz a partir do que conheço sobre Bela.

Ela enfrenta barreiras em sua vida no campo e isso fica claro com as três imagens à esquerda, dentre elas a superior é um símbolo escrito fibria (empresas de celulose). As três figuras indicam o agronegócio e as ações do capitalismo presente no campo, mas a sua família trata a terra com cuidado e respeito, contrapondo-se às técnicas capitalistas. O avião pode indicar alguma viagem considerada importante para Bela, mas não há indícios sobre o que seja.

Entendemos no livro riscado e na escola pintada de verde uma imagem de opressão, Bela já me contou sobre quando se sentia presa ao sistema educacional de ensino enquanto estudante de escola pública convencional- isso antes de passar a estudar na EFA.

A bandeira do MPA(Movimento dos Pequenos Agricultores) indica a participação de Bela e de sua Família no mesmo. O que permitiu com que fossem beneficiados com o PNHR(Programa Nacional de Habitação Rural) e passassem a comercializarem suas produções de alimentos pelo PAA- Programa de Aquisição de Alimento e PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar.

A imagem do girassol¹⁸ provavelmente faz referência à Educação do Campo, especificamente a Escola Família Agrícola que veio a estudar posteriormente. Bela se formou em técnica em agropecuária pela EFA, sendo a folhinha verde à direita o símbolo do Técnico em Agropecuária.

Para o ano de 2015, Bela foi aprovada em dois processos seletivos, na UFV e no Instituto Terra, mas escolheu fazer parte da LICENA. A frase juventude que ousa lutar constrói poder popular nos leva a entender Bela como uma jovem intensamente engajada nas lutas populares, colocando-se junto a juventude em prol das transformações do seu próprio meio e da sociedade atual.



Figura 6- Organizar, produzir e alimentar, produzido por Bia.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

¹⁸ O girassol é o símbolo da Educação do Campo, significa felicidade, calor, lealdade, entusiasmo e vitalidade, reflete a energia positiva do sol; suas raízes são profundas. Além disso, os trabalhadores do campo se orientam pelo sol.

Escolhi dar sequência com esse cartaz por perceber semelhanças com o anterior. Bia é irmã de Bela, é uma moça que sempre sorri e acolhe-me com abraços. Ela tem 28 anos e vive no campo desde que nasceu, mora em Vila Valério, no Córrego 21 de Agosto, Espírito Santo. Bia estudou em escola no campo na educação infantil, o que se confirma com a imagem da escola marcando a data 1995.

A imagem da igreja no ano de 1989 pode indicar o batizado de Bia. Há também a figura de um transporte escolar no ano de 1999 que provavelmente significa que ela o usava para chegar na sua escola da cidade, local em que estudou até se formar. Assim como a irmã, Bia destaca as ações do agronegócio, colocando as imagens na mesma data de Bela, ano 2000(deve ser o período em que tais práticas começaram ou se acentuaram em sua comunidade).

Há também a imagem do avião na mesma data (2002) o que nos leva a entender que a viagem que aconteceu foi algo que marcou as duas, podendo ser de caráter familiar. Ela também faz referência ao PAA, PNAE, moradia camponesa e MPA.

No MPA, Bia atua no coletivo de produção, elaborando projetos de PAA e PNAE, apoiando a articulação de alimentos e as feiras livres de sua comunidade. No ano de 2011, Bia se casou, o que fica explicado pelo desenho do par de alianças e em 2015 entrou na LICENA.

As palavras de Bia, organizar, produzir, alimentar! Parece fazer referência a sua atuação no MPA, ela como organizadora, que atua diretamente com a produção de alimentos no campo e faz parte das articulações que permitem alimentar outras pessoas.

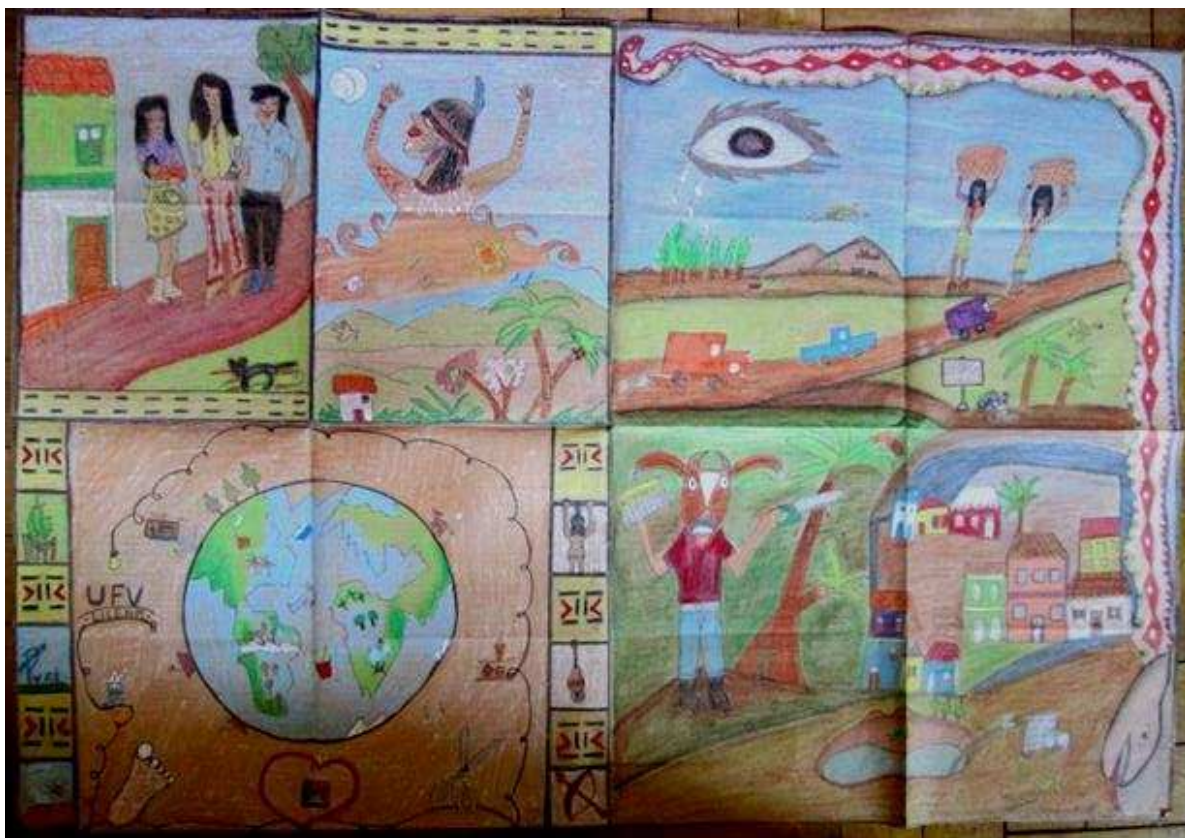


Figura 7- Mundo indígena, produzido por Luara.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Meus olhos permaneceram por muitos minutos colados nessa produção, fiquei imaginando as histórias guardadas na memória de Luara. Ela tem 53 anos e mora em São Fidelis- Rio de Janeiro. Seu cartaz está cheio de significações, percebemos nele a sua auto-afirmação enquanto indígena, sua ancestralidade, cultura, há também a representação da matança desses conceitos. Sempre percebi essa educanda como militante, alguém em busca de seus direitos e defensora do seu povo muitas vezes sofrido. Além disso, ela se mostra uma mulher sensível, guerreira e artista.

Na parte esquerda do cartaz, Luara representa seu mundo indígena, parece ser o seu grupo familiar e possivelmente ela é a mulher grávida que segura um bebê no colo. Aparece a representação de sua fé, a imagem de um mundo verde colorido pelas matas e pelos seres vivos e também a sua chegada na LICENA indicando uma luz que se acendeu.

Do lado direito, Luara representou a desvalorização acerca de seu mundo, a imposição do capitalismo, a opressão, a destruição do passado construído pelos povos indígenas. Parece existir um grande pássaro voando sobre as árvores desmatadas- parece ao mesmo tempo ser um olho que derrama lágrimas.

Os animais, a natureza em si pede socorro diante a morte do mundo indígena. Os poderosos, com suas máquinas e tecnologias destroem as riquezas das origens de Luara, em busca do lucro cada vez mais devastador e sem qualquer sinal de respeito aos seres humanos e ao ambiente.

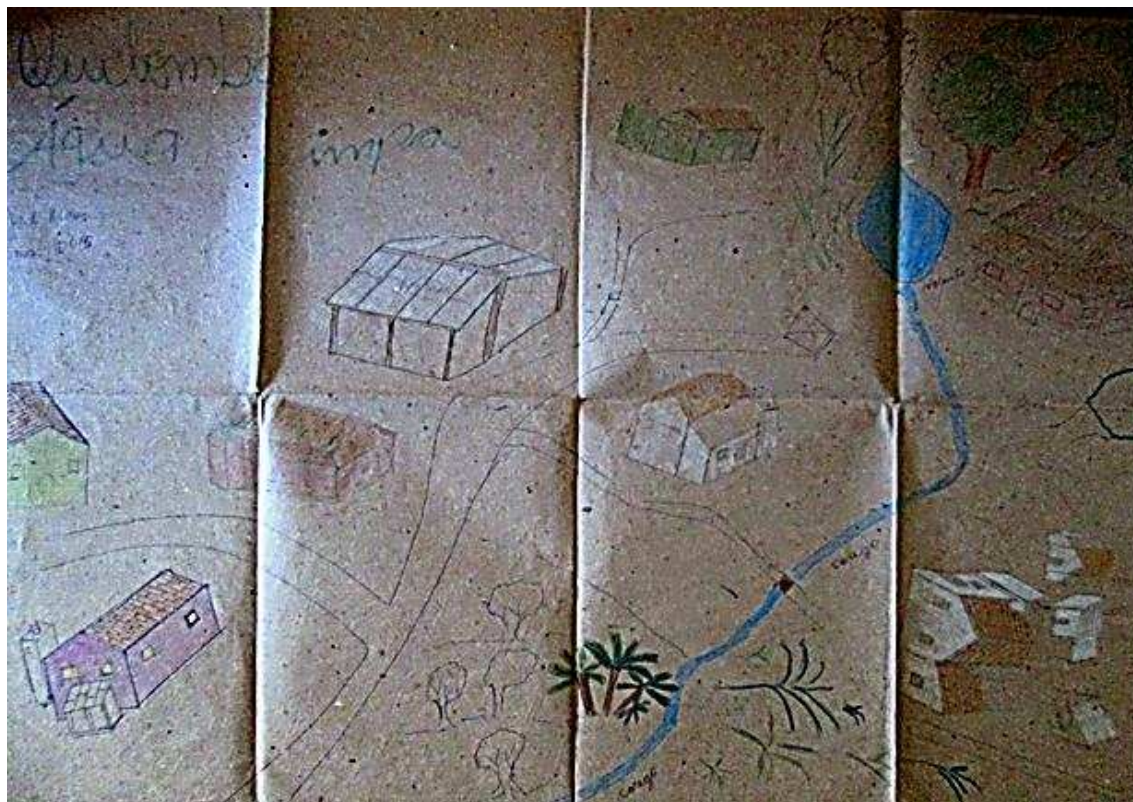


Figura 8- Comunidade camponesa, produzido por Lucas.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Preciso destacar que construí grande afinidade com Lucas, sempre se mostrou interessado pela poética apresentada, ele tem 38 anos e mora na comunidade Quilombo Água Limpa no município de Ouro Verde- Minas Gerais. Estudou em escolas no campo e sempre que tem a oportunidade ele conta de como foi rígida a sua trajetória escolar, o que o fez sentir medo de professor(a). Lucas precisou parar seus estudos por falta de escolas no campo e retornou apenas quando já era adulto e para isso viveu alguns tempos na cidade. Anos mais tarde voltou para suas origens, local ilustrado acima, com várias casas próximas e em contato com a natureza. Aparece também de forma mais destacada, uma nascente que deve existir próximo à sua moradia e que deve ser cuidada pela comunidade.

Pela figura e pelas vivências Junto a Lucas, podemos perceber como ele valoriza o seu lugar de origem e entende o campo como espaço de construção de sua vida. Tanto é que atualmente, é presidente de uma associação quilombola em sua comunidade, o

que o faz lutar junto à outras pessoas, em prol do bem estar e sustentabilidade dos/das camponeses(as).

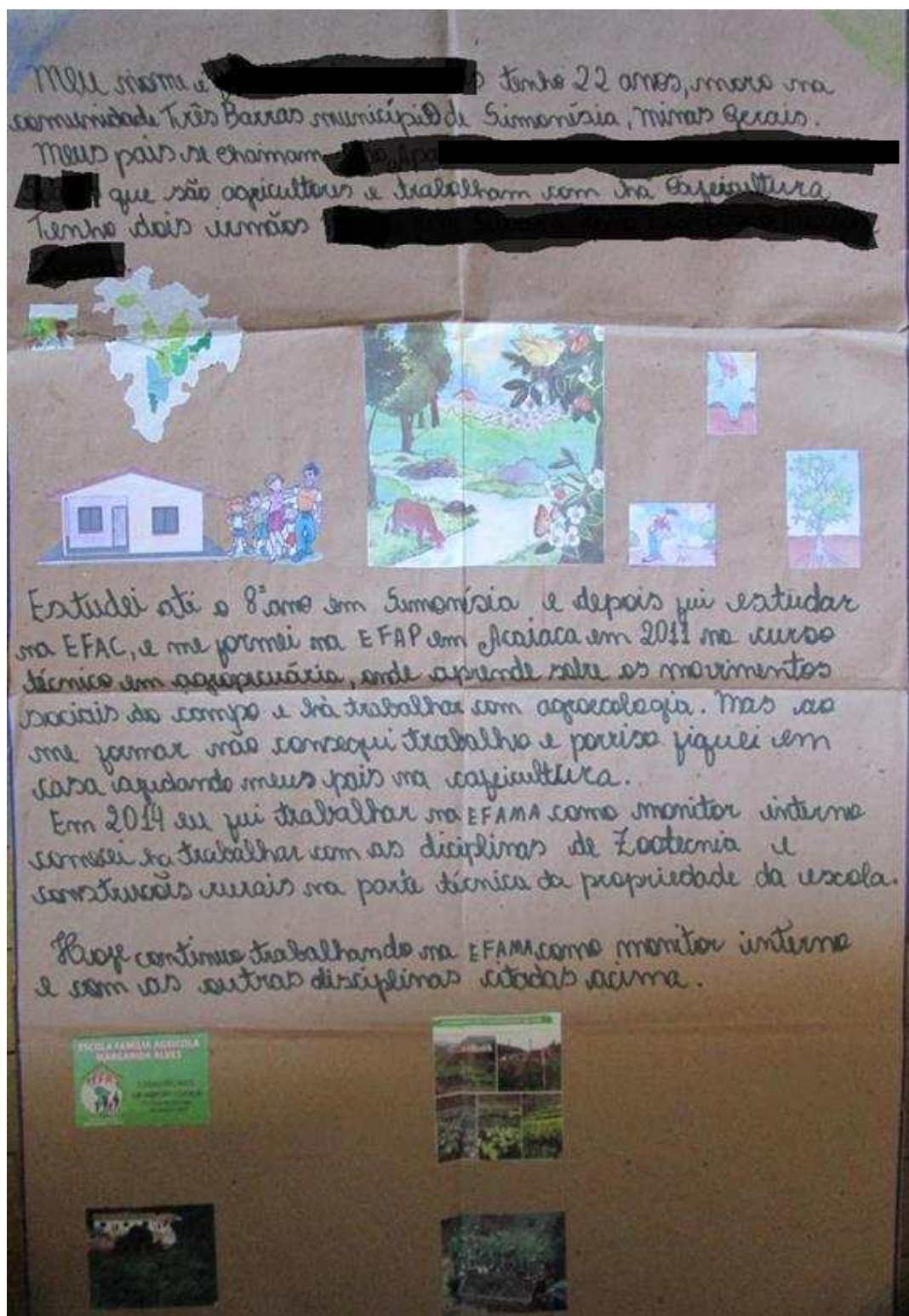


Figura 9- Histórias de Antônio, produzido por Antônio.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Brotava-me um sentimento de alegria todas as vezes que compartilhava com Antônio a doçura de minha poética. Ele tem 23 anos, mora na comunidade de Três Barras, Simonésia, no Estado de Minas Gerais. Ele faz parte de uma família camponesa e cresceu auxiliando seu pai nos trabalhos com o campo. No que diz respeito a sua trajetória escolar, estudou 3 anos na cidade (5º ao 7º ano) e outros anos em Escola Família Agrícola, se formou em técnico em Agropecuária e atuou dando aulas na EFA de sua região por aproximadamente dois anos. Disse-me Antônio certa vez que, se você souber tratar a terra com amor, tudo o que você plantar vai colher.

Até hoje conta-me sobre sua emoção e da relação que conseguiu fazer da minha história com a dele. Lembro quando você leu aquele texto seu falando de quando você ia pra escola no barro, eu até chorei (o campo pede licença). Ele falava-me com frequência de tal identificação, relatava-me sobre suas vivências no campo com muita emoção e humildade.

Antônio contava-me sobre sua falta de hábito de leitura e escrita, dissera uma vez que a arte, a poesia e a simplicidade com que eu tratava as palavras o incentivava nas práticas textuais.

Segundo ele, sua relação com o campo se tornou mais forte por meio de suas vivências nas EFAS (como estudante e educador). Aprendeu a perceber o campo como sua melhor fonte de subsistência e de produção de vida. Portanto, sua relação com o paradigma da Educação do campo, parece ter interferido no seu modo de ser camponês.

Ele optou por usar imagens e a palavra escrita na produção de sua história. Para indicar seu local de moradia ele colou uma foto sua indicando no mapa: Simonésia. Na foto Antônio aparece colhendo pimenta, caracterizando uma das atividades que realiza enquanto técnico agrícola do campo.

Logo abaixo ele colocou a imagem de uma casa e de uma família indicando o número de pessoas que compõe o seu grupo familiar. Ele sempre me falou do campo se referindo aos cuidados com a terra e como ele o entende como lugar de viver. Isso fica explícito pelas quatro imagens na parte superior à direita, onde há animais, plantações e árvores. Aparece um menino cuidando da terra, uma mão que se posiciona para tocar o chão e em 3 imagens se repetem a figura do sol que aquece o ambiente- parece indicar a importância também desse elemento para a produção de vida no campo.

Na parte inferior do cartaz aparece a Escola Família Agrícola Margarida Alves local em que Antônio começou a atuar como monitor. Há fotos que indicam momentos de atividades na EFA com os educandos(as).

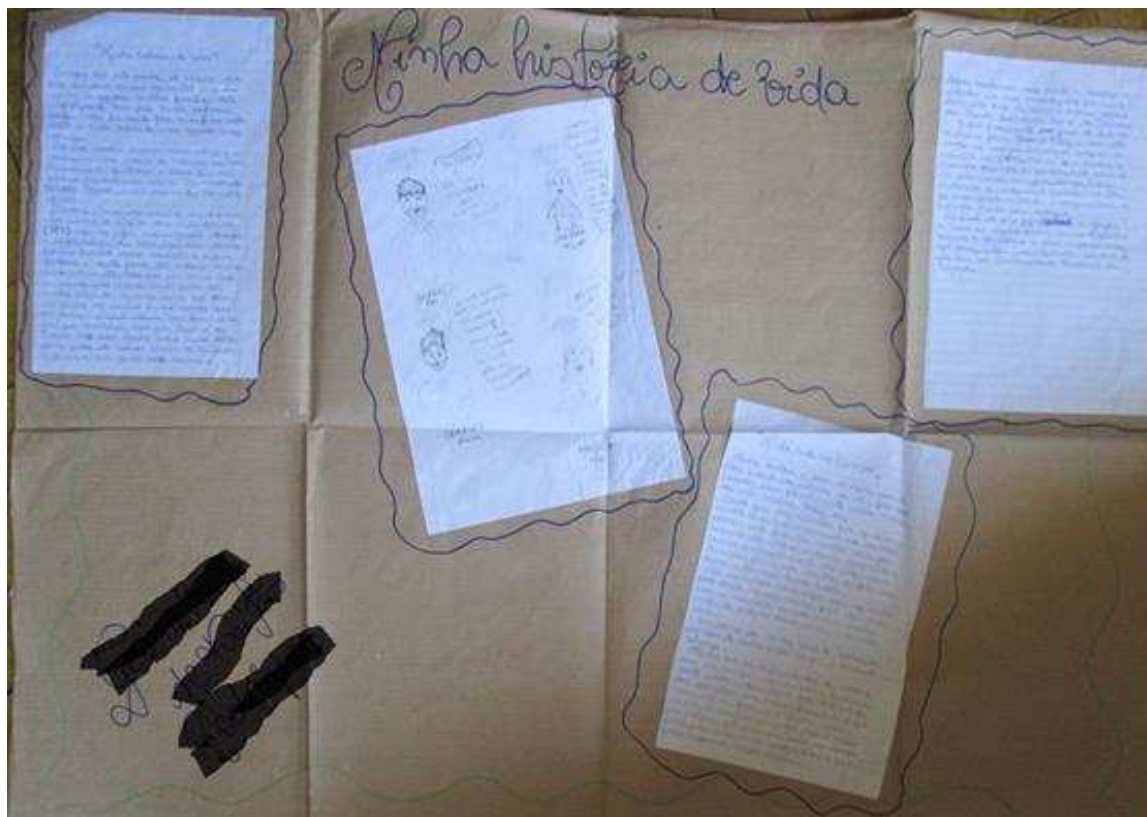


Figura 10- História de vida, produzido por José.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Encantei-me pela sensibilidade de José e pela verdade encontrada em sua voz enquanto canta suas canções, ele é cantor. Tem 22 anos, mora em Taquaraçu de Baixo, zona rural de Divino, Minas Gerais. Nasceu no campo, onde reside até hoje. Conta-se em sua história que ele e sua família são meeiros¹⁹ e que por isso sempre mudam de um lugar para o outro. José relata o sonho que sempre teve de estudar em universidade pública, especificamente na Universidade Federal de Viçosa e da sua intensa vontade de ser cantor para ajudar a sua família.

São agricultores(as) e sobrevivem do próprio plantio, cultivam principalmente café, mas cuidam de hortas em casa e produzem milho, feijão, mandioca, entre outros. Ele destaca que enfrentam dificuldades por morarem no campo, mas não cita quais são elas e destaca que aprendeu com os seus pais a nunca negar a sua origem de camponês.

¹⁹ Agricultores(as) que trabalham em terras pertencentes à outras pessoas e repartem com o dono o resultado da produção.

Houve a predominância de linguagem escrita neste cartaz, com poucas ilustrações. No meio de sua produção, José criou quatro balões de falas referentes à cada membro do seu grupo familiar, no qual cada um expressou pensamentos sobre a vida no campo.



Figura 11- O diálogo de José, produzido por José.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Prevaleceram nas falas, os laços familiares, contando com a valorização do campo por parte dos membros, acontecendo assim a troca de saberes entre pais e filhos. O cuidado com a natureza também foi muito enunciado, bem como a arte de cultivar os alimentos que consomem.

José estudou as séries iniciais na zona rural, logo depois passou a estudar na cidade e para realizar seu sonho de ingressar na UFV, conta que se matriculou em um cursinho em busca de novas aprendizagens. De tal forma, ingressou no ano de 2015 na LICENA, realizando seu sonho de se tornar universitário.

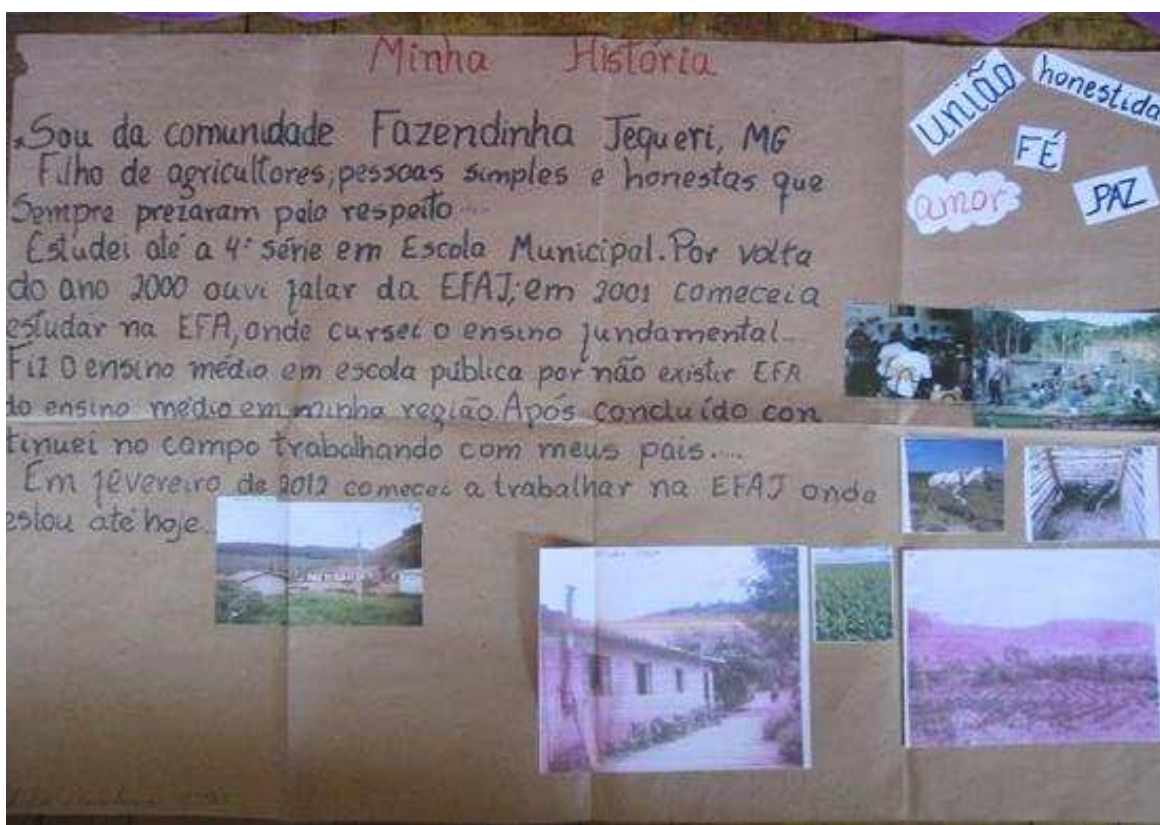


Figura 12- Vida no campo, produzido por João.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Certo dia João compareceu em uma das oficinas artístico-pedagógicas por pura curiosidade, daí em diante sempre pergunta-me sobre poesias. Ele tem 27 anos, reside na comunidade Fazendinha, Distrito de Piscamba, em Jequeri- Minas Gerais. Atualmente é monitor na Escola Família Agrícola de Jequeri, local onde realizou parte de seus estudos.

João descreveu a sua história usando a escrita e enumerando figuras que correspondem a cada etapa de seu texto. Para tal colocou os números nas figuras e na frente dos enunciados escritos, demonstrando relação entre imagem e palavra escrita. À

direita do cartaz na parte superior ele escreveu união, honestidade, fé, amor e paz, enumerando como 1.2 e indicando que se referiu aos laços familiares e dos valores cultivados por sua família.

A figura 1.3, logo abaixo das palavras indica a sua vivência enquanto estudante da Escola Família Agrícola de Jequeri. Nas imagens correspondentes percebemos a relação teoria e prática, parece estar acontecendo algum debate numa sala de aula e logo após estudantes aparecem cuidando de uma horta.

Há quatro figuras indicadas pela numeração 1.4 que está relacionada ao trabalho no campo com os pais, valorizando-se os saberes que passam de geração para geração no contexto familiar. O que se destaca nas imagens é a criação de porcos, lavouras de café, plantação de milho e o trabalho com cavalo para aragem de terra. A figura 2.0 é a vista da Escola Família Agrícola de Jequeri, local em que João estudou e acabou se tornando monitor.

João colocou também a imagem de sua casa, na qual se destaca um homem carregando um carrinho de mão, que pode ser ele, algum membro familiar ou algum trabalhador rural. Sua casa parece rodeada de flores e árvores e local de moradia de pessoas simples e honestas que sempre prezaram pelo respeito, como ele mesmo descreveu.



Figura 13- Lugar de origem, produzido por Miguel.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2016.

Quando olhei para o cartaz de Miguel, lembrei-me de sua presença e entrega na terceira oficina artístico-pedagógica e a forma com que fechou os olhos para ouvir nossas palavras. Ele tem 25 anos e reside há seis anos na cidade, em Ouro Verde de Minas. Antes disso ele viveu no campo e ajudou seu pai desde os seus oito anos, para auxiliar no sustento de sua família. Foi para cidade em busca de melhores condições de vida, mas segundo ele, se pudesse voltar no tempo não teria saído do seu lugar de origem. Toda sua trajetória escolar aconteceu em escolas da cidade localizadas no campo e como já me disse escrever nunca foi seu prato favorito. Sem perder sua ligação com o campo, Miguel continua auxiliando seu pai com o trabalho nas lavouras de café sempre que possível, deslocando-se da cidade para isso.

O interessante é que Miguel não desenhou sua vida na cidade e sim uma casa no campo cercada de plantas e animais, talvez porque ele nunca tenha se desligado da vida camponesa mesmo indo residir na cidade. A ilustração deve ser a representação da casa de seus pais, local onde morava antes de ir para a zona urbana. Mais uma vez o campo aparece como lugar de produção de vida.

4.1.1- O campo daqueles que sonham...

Tudo que não invento é falso.

Manoel de Barros (1996)

Ao final da apreciação dos cartazes artísticos, podemos dizer que alguns sentidos manifestaram-se de forma muito acentuada. O campo foi descrito como espaço de produção da vida diária, ele não foi ilustrado em momento algum, como sinônimo de atraso e inferioridade. Pelo contrário, as figuras descreveram a sua valorização, enquanto local de vivências e experiências dos seus protagonistas- Percebemos que nele vivem sonhadores, além de camponeses(as), pessoas que lutam das mais diversas formas.

Vale reafirmarmos aqui o campo enquanto lugar de lutas, conflitos, conquista de espaços e direitos, valorizando então, as organizações coletivas que partem do ambiente local e se expandem até o espaço nacional, provocando transformações. Deste modo, o projeto de Educação do Campo implica sustentabilidade econômica, social, política e cultural, reconhecendo-se a realidade dos sujeitos, na compreensão de uma nova concepção de campo, objetivando também a superação do atual modelo capitalista. “O objetivo principal da Educação do Campo “foi/deve continuar sendo o de organizar as

diferentes lutas e práticas que se colocam a favor dos camponeses, do conjunto dos trabalhadores do campo” (CALDART, 2015, p. 7).

Além disso, compreendemos por meio das nossas leituras, o campo como o lugar de encontros familiares, em que os membros estão intrinsecamente unidos e trabalhando em prol de sobrevivência e de conquistas para o seu meio. O campo é visto com respeito pelos(as) estudantes e se trata de espaços em que também se tecem valores, sem desconsiderar os desafios enfrentados- campo marcado pela preservação e valorização das próprias origens, crenças e cultura.

De tal modo, corroboramos com Silva (2006, p. 80) ao acreditar que “a cultura é tudo aquilo que tem a ver com o sentir, pensar e agir das pessoas, e também com o sonhar, criar e transformar”. Isso ficou muito evidente nas ilustrações, que descreveram o modo de existir dos camponeses(as).

Acompanhamos também o sentimento de opressão em algumas produções, principalmente nos cartazes de Luara, Bia e Bela. Neles se manifestaram a forma como o agronegócio com suas práticas capitalistas oprimem os/as camponeses(as), descaracterizando a agroecologia e os cuidados com o campo. De tal modo, destroem também a vida, as histórias dos lugares e os sonhos das pessoas, é contra a morte de tudo isso, que os povos camponeses enfrentam desafios e persistem lutando.

Neste aspecto, os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, têm nomes e rostos, gêneros e etnias diferenciadas. Lutam pelo direito à terra, à floresta, à água, à soberania alimentar, ao meio ambiente, aos conhecimentos potencializadores de novas matrizes tecnológicas (SILVA, 2006). Lutam contra a opressão e a descaracterização de suas identidades camponesas.

No que se refere à dimensão poética e a racionalidade estético-expressiva, percebemos extensas subjetividades, experimentações e outras possibilidades de pensamentos para a construção de conhecimento. Observamos nas ilustrações, a manifestação da afirmação dos camponeses como tais e como autores(as) de suas obras(sem serem donos(as) delas), mas convictos de suas capacidades de produzir textualidades.

Neste sentido, muitas práticas e experiências têm buscado nas linguagens artísticas caminhos para a ocorrência de seus trabalhos, valendo-se do uso da imaginação, da criação e de meios motivadores e expressivos. Recorrendo também aos referenciais da cultura e da memória, para a reescrita e para a reconstrução de

identidades. Assim, a cultura e a arte são de grande importância para que os/as protagonistas possam se reconhecerem e se (re) pensarem em termos de origem, pertencimento e inserção social (SILVA, 2006).

O contexto estético e a liberdade permitida na produção dos cartazes, deu voz às histórias de vida dos/das estudantes. Tudo isso, reafirma a importância da racionalidade estético-expressiva e dos elementos da arte, enquanto ferramentas propícias ao ensino-aprendizagem dos/das estudantes da LICENA.

4.2-Oficinas Artístico-Pedagógicas: do científico ao romântico

Cada qual que tenha a sua,
qualquer arma, nem que seja
algo assim leve e inocente
como este poema em que canta
voz de povo — um simples canto
de amor.
Mas de amor armado.

Thiago de Mello(1966)

As ideias de oficinas textuais surgiram-me após a leitura da dissertação de Jucelia Marize Pio, *Apropriação da escrita no curso de formação de professores de ciências para a Educação do Campo*, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao ler sobre as experiências de oficinas de leitura e escrita na referida universidade, senti-me instigada a realizar com a LICENA, e tamanha foi minha surpresa ao contar a ideia para Willer.

No ano de 2015 ele estava na coordenação da Licenciatura em Educação do Campo- LICENA/UFV e já pensava em algo que pudesse auxiliar os educandos(as) na insegurança que apresentavam em relação principalmente à escrita. Foi como unir o útil ao agradável- ao falar-lhe do meu entusiasmo, como resposta contou-me a história da festa no céu, apenas para dizer-me: *jogou o sapo n'água*.

As oficinas aconteceram em forma de Instalações Artístico-Pedagógicas, que segundo Barbosa (2011) acabam fomentando múltiplas linguagens, vindo a criar novos saberes e outros modos de interação.

Tomamos a perspectiva de Instalação Pedagógica como uma ambiência composta por elementos da realidade suscitadora de problematização e reflexão. [...] Além disso, promove um despertar de

sensibilidades a serem re-simbolizadas e interdisciplinarizadas a partir da interpretação dialogada de “leigos” (BARBOSA, 2011, p. 11).

A partir disso, a ambiência dos encontros foi organizada levando em consideração a realidade dos/das educandos e educandas. Antes de qualquer diálogo todos(as) podiam participar do ambiente, refletir e problematizar questões abordadas em cada espaço pedagógico.

Iniciamos no mês de maio as Oficinas Artístico-Pedagógicas, que aconteceram em cinco encontros durante o ano de 2015. Planejamos, organizamos e realizamos os mesmos sempre em união um com outro, contando também com a colaboração de algumas pessoas assistentes da pesquisa que se prontificavam a nos ajudar. Todas as oficinas apresentaram o mesmo objetivo geral e cada uma os seus específicos; o objetivo geral foi desconstruir a insegurança de escrever e instigar a criatividade textual dos/das participantes.

As mesmas fizeram parte do cronograma de atividades oferecidas nos tempo escola, buscando de início, dialogar com a disciplina História e Memória da linguagem. As temáticas vivenciadas estiveram relacionadas aos sujeitos, ao auto-reconhecimento de si e do outro; às memórias individuais e coletivas; ao seu empoderamento na LICENA, às linguagens de seu cotidiano e à profundidade da palavra escrita. Vale destacar que outras atividades (Teatro do oprimido, capoeira, dança Afro-brasileira, por exemplo) também foram consideradas nos referidos cronogramas, elas aconteciam no mesmo horário, portanto os educandos(as) desfrutavam da liberdade de escolha.

Os ideais das oficinas se voltaram aos princípios do diálogo, da arte, literatura e da linguagem poética, acontecendo desvinculadas de qualquer prática tradicional de ensino. A primeira oficina aconteceu apenas com a turma de 2015, as demais foram direcionadas às duas turmas: 2014- Sementes do Amanhã e 2015- Semeando Saberes. Entretanto, houve maior participação da turma de 2015.

Foi um caminho novo para mim, cheio de inquietações, dificuldades e aprendizagens e que de alguma forma me faziam lembrar minhas experiências enquanto educadora de jovens e adultos no NEAd (Núcleo de Educação de Adultos da UFV). As minhas vivências na EJA me mostraram a realidade de muitas pessoas que não tiveram acesso à educação na idade considerada regular. Conheci educandos(as) com histórias de vida no campo e que deixaram de estudar para auxiliar no sustento familiar.

Conheci entre os/as jovens e adultos(as), pessoas com extrema dificuldade até mesmo em segurar no lápis, chegavam a dizer que eram obrigados(as) a trocarem o

lápiz pela enxada. E tudo aquilo que eu ouvia se misturava à minha paixão pelas letras e às minhas origens. Quando aqueles educandos(as) não sabiam ainda ler letras, eu lhes apresentava imagens; liam com os olhos e contavam sobre elas e assim fazíamos o nosso círculo de cultura²⁰. Ou seja, todos nós podemos ler alguma coisa.

A ideia inicial das oficinas pedagógicas era apenas auxiliar os educandos e educandas em suas dificuldades acadêmicas relacionadas à escrita. Porém, o que deveria ter sido apenas científico se misturou com romance- se transformou em romântico.

*Recriamos o mundo o tempo todo,
é um processo infinito
de sentidos que não se acabam,
sentidos que não se calam.
E porque não um romance?*

*O meu devir poético
sempre me leva para lugares do desejo,
dos afetos e emoções.
Ao apreciar textos
me encontro com
diversos casos de amores.*

*Leio o papel sufocado, transbordando sonhos.
Às vezes com fé, em outras com dor.
Além de leitora, me transformo em autora.
Passo a me enxergar nas linhas passeadas
pelos meus olhos.*

*Derramo lágrimas,
sinto-me incompetente,
ao misturar sentimentos com o mundo acadêmico.
Deparo-me com a amorosidade nos textos,
mas me fizeram acreditar que não tem valor.*

²⁰ O círculo de cultura traz para o campo de uma educação popular de vocação transformadora de pessoas e sociedades algo das iniciativas práticas grupais de uso comunitário, escolar ou pedagógico. A partir da crítica formulada por Paulo Freire a respeito do que ele denominou de “educação bancária”, o círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. Assim constroem-se juntos o saber solidário, a partir do qual cada um ensina e aprende, priorizando-se o diálogo (Carlos Rodrigues Brandão- Dicionário Paulo Freire).

*Grande engano,
quanta história existe
em cada palavra de amor.
Desejos... desejos...desejos.
Desejados em comunhão.*

*Quantos desejos
produzidos nas obras,
compõem o cenário do mundo.
É feito teia sem fim,
linhas de conexões.*

*Ora insatisfação, ora realização,
que também não quer dizer contentamento.*

*No desejo da escola do campo,
se escondem redes de conexões.
Respeito e dignidade,
luta dos povos,
jogos de poderes.
Quanta coisa, quanto anseio.*

*Existimos nos e com os outros,
É feito fuga da solidão.*

*Vou me construindo nas/com
as linhas romanescas,
não é possível ser eu sozinha.*

*Ah desejos...
Desejos que não se cessam,
ou se findam com a morte?*

*Estou perambulando
entre linhas de amor,
e tudo se transfaz em romance,
até mesmo o/a autor(a),*

*até mesmo eu*²¹.

Ao ler os textos e imagens da primeira oficina fui tomada por lágrimas, histórias de gentes que me levaram a pensar a condição humana. E tudo aquilo sufocou a minha pretensão de trabalhar apenas com as dificuldades textuais; acompanhamos as ilustrações, as palavras, as linhas, as emoções e as relações produzidas. Tive a impressão de ler romances e tudo aquilo era bonito demais para não ser considerado- estávamos de frente com o empoderamento dos/das participantes: escrita, desenhos, poesias e arte- era a livre expressão.

Segundo meu orientador, ele desenvolve há mais de 12 anos, em conexão com o Núcleo de Pesquisas MOVER do qual participa, o tipo de oficinas que vamos descrever, o que não impediu que inventássemos outros caminhos, adaptando-os a cada temática trabalhada.

Precisamos destacar que para que os educandos(as) se sentissem livres para se expressarem não pedimos que se identificassem nos textos caso não se sentissem à vontade, portanto, muitos(as) não assinaram suas produções. Num momento posterior, procurei pelas autorias (para facilitar nossas análises), passando o material produzido pelas mãos da turma Semeando Saberes, mas ainda assim muitas não foram identificadas.

De tal modo, não é nosso objetivo narrar a história de vida de cada participante das oficinas e sim contar o que os textos artísticos produzidos por eles/elas provocaram em nós enquanto leitor e leitora. É importante destacarmos que existiu entre o público, principalmente agricultores(as) familiares e/ou filhos(as) destes(as); egressos de EFAs, residentes em Quilombos e assentamento rural e estudantes ligados(as) aos Movimentos Sociais (MST e MPA, por exemplo).

²¹ As inspirações para a construção do poema, surgiram principalmente pela leitura de: “O desejo dos anjos e variações sobre o “eu” de Eduardo Simonini Lopes” e pelo filme “Asas do Desejo”. O mesmo fez parte do trabalho apresentado a disciplina EDU 627- Educação e Cotidiano.

4.2.1- Memórias e linguagens

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Manoel de Barros (2006)

A 1ª oficina aconteceu na sala de aula do Departamento de Educação da UFV no dia 19 de maio de 2015, contando com a presença de 16 educandos(as) da turma Semeando saberes da LICENA. O espaço foi organizado com toda a intencionalidade de instigar os participantes a escreverem seus próprios dizeres. Partimos da ideia de que o ambiente deveria ser acolhedor e demonstrar relação com o contexto do campo e com práticas de leitura e escrita.

Os objetivos específicos foram: apresentar a arte como instrumento facilitador da escrita; conhecer as memórias e linguagens dos educandos(as) e estimular a escrita dos próprios enunciados.



Fotografia 8: Momento inicial da 1ª oficina textual com a LICENA, maio de 2015.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Ao centro da sala uma vasilha contendo terra, foi circulada por uma toalha florida e jornais e livros acompanharam esse envolto. Frases inspiradoras e diversas imagens foram espalhadas pela sala, por exemplo, crianças, lápis, natureza, família, campo, entre outras.

Em frente ao círculo estava uma mesa, intencionalmente contendo folhas brancas, lápis de cor, revistas e água; nos cantos da sala velas acesas com essência de laranja representava o fogo, uma imagem amarela na janela significava o sol, indicando o lugar que ele nasce e a cor verde foi dita natureza. Essências e incensos deixaram o ambiente relaxante e outra toalha florida mostrava o caminho de entrada da porta. Priorizando também o ouvir, Bolero de Ravel²² foi colocado em baixo volume.

Os educandos(as) foram convidados(as) de início a se levantarem, podendo então olhar, ouvir, tocar e sentir tudo que o ambiente estava oferecendo. Houve uma aceitação muito grande, todas as pessoas se entregaram ao que estava acontecendo, a sensibilidade permitiu-nos uma entrega e um encontro com nós mesmos(as). Não havia mais diferenciação entre organizadores e participantes, tornamo-nos iguais em um grande coletivo.

Logo em seguida, iniciei a leitura do discurso de José Saramago (1998) Da estátua à pedra e Discursos de Estocolmo; a emoção estava explícita, talvez porque aquelas palavras permitissem a muitos uma forte identificação pessoal. Assim se inicia o discurso de Saramago pronunciado em 7 de dezembro de 1998 na Academia Sueca:

O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em terras de França, levantava-se da enxerga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam desta escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia. [...] (DISCURSO DE SARAMAGO, 1998, p. 71)

Partimos do olhar, do sentir e do ouvir para depois iniciarmos a escrita. Esta foi uma maneira de instigar os educandos(as) a escreverem, um escrever sem serem pressionados e, sim proveniente da vontade própria. Utilizamos o discurso de Saramago como leitura inicial, como forma de levá-los à repensarem suas próprias histórias e discursos. O ambiente em si teve o propósito de permitir maior liberdade de expressão, ocasionando um encontro do sentir/pensar/ouvir com o ato de escrever.

Logo após ouvir- o discurso de Saramago, foram convidados(as) a escreverem uma palavra que simbolizasse o estar participando daquele ambiente em relação com suas memórias. Em seguida, os/as participantes foram orientados(as) a usarem as folhas brancas e os lápis de cor para representarem a palavra de forma ilustrativa a partir do

²²Bolero de Ravel é uma obra musical escrita para orquestra por Maurice Ravel.

momento de participação naquela oficina. Múltiplos desenhos surgiram, todos(as) expressaram através da arte o que estavam sentindo/relembrando/pensando.

Para chegar à escrita, pedimos que cada um/uma, olhasse novamente sua palavra, seu desenho, que ouvisse a música que continuava tocando, que relembresse o discurso de Saramago e observasse à sua volta. A partir de todos os elementos ali apresentados, escreveram um texto livre, da maneira que conseguiram, um registro que representou o que o ambiente lhes provocou considerando suas memórias.

De início muitos(as) disseram não conseguir, ou que era muito difícil colocar no papel aquilo que está na cabeça, isso justifica a predominância da oralidade na comunicação também nos/nas educandos (as) da LICENA. Mesmo com essa restrição todos(as) escreveram, tudo pareceu fluir melhor quando deixamos claro que poderiam escrever sem o medo de errar e que existindo erros, poderiam estes, serem corrigidos em outro momento. Orientamos os/as participantes a retornarem aos desenhos caso sentissem necessidade, pois nesse retorno poderiam surgir novos enunciados, auxiliando assim no prosseguimento da escrita do texto.

Procuramos demonstrar que a ação da escrita é posterior a vários elementos, precisamos ouvir, conhecer, ler outros materiais, guardar na memória o que faz sentido. O escrever também parte de um querer, do envolver-se com aquilo que se quer registrar e naquele momento todos(as) queriam, estávamos em um grupo em que almejávamos a mesma coisa, escrever um texto livre.

Escrever é como refazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática, é como uma recriação, um redizer daquilo que pensamos. Ler e escrever devem ser atos de repensar o pensado, reescrever o que já foi escrito e ler também aquilo, que antes de ser história de um autor (a), foi também nossa (FREIRE, 1992). Neste sentido, Paulo Freire destaca a importância da oralidade que antecede a escrita, de forma que venha ser uma maneira de refazer aquilo que já existe em nossos pensamentos.

Neste momento narramos os enunciados presentes nos desenhos produzidos, reafirmando que a nossa descrição parte de nossos olhares e da forma como as produções nos afetaram. Os desenhos surgiram a partir das palavras que antecedem as figuras e deram origem aos pequenos textos que seguem cada ilustração. Percebemos pelos desenhos e palavras escritas que os/as participantes ilustraram suas memórias pessoais e camponesas.

PALAVRA: PENSAMENTO

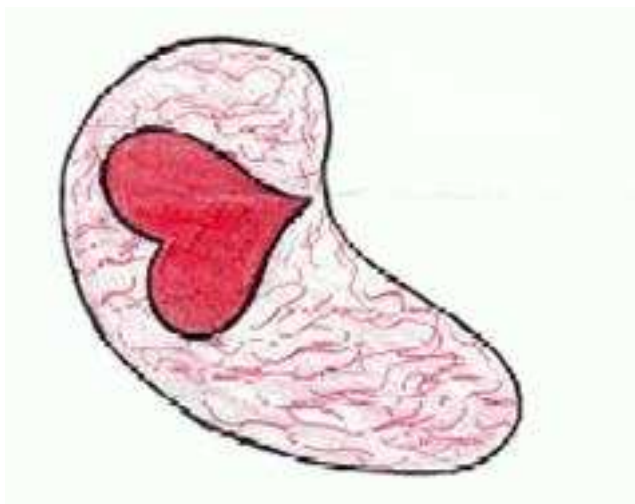


Figura 14- Coração e cérebro, produzido por Beatriz.

Fonte: Jessica de Freitas Lopes, 2015.

Já ouvi muitas pessoas dizerem que são movidas pela razão, outras dizem que são movidas pela emoção. Mas o que não percebem é que são movidos pelas duas coisas. Às vezes sentimos coisas que não conseguimos explicar, o amor é uma coisa emocional que achamos que sentimos só com o coração, mas a razão está inserida, ao vermos que ele será bom para a gente. O amor e o pensamento está em tudo que praticamos, pois se lemos estamos exercitando a nossa mente e com certeza também estamos fazendo isso com amor. A leitura do discurso, os livros e jornais espalhados no chão, foi com esse intuito, de provocar a nossa mente (nos fazer pensar) “o que isso trará para mim? como eu posso aplicar isso em minha vida? E também provocar os nossos sentimentos, pois se vemos que é uma coisa boa, veremos que a escrita também poderá ser feita com amor e com inspiração, pois ela vem através do amor (Texto produzido por Beatriz na oficina textual I, 2015).

Essa imagem apresenta poucos detalhes e pode expressar algum tipo de sentimento que faz parte da vida de Beatriz. O coração não se encontra isolado e sim envolto por um suporte que pode ter o significado do pensamento- sentimento que se faz presente no ato de pensar da educanda, podendo ser também a comunhão entre a razão e a emoção, que para ela está inserida em todas as coisas. Mas, o colorido mais forte do coração, indica-nos predominância de sentimentos. Beatriz também menciona, a escrita que pode ser realizada com amor e mais uma vez aproxima pensamento e emoção.

PALAVRA: EMOÇÃO



Figura 15- Emoções, produzido por Gabriela.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Sinto-me muito emocionada, feliz e ao mesmo tempo grata pela minha vida e da minha família. Sinto-me realizada pelas conquistas e também pelas derrotas, porque na vida tudo é um aprendizado. Gostaria de ter mais tempo com minha família, penso que deveria agradecer mais, fazer algo produtivo, ajudar mais o próximo, porque às vezes me sinto desconectada ou até mesmo inútil neste mundo. Gostaria de ver mais o pôr do sol e estar mais presente na vida dos meus pais, sinto-me distante... Saudades, saudades, saudades. Quem sabe deva pensar menos nos problemas e encontrar as soluções: Este é o meu problema! (Texto produzido por Gabriela na oficina textual I, 2015).

O que mais nos chama a atenção no desenho é o olho que derrama lágrimas, que parece cair sobre a família, o que pode ser relacionado principalmente com as passagens que diz, “*sinto-me muito emocionada, feliz e ao mesmo tempo grata pela minha vida e da minha família*”; “*gostaria de ter mais tempo com minha família*”.

Há no desenho de Gabriela uma bíblia sagrada em que a educanda não menciona no texto escrito, o que nos revela a sua fé em Deus. Ao lado direito parece ser o desenho de uma porta, que pode ser a entrada para uma igreja, ou algum caminho que possa indicar a busca pelas soluções de seus problemas mencionados na sua escrita.

A educanda desenha uma pessoa longe do grupo familiar, que provavelmente é a representação de si, pois escreveu sobre a forma como se sentia distante de seus pais e usa a expressão *saudades, saudades, saudades*, reafirmando tal fato.

PALAVRA: REFLEXÃO



Figura 16- Reflexão, produzido por Adalberto.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

A leitura é muito importante, nos ajuda a refletir, os momentos de reflexão nos leva a interagir! Mas, interagir com o que? Muito simples de dizer: refletir em um ambiente, significa enriquecer! A reflexão que tive, nunca quero esquecer: Que a leitura está em nós e que nós saibamos ver (Texto produzido por Adalberto na oficina textual I, 2015).

Este fragmento foi escrito em formato de poema e foi recitado pelo educando que escreveu. Durante a socialização final, algumas pessoas disseram que com certeza ele teria feito um poema. De início se mostrou envergonhado pela exposição, mas quis ler seu escrito para a turma que o aplaudiu calorosamente. Ainda em sua folha escreveu outras palavras:

Lembrei-me de que as coisas muitas vezes não são do jeito que a gente pensa, pude lembrar-me o quanto é importante a amizade. Quantos jovens estão perdidos no mundo das drogas, quantas famílias desabrigadas, quantas pessoas morrendo à toda hora. E aí pude perceber como é importante a reflexão, ela nos leva a imaginar tudo aquilo que não poderia ser do jeito que é. Mas acima de tudo, faz olharmos para dentro de nós e assim descobriremos quem realmente somos (Texto produzido por Adalberto na oficina textual I, 2015).

A imagem apresenta forte relação com os escritos. Os pontos de interrogação indicam o quanto o educando se questionou sobre os problemas que cita em seu texto- o que nos faz entendê-lo como uma pessoa que se preocupa com as situações que

envolvem a sociedade. Assim, ele parece imaginar como tudo poderia ser diferente, mas afirma que as coisas muitas vezes não são do jeito que a gente pensa. Ele percebe a reflexão como forma de se auto-conhecer.

Seu desenho transparece a ideia de dúvidas, pensamentos, perguntas que nem sempre apresentam respostas- imagem que ilustra a condição humana de pensar sobre o que diariamente acontece nos mais variados contextos da vida. Além disso, em seu poema ele expressa a leitura como caminho de auxílio a reflexão e cita o ambiente da oficina que pode o ter levado a tal.

PALAVRA: RECONHECIMENTO



Figura 17- Reconhecimento, produzido por Márcia.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Reconhecer foi a minha palavra. Reconhecer com o olhar, reconhecer com o coração, o que? O mundo! Através da música, da liberdade de sentir cheiros e gostos. Reconhecer à mim mesma, aos que me cercam ou simplesmente aqueles que vejo apenas uma vez, ou que passam por mim. Reconhecer o direito de acreditar que posso escrever, às vezes até sem nexo. Reconhecer é conhecer outra vez, dar-nos outra oportunidade de ver como se fosse a primeira vez. Ler, muitas vezes nos leva à isso:

Reconhecer coisas que achávamos que já conhecíamos, mas aí percebemos que existem várias outras formas. Ler nos ajuda a ver o mundo de janela aberta, porta escancarada. No discurso de José Saramago, reconheci meus avós, meus tios, me reconheci! (Texto produzido por Márcia na oficina textual I, 2015).

A educanda escreveu em seu texto palavras relacionadas ao seu desenho, reconhecer com o olhar, reconhecer com o coração. O envolto que contorna as imagens pode ser o mundo que é mencionado na escrita. Ela cita a música (tanto é que ilustra seu símbolo no seu desenho), os cheiros e gostos, provavelmente se referindo aos encontrados na oficina textual- tais elementos podem ter a levado a se reconhecer, bem como a acreditar que ela também é capaz de escrever.

A leitura também é destacada como instrumento de reconhecimento e para isso, ela demonstra a importância do ato de ler, ao mencionar que, ler nos ajuda a ver o mundo de janela aberta, porta escancarada. Ela ainda expressou o fato de ter reconhecido a si mesma e a família no discurso de José Saramago.

PALAVRA: SENTIMENTOS



Figura 18- Querida vovó, produzido por Clara.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Sentir, sentir, ouvir, tocar, olhar. Sentir e mais nada. Relembrar, viver, ouvir... Sentir e nada mais! É isso que neste momento consigo sentir: Sentir a presença de quem um dia, eu conheci ainda criança. É que me fez sentir, ouvir, tocar... Olhar, viver tudo aquilo que eu ainda não

conhecia. Alguém que me passou o seu saber, como se estivesse (e estava) me deixando um tesouro. Nunca vou esquecer seus ensinamentos, pois ainda sinto, ouço, toco, olho e sinto seus saberes. Não foi à escola, sua escola foi a vida, vivida com amor e muito sentimento, essa é a minha querida e pra sempre lembrada: VOVÓ! (Texto produzido por Clara na oficina textual I, 2015).

Vale destacar que em alguns desenhos aparecem palavras espelhadas, isso se deu porque atrás de cada figura havia uma palavra escrita e o ato de fotografar, algumas vezes causou esse espelhamento (como é o caso dessa figura, que se destaca a palavra sentimento de forma mais intensa que o desenho). A educanda que produziu tais textos leu emocionada seus escritos para a turma, suas lembranças do passado e de alguém especial fez com que surgisse sua produção textual. A palavra sentir apareceu com grande frequência, apresentando relação com a palavra geradora do desenho: sentimentos.

Lembrar-me de tal acontecimento me faz refletir sobre as palavras usadas por Skliar (2014, p. 113)

Como se escreve o atestado de óbito do próprio tempo? Como aquilo que já não está e continua no presente? Não é a escrita, então, a reescrita do perdido? Sentimos falta das vidas não vividas: das que já passaram e das que não mais estarão. Mas, também, sentimos saudades da própria vida quando não era esta, a que já envelhece. Sentimos falta daquele tempo que era outro tempo. Aquele tempo que, então, parecia ser de cada um.

Foi esta então, a reescrita de algo que já passou, escrita de sentimentos aflorados- sentimentos de lembrança de outros sentimentos. É a saudade de outros tempos que se passaram, saudades de pessoas que se foram e ao mesmo tempo ficaram.

Pelo desenho podemos ver a imagem da vovó de braços abertos e de outra pessoa a acolher as crianças. Há também símbolos musicais e a imagem que representa a escrita (um caderno e um lápis) o que provavelmente está relacionado a oportunidade que teve de expressar a sua saudade e seus sentimentos de forma textual.

PALAVRA: CALMA

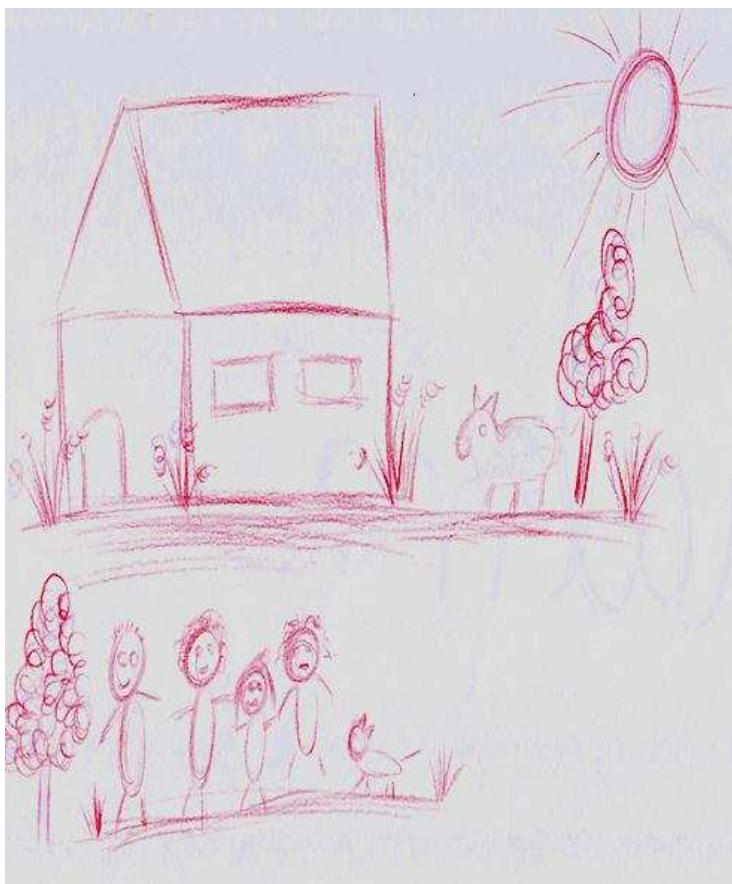


Figura 19- Coisas de lembranças, produzido por Bia.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

O ambiente, a leitura e a música, trazem lembranças da infância, de como tudo era muito simples, de como meus pais e avós contavam histórias de vida, nos ensinavam o que o mundo iria nos proporcionar. A casa e a família nos remete tranquilidade, quando criança tudo era motivo de alegrias e curiosidades. E hoje não paramos para olhar as simples coisas com o seu devido valor. Ouvir o discurso de Saramago me trouxe lembranças de como era bom o cuidado com as coisas, principalmente como tratávamos os animais em casa: todos tinham nomes. Como era bom ouvir as histórias de assombrações, os ensinamentos de vida que nos eram passados, os princípios e os valores (Texto produzido por Bia na oficina textual I, 2015).

A palavra CALMA escrita por Bia pode estar relacionada ao sentimento que o ambiente da oficina provocou-lhe, o que a fez relembrar seus tempos de criança ao lado de sua família. Percebemos o desenho e o texto como símbolos de lembranças saudosas da infância de Bia. Enxergamos um ambiente amigável, com flores e animais, retratando a relação com o seu meio. Na frente da casa uma família unida que provavelmente viveu e/ou ainda vive nessa moradia, do lado das pessoas observamos

uma árvore que reforça ainda mais a possibilidade de laços com a natureza e descreve o lugar de vida da estudante.

Pelo texto, compreendemos que a leitura do discurso de Saramago despertou as emoções e as memórias de Bia. De tal modo, a aproximação do que a educanda ouviu com a sua própria história de vida, fez com que surgissem tais produções. Pela imagem entendemos que para ela o campo é visto como local de produção de vida, lugar de construção de identidades e histórias- histórias que não se perderam com o tempo, permaneceram nas suas memórias. Memória que Edgar Morin acredita que elimina o que nos incomoda e embeleza o que nos favorece.

PALAVRA: TRANQUILIDADE



Figura 20- Tempos de infância, produzido por Carmen.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Escrever é um ato de amor, pois quem escreve, escreve para alguém. Às vezes sentimos necessidade de colocar no papel, tudo que está soando dentro de nós, mas é difícil sim! Talvez um simples desenho conte tudo que gostaríamos de dizer, ou apenas um olhar, possa dizer o que nossas mãos tiveram dificuldade de escrever. A leitura é simplesmente fantástica, pois quem lê, escreve bem, assim podemos viajar nas nossas memórias, sentimentos e até mesmo desejos do nosso coração. Neste momento me veio à memória, meu tempo de infância, tudo era bom, vivíamos em um mundo imaginário. Chorávamos só quando os joelhos eram ralados pela queda de bicicleta. Tempo bom foi aquele, que não,

não volta mais. Tudo é saudade e já ficou para trás (Texto produzido por Carmen na oficina textual I, 2015).

Neste texto escrito percebemos a escrita como algo feito para outros(as), *“escrever é uma ato de amor, pois quem escreve, escreve para alguém”*. Percebemos aí o não fechamento da escrita como algo que seja de autoridade do “autor” e sim a escrita como presente, como algo que deve chegar aos outros(as).

Podemos dialogar com Skliar(2014, p. 101), que acredita no amor e desamor pelas palavras, na paixão e no desassossego, na atração e repulsão pelas mesmas.

E não é demais dizer que se escreve não para alguma coisa, mas para alguém, não em nome de alguma coisa, mas em nome de alguém. E que nesse alguém há uma mescla de presença com nome próprio e ausência, talvez, sem nome algum.

Escrevemos para alguém, conhecido ou desconhecido, mas antes disso, escrevemos para nós mesmos- somos nossos primeiros leitores.

A educanda relembra também o seu tempo de infância enquanto escreve seu texto, no desenho esse elemento é possivelmente explicado pela ilustração do pé de amora. A imagem de uma bíblia aberta no salmo 23 nos dá indícios que ela é uma pessoa de fé em Deus. A produção de seu desenho retrata um ambiente sereno, talvez fazendo referência ao que ela escreveu sobre como tudo era bom quando ainda criança. Há também a presença de símbolos musicais que podem representar a música que estava sendo tocada durante a oficina.

PALAVRA: CULTURA



Figura 21- Nas raízes da árvore, produção sem autoria.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

O que me inspira a escrever é a indignação e a esperança para lutar e viver a garantia de um mundo mais justo, solidário e fraterno, buscando nossos direitos e deveres. Com o meu desenho eu quis relatar a cultura. Cultura de sementes crioulas, das crenças e do que é mais importante para a nossa paz interior: Deus, família, amigos, união e comunidade, simbolizados pela árvore e suas raízes. Demonstrar que os antigos costumes estão sendo extintos pela modernização e pela busca excessiva do lucro, tirando famílias do campo e levando para a cidade, gerando a fome e a pobreza. Hoje e sempre, aprendemos dentro e fora das salas de aula, vivenciando e observando as diferentes classes sociais e as desigualdades entre elas (Texto produzido por autor(a) desconhecido(a) na oficina textual I, 2015).

Olhar para a figura nos faz acreditar que as palavras na raiz da árvore se refere ao que é importante para a pessoa: Deus, família, amigos, união e comunidade. São elementos que devem estar enraizados na vida como a fortaleza da raiz de uma árvore- aquilo que permite a sobrevivência.

Há algumas plantações à esquerda do desenho que pode ser a representação das suas origens. Na parte superior direita parece ser a ilustração de um livro que se refere ao aprender dentro e fora da sala de aula. Parece ter troncos de árvores cortados que nos levam a relacioná-los com a extinção dos costumes e modernização do campo.

Gostaríamos de descrever que Geertz (1989), assim como Max Weber, acredita que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele próprio teceu, assim a cultura é essas teias e sua análise, é como uma ciência interpretativa em busca de significados. Assim, todo modo de agir de uma pessoa, de um povo, está inserido em um contexto cultural.

PALAVRA: VALORES



Figura 22- E a valorização? Produzido por Bela.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Este espaço educativo me proporcionou um sentimento de valorização. Estou vivendo um mundo onde nem sempre a sociedade valoriza o que temos de melhor, que seria nossas habilidades, talentos, dom de escrever, ler, interpretar, ouvir... Nossa sociedade está muito focada nos bens materiais, nas tecnologias e estamos esquecendo até mesmo como é a nossa letra, como é a nossa leitura, o som de nossas vozes. Precisamos de mais carisma, mais vontade própria. De mim em si, este ambiente está também relacionado ao meu dia-a-dia, onde estou buscando cada dia mais me envolver nos Movimentos Sociais e assim contribuir com a base para resgatar a cultura, desenvolver trabalhos que colaborem com uma sociedade mais própria e apropriada ao ser humano-mais justa, socialista! Queremos um mundo melhor com menos desigualdade, com mais solidariedade, conforto, amor, carinho, respeito de cada um (Texto produzido por Bela na oficina textual I, 2015).

Essa é a produção de Bela, este foi o dia que a conheci e presenciei pela primeira vez a sua forma de olhar e de se emocionar. Sua ilustração nos mostra a forma como ela entende a sociedade atual- a imagem do computador, da caneta e do caderno deve se referir à sua afirmação sobre o fato da sociedade focar nos bens materiais e nas tecnologias, nos fazendo esquecer do escrever, do som da voz e de viver as leituras. Sociedade que para ela não se importa com as habilidades dos seres humanos, ou seja, é a descrição do meio capitalista.

O símbolo da música pode indicar a que estava sendo tocada no momento da oficina, mas pode ser também referência a habilidade musical das pessoas em geral. Os coqueiros podem significar a tranquilidade do momento educativo da oficina, mas pode também se tratar do desejo de um mundo melhor.

Percebemos mais uma vez no discurso de Bela, o engajamento que ela demonstra ter com Movimentos Sociais e com a luta por uma sociedade menos desigual- uma sociedade mais apropriada ao ser humano. Como seria uma sociedade assim? Encontramos-nos em um contexto de injustiças principalmente sociopolíticas, que nos faz questionar- e Bela não se mostra conformada com a situação, pelo contrário, ela se constrói lutando.

TEXTO ESCRITO SEM IMAGEM:

Um momento novo de estar com os amigos, de novas aprendizagens, de relaxar e curtir esse momento, onde todos estão juntos com um objetivo. Estamos em um lugar, onde há livros, jornais e música e antes de chegarmos reconhecemos tudo. Sentados em roda, desenhando e escrevendo aquilo que estou sentindo, mesmo que às vezes não conseguimos colocar tudo no papel. Tento fazer o que posso, não ficou

muito bom e estou com um pouco de medo de que me peçam para ler o que estou escrevendo, estou escrevendo mesmo assim (Texto produzido por autor(a) desconhecido(a) na oficina textual I, 2015).

Não consegui identificar o desenho e a autoria dessa produção- senti muita sinceridade da parte de quem escreveu, ao demonstrar o medo que estava sentindo, de que pedíssemos a leitura de seu texto. Isso é muito comum quando estamos acostumados com o modelo de escola tradicional, em que somos levados a ler em voz alta para sermos avaliados.

Foi destacado o momento da oficina como oportunidade de novas aprendizagens, bem como de relaxamento. Neste momento nos questionamos, será que o ambiente, a metodologia levou os/as participantes a entenderem aquele espaço como fuga da realidade?

A pessoa que escreveu tal texto, descreveu parte da oficina em poucas palavras, relatando a chegada e o reconhecimento e observação dos elementos que construíram o ambiente, relatou parte do que viu e do que fez.

PALAVRA: SABERES



Figura 23- Compartilhando saberes, produzido por Manoela.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

A cada dia que se passa, novos conhecimentos vamos absorvendo, aprendendo e vivenciando novas realidades. Podemos observar que nem tudo é do jeito que imaginamos, é preciso nos envolver e lutar para

que os objetivos sejam conquistados. Aprender que nem tudo que os outros falam deve influenciar nossos pensamentos e formas de agir. Devemos ser do jeito que somos, apenas buscar melhorar certos aspectos que serviriam para nos tornar pessoas capazes de fazer algo acontecer. Os novos saberes não vêm apenas de algo escrito, mas também da convivência em grupo, o que possibilita a troca de informações, onde todos expressam suas opiniões e dúvidas (Texto produzido por Manoela na oficina textual I, 2015).

A educanda destaca os conhecimentos que são adquiridos no decorrer do tempo, se mostrando aberta a novas aprendizagens. No seu desenho apareceu um livro ou caderno para ilustrar os saberes, que para ela não é algo que se adquire apenas através da linguagem escrita. Ela valoriza a troca de conhecimentos que acontece em grupos, onde todos possam fazer parte do diálogo e ensinar enquanto se aprende- como diria Paulo Freire.

PALAVRA: DIVERSIDADE



Figura 24- No espaço da escola, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Pela palavra e pelo desenho, olhamos para essa produção pensando a escola como local de construção de saberes e que acolhe toda uma diversidade de identidades,

expectativas e conhecimentos. Pensando o contexto da oficina, tudo indica que o/a protagonista pode ter lembrado sua vida escolar. A escola desenhada parece estar localizada no campo, mas não há indícios se é no campo ou do campo.

PALAVRA: TRANQUILIDADE

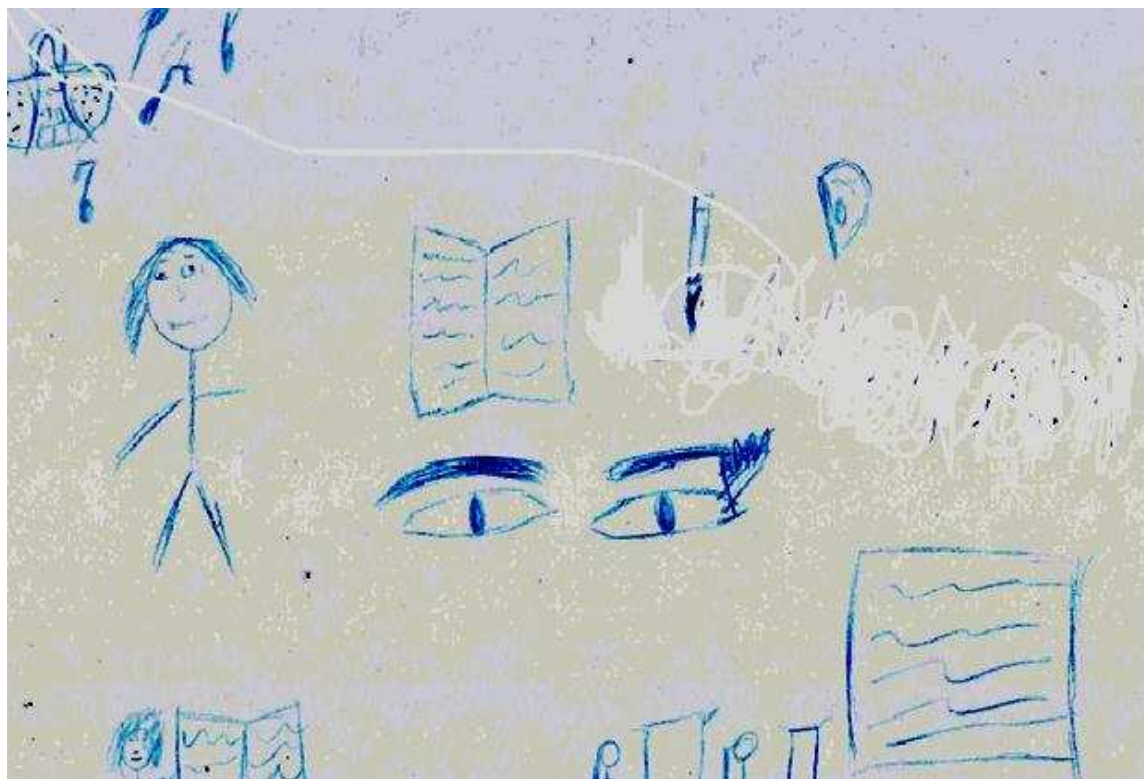


Figura 25- Marcas de inspirações, produção sem autoria.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

A inspiração de escrever é ter uma calma, tranquilidade e estar em um ambiente agradável que deixa a gente bem relaxado. Uma música que trás tranquilidade e que inspira na escrita, no observar mais, ouvir mais e ler mais. Manter o hábito de sempre que estiver com ideias, ou uma lembrança, expressar o seu sentimento na escrita. De uma forma que você vai lembrar com o tempo que você escreveu, que desenvolveu o hábito de ler, de escrever, de observar e ouvir (Texto produzido por autor(a) desconhecido(a) na oficina textual I, 2015).

Esta produção descreve a tranquilidade oferecida pelo ambiente da oficina textual, destacando-se a música, a observação, o ouvir e o ler. De tal modo, no desenho aparece um som com símbolos musicais, livros, lápis, olho e alguém que escreve. Provavelmente a pessoa descreveu o modo como foi afetada pelo ambiente e pelas vivências na oficina.

É retratada a ação de escrever quando estiver com ideias ou pensamentos para desenvolver as práticas de escrita. Pelos enunciados do texto, a pessoa pode ter se sentido incentivada a tais hábitos por meio das vivências naquele espaço. Destacou que a inspiração de escrever pode estar relacionada ao ambiente, ao citar a importância da presença num lugar agradável.

PALAVRA: CALMA

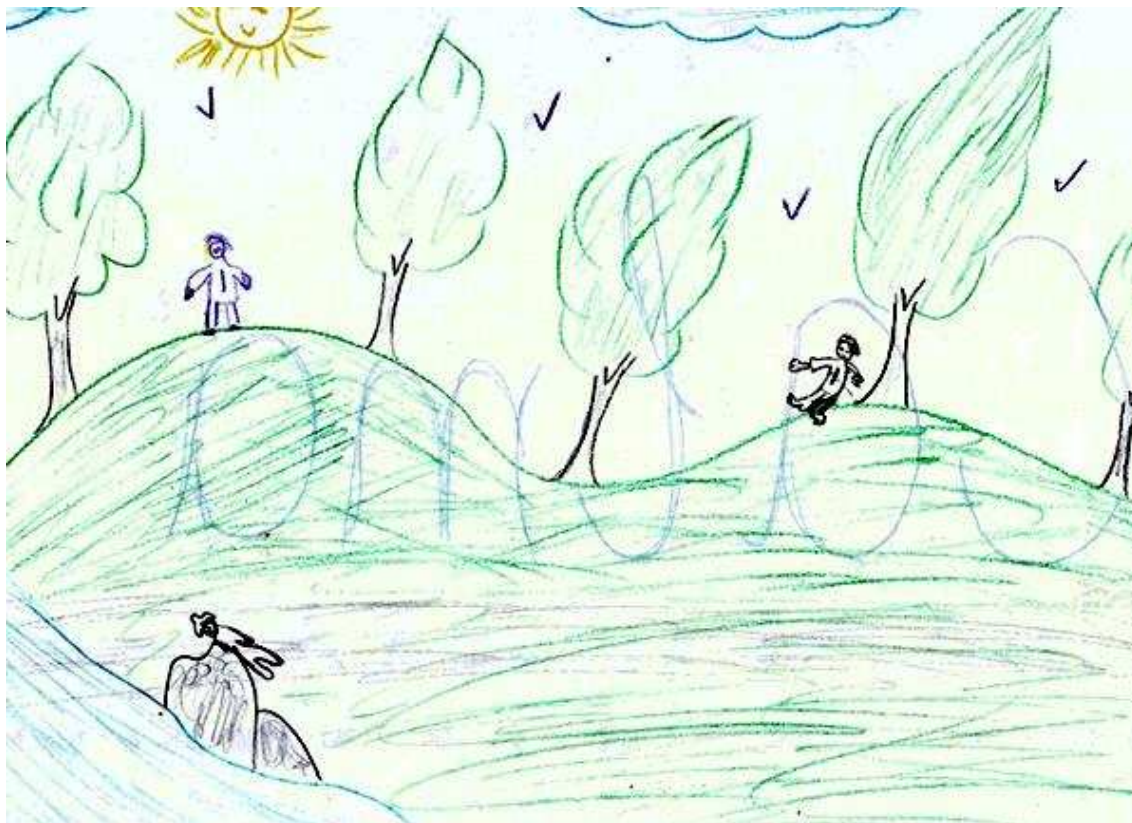


Figura 26- Calmaria, produzido por Antônio.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Hoje eu estou aqui, porque quero aprender mais sobre a importância da leitura, e porque ela faz parte de nossas vidas de várias formas; para ter mais vontade de ler e escrever. Para a gente a leitura é uma ferramenta muito valiosa, com ela conseguimos entender as coisas que se passam no dia-a-dia das pessoas e no mundo. E não é só lendo que se aprende, mas também observando e ouvindo as pessoas falarem, isso também é uma forma de aprendizagem para nós. Escrever é transmitir o que você sente, o que você sabe, é agregar valor às palavras (Texto produzido por Antônio na oficina textual I, 2015).

Essa produção foi feita por Antônio, certa vez ele me disse que compareceu à primeira oficina por necessidade, para aprimorar sua escrita e leitura. Isso fica claro no seu texto escrito, ao destacar o seu desejo de ter mais vontade de ler e escrever. Ainda

com sua resistência às práticas textuais, ele entende a tamanha importância desses saberes, tanto é que procurou por meios para desenvolver tais habilidades.

Antônio valoriza também outras formas de conhecimento, por exemplo, aqueles que adquirimos através da convivência com outras pessoas. A palavra calma escrita por Antônio pode estar relacionada ao que ele estava sentindo ao participar da oficina textual. O seu desenho ilustra camponeses num ambiente que aparenta estar tranquilo. No local pode estar acontecendo trocas de aprendizagens, não é só lendo que se aprende, mas também observando e ouvindo as pessoas falarem, como ele mesmo disse.

PALAVRA: CURIOSIDADE



Figura 27- As canções de José, produzido por José.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Sinto uma emoção enorme em todo o meu ser, uma serenidade. Uma música linda a soar em meus ouvidos, uma paz interior. Foi como se eu vivesse a história lida e neste momento sinto saudades da minha família. Queria que estivessem aqui, sentindo a felicidade que estou a sentir. A música... Lembrei de mim, a música é a minha vida, amo cantar e fazer as pessoas se sentirem felizes (Texto produzido por José na oficina textual I, 2015).

Essa imagem sempre me emociona, é inevitável não lembrar-me das lágrimas de José no contexto desta produção. A forma concentrada e emocionada com que

desenhava chamou-me muita atenção e me fez acompanhar com sensibilidade cada traço desta imagem.

Foi aí que entendi a grande paixão de José pela música, o que se destaca pelo microfone e pelos símbolos musicais expressos nos livros que podem também indicar aprendizagens, troca de saberes e os estudos tão sonhados pelo educando. O cavalo acima do livro provavelmente indica a relação de todos os seus sonhos com a sua vida no campo. Assim, ele se auto-desenha à esquerda, enquanto protagonista de suas histórias.

Percebemos José como alguém que busca pelos seus sonhos, que se referem à música, ao campo e aos estudos. Portanto, ele incorpora no seu desenho elementos que nos permitem entender a comunhão que há entre seus ideais.

Pelo texto, podemos pensar sobre como o ambiente da oficina fez com que José se emocionasse, a história lida que ele faz referência é o discurso de Saramago. As experiências do momento fez com que ele sentisse falta de sua família e desejasse a presença dela para compartilhar sua emoção. Por fim, se refere a música como elemento que o faz viver e que o acompanha no dia-a-dia- música que o permite levar alegria às pessoas, segundo ele.

Diferente das outras produções, uma em especial me afetou de forma intensa- foi uma carta pessoal para uma pessoa querida, mesmo que desconhecida. Destacarei aqui, apenas um fragmento:

[...] Queria entender um pouco sobre o meu passado, saber o que o fez se afastar de mim. Eu era uma criança, se lhe fiz algo, foi por ser muito inocente. Sempre faltou algo em mim: metade de mim é o senhor! Queria poder deitar em seu ombro, chorar e depois ouvir um conselho e ouvir: eu te amo [...] (Texto produzido por Rita na oficina textual I, 2015).

Ao término da oficina uma educanda se aproximou e perguntou-me se eu poderia emprestar-lhe sua carta em outro dia, para que pudesse copiar e guardar, pois nunca havia escrito algo parecido. Isso, porque pedi que me entregassem suas produções- anotei seu nome para não se misturar com as outras e levei-a para casa no intuito de tirar cópia e devolver-lhe.

O primeiro texto que escolhi para ler foi o dela, eu queria saber o que é que ela tinha feito na oficina e que gostaria de poder guardar - logo nas primeiras linhas eu já

estava derramando minhas lágrimas sobre aquela triste carta. Dias depois, quando ia lhe devolver, a moça me disse: eu não quero mais, não precisa me entregar!

Comecei a me questionar sobre o fato dela ter feito algo tão pessoal e encharcado de sentimentos, angústias e tristezas- algo inesperado por ela. Teria o ambiente e o contexto da oficina aflorado suas memórias e sentimentos mais intensos? Teria ela se deixado levar pelo calor do momento e escreveu sem se questionar? Porque teria se arrependido de guardar a carta? Foi algo que aconteceu e não quer dizer que ela faria de tal modo em outra situação, acredito que lhe tenha sido uma experiência única.

4.2.1.1- Escrever com calor no coração

Terminada a escrita do texto, realizamos um círculo de cultura, a fim de que cada um se apresentasse, demonstrasse sua palavra, seu desenho e sentindo-se à vontade, poderia ler seu texto e finalizar avaliando o momento de prática vivenciada na oficina.

Durante a mesma foi possível compreender as enunciações dos/das participantes, de forma que muitos(as) mencionaram na apresentação da atividade a presença da sua própria dificuldade na escrita e maior facilidade na oralidade.

Alguns mencionaram que a oficina levou a entender que ler e escrever não pode ser visto como uma obrigação podendo sim, ser prazeroso. Isso nos mostra que muitas vezes, faltam estímulos e incentivos, que instiguem o hábito da leitura e escrita nos/nas educandos (as). A própria necessidade de ler e escrever mais, apareceu nos discursos dos/das mesmos (as), podemos então considerar, que a oficina alcançou o objetivo de estimular e incentivar a prática de leitura e escrita.

Portanto, conseguimos transformar o ambiente, deixamos desabrochar a atividade “livre”. Quando sabemos dar um pouco de calor no coração, como um raio de sol que desperta a confiança e a esperança, ultrapassamos a corvéia de soldado e o trabalho rende cem por cento (FREINET, 2004). Pelas expressões, linguagens corporais e emocionais dos/das educandos(as), percebemos que o ambiente e as condições educativas apresentaram papel importante no momento da escrita. Uma vez que, motivou e levou as pessoas a perderem seu medo de escrever e de errar.

O caminho estava livre: sabiam escrever, sabiam fixar no papel os pensamentos que desejaram comunicar. E conseguirá com tanto mais rapidez e segurança quanto o ambiente for favorável e ajudar (FREINET, 1997).

Assim como na oralidade, nos textos apareceram, histórias de vida, causos de infância, memórias do passado, entre outros. Alguns textos demonstraram sinais da oralidade, por exemplo, na ortografia e na organização das frases que algumas vezes foram escritas da maneira que se fala.

O gosto pela poesia e pela música também foi claramente evidenciado, vários poemas surgiram no texto livre, algumas pessoas falaram sobre a vontade que tinham de escrever versos, mas que pensavam não conseguir, o que foi se desconstruindo durante a oficina.

Para finalizar a oficina pedi licença para ler um poema de minha autoria(já mencionado anteriormente, O campo pede licença, o mesmo que emocionou Antônio), pois ainda não havia me apresentado como também camponesa, porém a luz foi embora e já passava do horário de término do encontro. Mas os educandos(as) demonstraram interesse e pediram que eu lesse no escuro e naquele momento, a sala se tornou iluminada por lanternas de celulares. Uma pessoa veio até mim e se ofereceu para clarear a minha folha e assim iniciei a leitura.

Estava um pouco escuro e minha concentração nas linhas do poema não permitiu que eu olhasse para ninguém, mas a luz retornou bem no ponto final. Ao olhar para frente me deparei com um círculo de lágrimas, homens e mulheres emocionados(as) se colocaram de pé e vieram ao meu encontro com suas lágrimas e abraços.

Senti-me sem reação, não imaginava tamanha emoção, talvez porque estivesse escuro, deixaram os sentimentos se expressarem. Mas foi libertário tudo aquilo que existiu naquele instante, embora ler um poema meu possa ter sido muito perigoso e ousado de minha parte. Posso ter corrido o risco de contaminar os outros com minhas condições de verdades, com o meu modo de ser eu.

*No ato de conhecer a LICENA, fui tomada por grande afeição.
Mistura de paixão com encantamento.
Pessoas que me permitiram algumas experiências.*

*Poesia mexe no íntimo, provoca sentimentos.
Lembranças ora esquecidas e coisas sempre lembradas.
Foi como caso marcado,
a luz que naquele dia faltou.*

Talvez a escuridão nos permita sentir,

*expressar aquilo que gostamos de esconder.
Na leitura de um poema, arriscado por sinal.
Contar nele a minha história talvez pudesse ser um mal.*

*Foi como cena de filme, a luz que retornou
Justo no ponto final.
Ao levantar minha cabeça, o que senti não cabe em linhas.
As lágrimas dos ali presentes, tocaram minhas redes de
saberes e sabores.*

*Foi extrema inocência, pensar que a história terminara
naquele ponto sem final.
Ao chegar em casa, quem chorou fui eu.
Eu educadora, eu pesquisadora, eu pessoa.
Não tinha como corrigir erros em tantas linhas de amor.*

*Falam-me de rigor científico,
mas eu só consigo pensar
no sabor daqueles escrito.*

Os textos produzidos no primeiro encontro nos revelaram sentimentos, emoções e amorosidades, histórias de vida saudosas e escritas com alegria, tristezas, lutas, conquistas e dificuldades. Afinal, tratando-se de memórias, sempre existirá grandes cargas de nostalgias e revelações de afetos.

A infância camponesa foi muito citada, descrevendo-se as alegrias, obstáculos e a simplicidade dos tempos de crianças. Destacou-se também a fé e os laços familiares, considerando a solidariedade, união, amor e perdas de pessoas queridas. Muitos desenhos contemplaram o existir no campo- foi como se o abstrato dos sentimentos se misturasse ao concreto do campo enquanto lugar de existir. O ambiente estético, principalmente a música foi muito mencionado enquanto dinâmica de auxílio à escrita, dando liberdade às expressões textuais.

4.2.2- O que faz eu ser movimento?

Brilhar para sempre, brilhar como um farol,
brilhar com brilho eterno,
gente é para brilhar.

Vladimir Maiakóvski (2016)

Aconteceu no dia 09 de setembro de 2015 a 2ª oficina com a LICENA, também na sala de aula do Departamento de Educação da UFV. Seus objetivos específicos foram: demonstrar a arte como importante facilitadora da escrita; estimular a interpretação e o entendimento da realidade do outro(a); instigar a escrita coletiva e apresentar alguns tipos de textos.

Estamos sempre em constante movimento, nos formando, transformando e refazendo nossas identidades e saberes, uma vez que sempre seremos incompletos em construção. Assim, nunca permanecemos iguais, somos movimento e só existimos pela existência também do outro(a).

A sala foi mais uma vez organizada esteticamente, acreditando que o ambiente facilita a escrita. Iniciamos o encontro pedindo que os educandos e educandas caminhassem pelo local para conhecerem o que estava sendo oferecido. Em seguida foi realizada por Willer a leitura de um texto que escrevi para aquele momento, de título Em outros tempos...

Havia livros, revistas, imagens, folhas, lápis de cor, alguns outros tipos de textos como artigo, síntese e o material da 1ª oficina, algumas músicas relaxantes estavam sendo ouvidas.



Fotografia 9: Círculo montado no centro da sala na oficina textual II, setembro de 2015.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Como mostra a imagem, no centro da sala organizamos um círculo com cores, imagens, vaso de flores e bandeira do Movimento dos Pequenos Agricultores. Montamos ao canto da sala um varal com alguns poemas que foram lidos durante a oficina.

Algumas questões foram as norteadoras do encontro, pedimos que os participantes refletissem sobre elas para que pudéssemos realizar a nossa atividade. Sendo elas: O que faz eu ser movimento? O que faz o eu e os outros(as) ser o nós? O que faz o nós ser a LICENA?



Fotografia 10: organização da sala na oficina textual II, Setembro de 2015. Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Compareceram 21 pessoas da turma de 2014 e 11 da turma de 2015. Cada educando(a) foi convidado a escrever uma palavra que respondesse ao questionamento: O que faz eu ser movimento? Logo após desenharam a representação da palavra e em seguida escreveram um pequeno texto explicativo.

Após essa etapa organizamos a sala em 3 grupos circulares e orientamos de maneira que cada um/uma trocasse de desenho com uma pessoa do grupo. A tarefa foi interpretar a representação da ilustração do outro, para escreverem um texto interpretativo. Dizia Willer: não falo daquilo que eu faço, escuto o que o outro diz do que faço e aí reajo abrindo um possível diálogo. Dentro dos grupos cada um/uma foi apresentando o desenho interpretado e assim se iniciou o diálogo que se estendeu até o momento de socialização com toda a turma.

Destacaremos apenas os desenhos produzidos, para este momento não utilizaremos os textos escritos, até porque não foi possível a identificação de cada um com suas respectivas figuras de referências.

PALAVRA: A BUSCA DE QUEM EU SOU



Figura 28- Sol e lua, produção sem autoria.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Atrás desse desenho encontramos a expressão a busca de quem eu sou. Entendemo-lo como forma de ilustrar a busca do/da protagonista pelo seu eu marcado por incertezas e movimentos. Parece existir a representação do sol e da lua e que em certo momento tais elementos se aproximam. Entendemos o círculo que envolve os seres(que acaba sendo um só) como a terra. A pessoa está mais próxima do sol, da luz, embora a lua possa representar escuridão, aquela que às vezes nos envolve.

Tal produção faz pensarmos que o eu não existe em solidão, como afirma Lopes (2010) em concordância com Deleuze e Guattari, não se fala algo enquanto entidade isolada, mas sempre se diz, pensa-se e sente-se numa multidão, num desejo intensificado que faz do eu uma coletividade. Portanto, não há como compreender nosso eu sem considerarmos o contexto que existimos. Mas, seria possível a busca pelo eu? A compreensão abstrata de si? De um eu que sofre seus mais variados conflitos?

PALAVRA: SOU

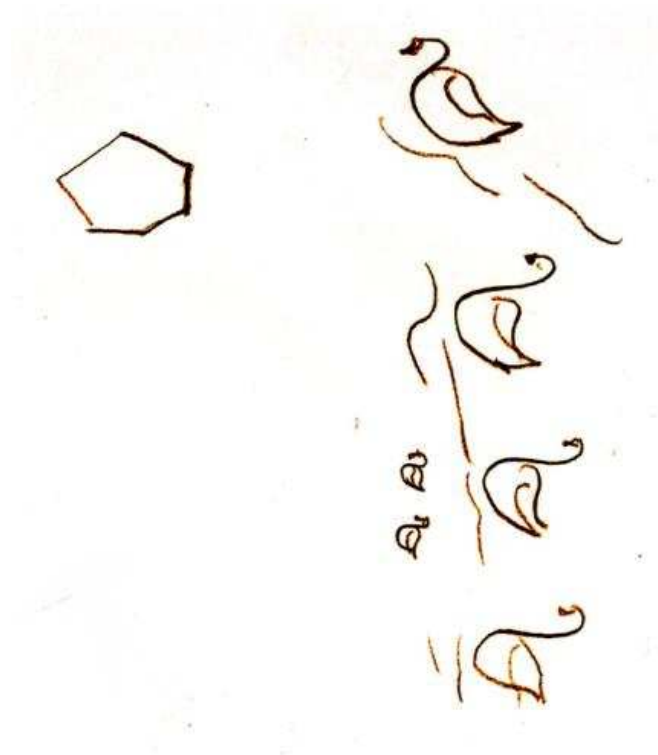


Figura 29- vencendo desafios, produção sem autoria.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

A figura representa a ideia de movimento, assim como patos (seriam gansos, cisnes, marrecos?) estamos sempre nos movimentando em um grande lago da existência. Mas sempre haverá desafios, que farão com que tenhamos que sair do lugar que estamos acostumados e procurar por outras águas.

Assim, a imagem não nos oferece indícios que nos levem a produzir muitas significações. Portanto, corroboramos com Skliar (2014, p. 30) ao destacar que,

cada texto, cada ser, cada outro revela certa originalidade, algo inédito, pois cada tradução é diferença. Mas a diferença é uma tradução que perturba: como pensar outra coisa em nosso próprio pensamento? Como dizer outra coisa em nossa própria linguagem? Como lê-la? Como escrevê-la?

Acreditamos que devemos fazer isso, de acordo com nós mesmos(as), com o que conseguimos ver, com o que conseguimos ler, pensar e descrever. Não poderia deixar de citar Manoel de Barros, “os patos prologam meu olhar... quando passam levando a tarde para longe eu acompanho...” (BARROS, 1996, p.32). Isso, vamos acompanhando o entardecer pelos movimentos dos patos.

PALAVRA: PERCUSSÃO

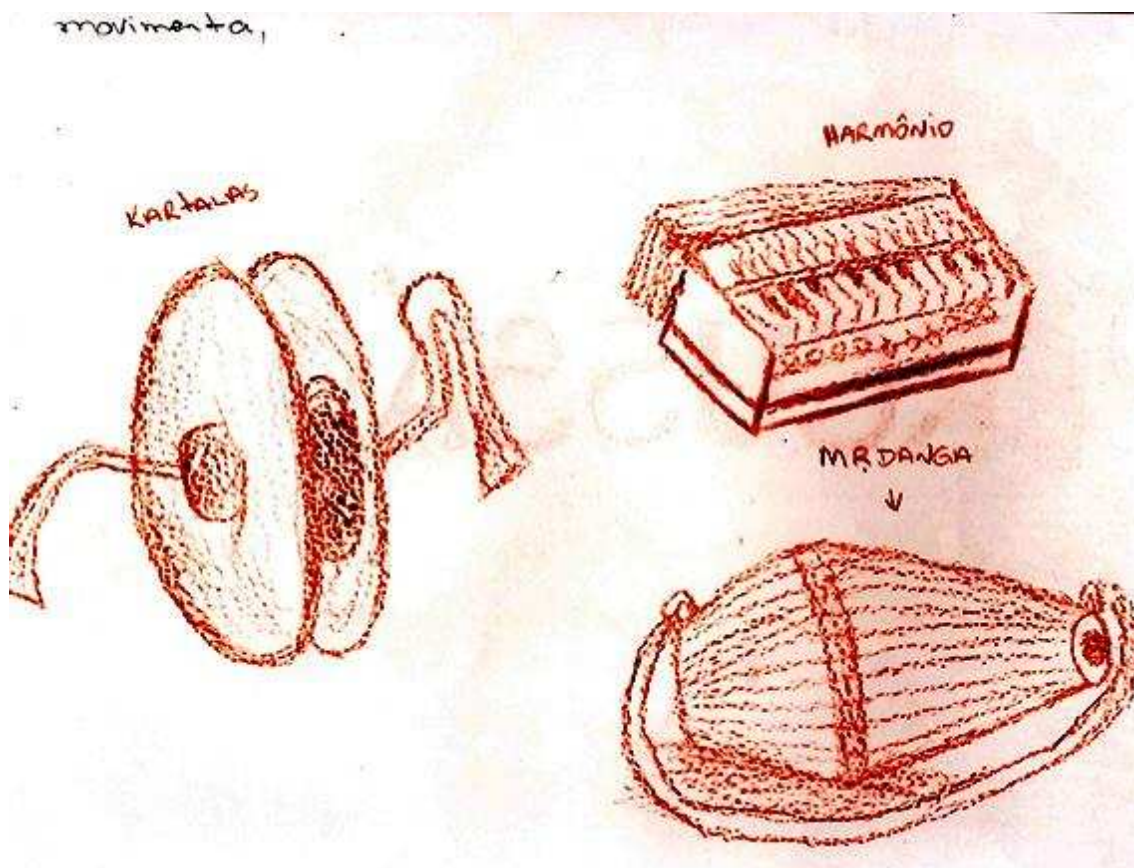


Figura 30- Instrumentos musicais, produzido por Bárbara.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Essa imagem parece descrever o gosto de Bárbara pela música. Os instrumentos musicais demonstram seu envolvimento com os mesmos, ela pode fazer parte de algum contexto artístico e/ou pode tocar tais instrumentos.

Entendemos assim, que a música é o que faz Bárbara ser movimento e se construir diariamente. Somos nós que damos significâncias às coisas, dizia Manoel de Barros (2006) que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1. Isso me faz pensar na sensibilidade que deve existir no “ser movimento” de Bárbara.

PALAVRA: FAMÍLIA



Figura 31- O mundo de Bela, produzido por Bela.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: SONHOS



Figura 32-Sonhos de Bia, produzido por Bia.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: FAMÍLIA

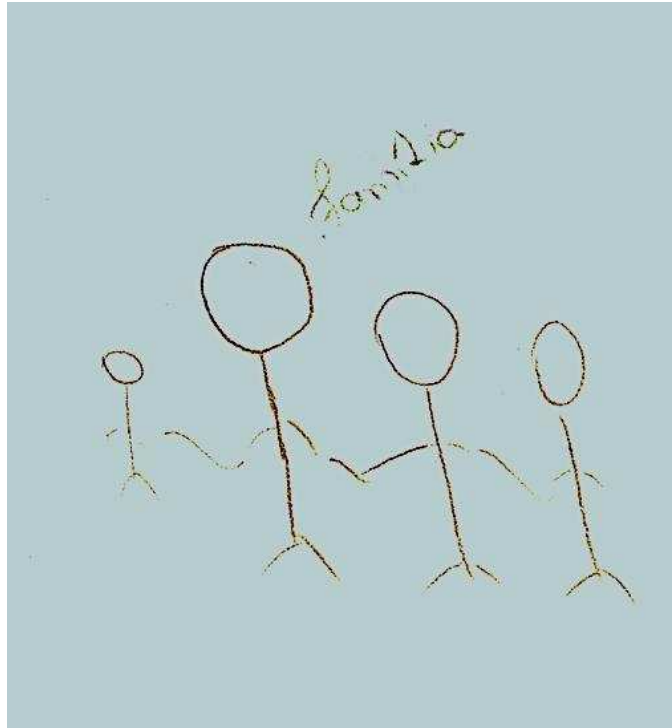


Figura 33- De mãos dadas, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: SONHO



Figura 34- Grupo familiar, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: LUTA

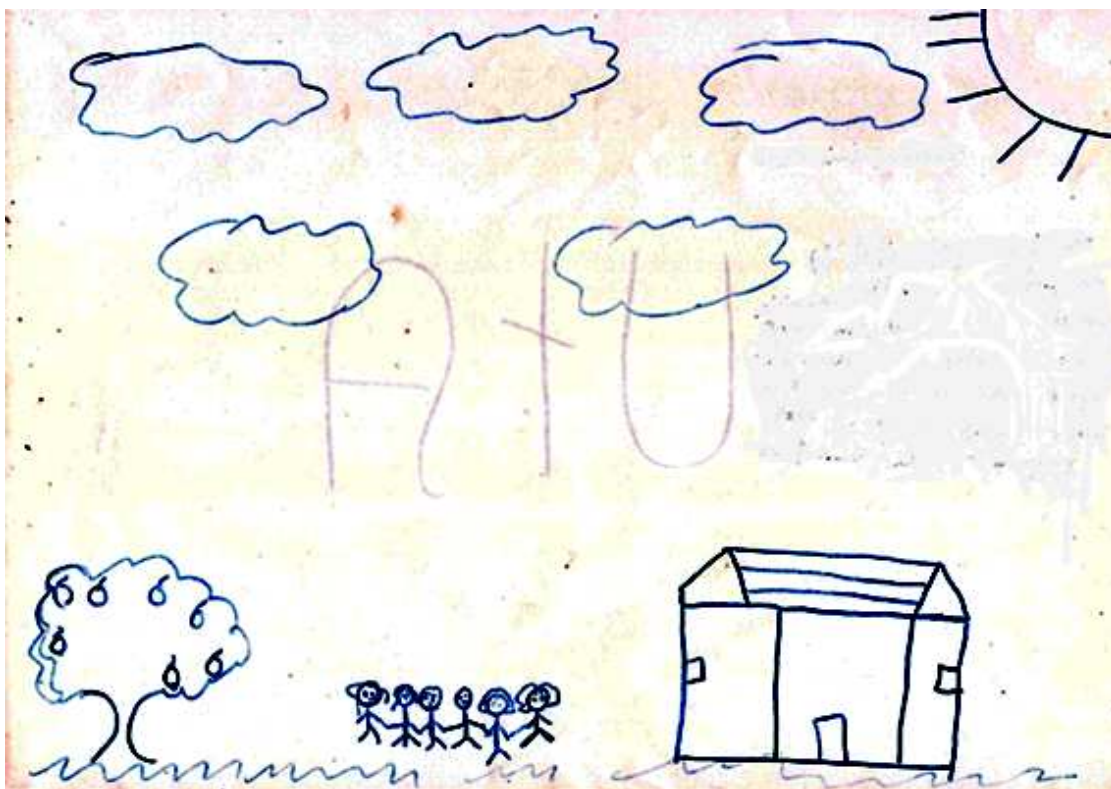


Figura 35- Lutas camponesas, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: AMOR



Figura 36- O amor, produzido por Julieta.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: BUSCA



Figura 37- Por uma Educação do campo, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: AMIZADES



Figura 38- Sorrisos, produção sem autoria
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: FORÇA

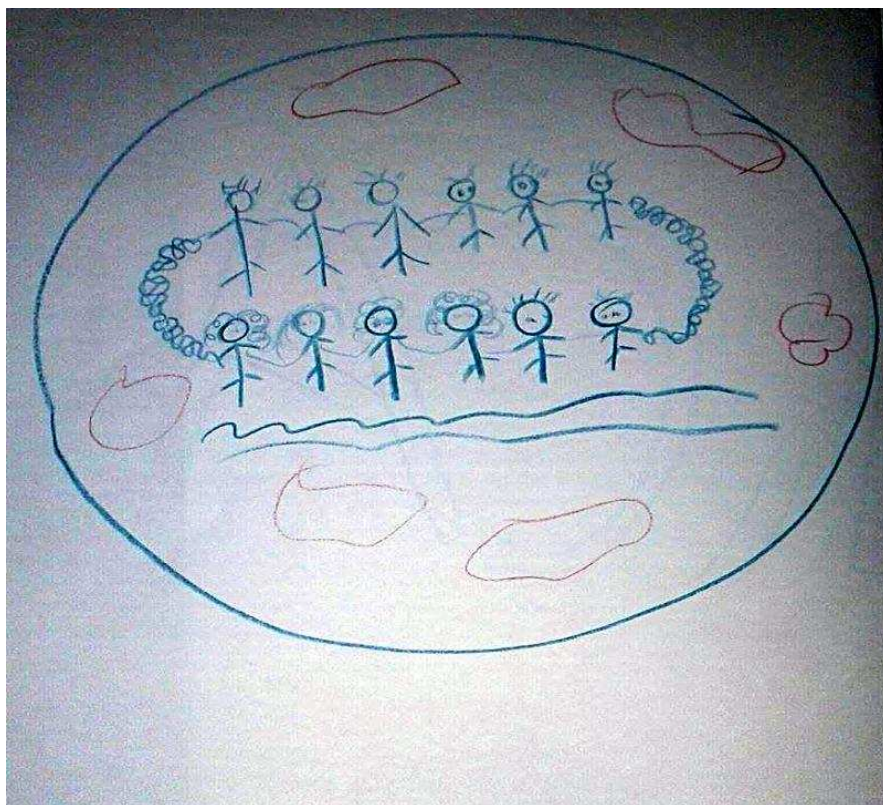


Figura 39- Roda de gente, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: AMOR



Figura 40- Amorosidade, produzido por Júlia.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Deparamo-nos com desenhos que destacam o papel da família e da amizade na construção pessoal e sócio-política. Foi-me impossível ver tais ilustrações e não lembrar o discurso de Saramago utilizado na primeira oficina.

Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias e os casos que o meu avô ia contando: lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias que me mantinha desperto, ao mesmo tempo que suavemente me acalentava (SARAMAGO, 1998, p, 72).

Aparece nesse trecho a figura do avô e gostaria de usá-la aqui, mas considerando também outros membros familiares e pessoas queridas. Acreditamos que essas pessoas tão especiais que compartilham a vida se tornam espécie de mestres e mestras e cabe uma questão, alguém poderia ser feliz sozinho? Se até um trem não se movimenta sozinho, como poderia as pessoas conseguirem? Um trem de ferro com vinte vagões quando descarrila, ele sozinho não se recompõe (BARROS, 2006), assim somos nós.

Além disso, nos levou a refletir sobre o papel das famílias diante do enfrentamento de desafios relacionados ao campo. Assim, elas são vistas como base no contexto da Educação do Campo, promovendo a solidariedade e união, contribuindo também para as organizações coletivas camponesas.

Compreendemos também a crença de que o povo unido adquire muita força e se torna capaz de alcançar várias conquistas. As pessoas devem estar de “mãos dadas” dentro da sociedade. Assim, existem homens e mulheres unidos(as) pelas lutas de seus direitos enquanto cidadãos, pela vontade de um mundo menos injusto e individualizado.

Os referidos desenhos estão permeados pelo outro(a), relembramos então os pressupostos bakhtiniano, ao acreditar que temos que passar pela consciência do outro para nos construir, de modo que o “eu” para mim mesmo se constrói pelo “eu” para os outros(as) (FARACO, 2009). Portanto, é preciso essa comunhão apresentada pelos/as estudantes.

PALAVRA: LUTA

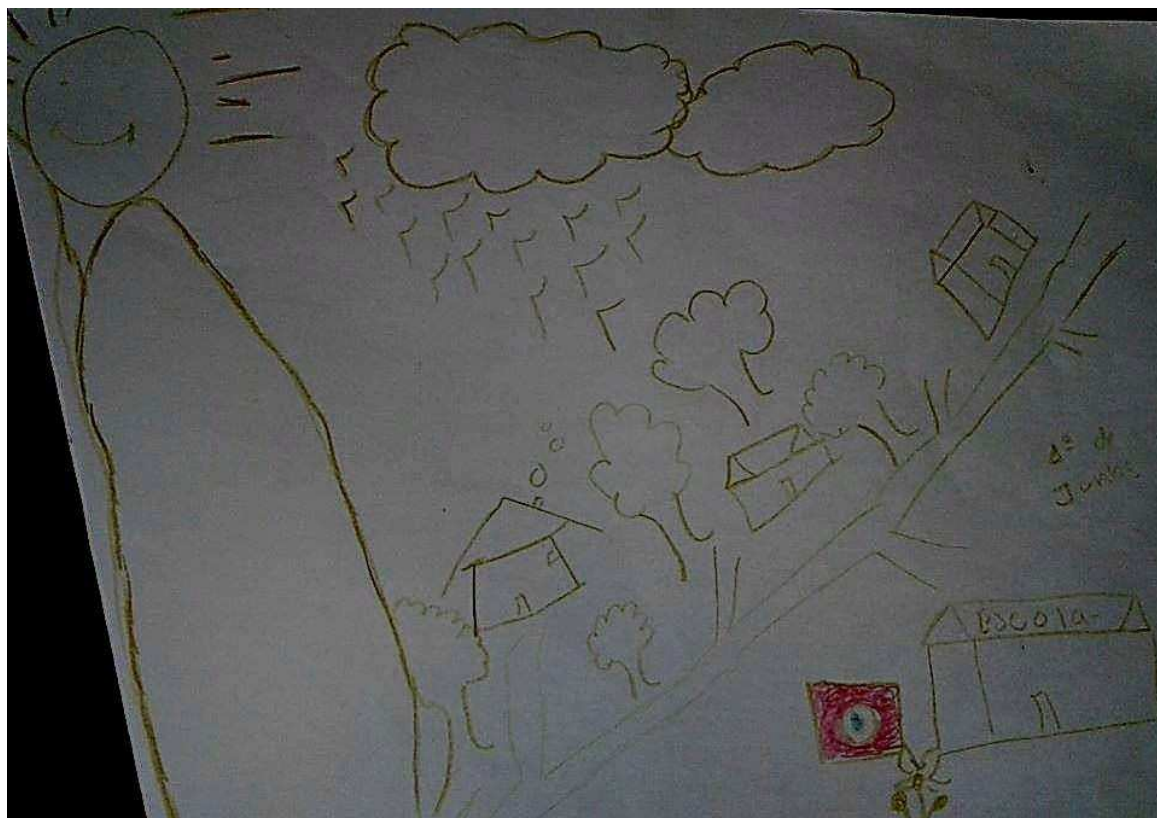


Figura 41- Assentamento rural, produzido por Janaína.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, setembro de 2015.

Janaína parece representar o contexto de luta e de conquistas relacionadas à sua realidade no assentamento 1º de junho. Na figura o sol se esconde entre a montanha, pássaros voam sobre as árvores. Existe uma escola e moradias que com certeza foram fruto de muita luta e determinação por parte dos camponeses- o que se confirma com a bandeira do MST que se encontra próxima a escola, que por sinal foi representada tão timidamente, embora tamanha importância. Ainda assim foi colorida por sua cor original, diferente de todos os outros elementos do desenho. Talvez sua pequenez nos indique a luta pelo MST pelos direitos negados, nos passa a sensação de opressão, sufocamento.

O presente desenho nos fez refletir sobre a Educação do Campo, essa que existe com o objetivo principal de associar lutas particulares de diferentes sujeitos com interesses comuns, visando a conquista por direitos até então negados. Criada também como ferramenta de lutas por políticas públicas que garantam a construção por meio de associações coletivas. Neste aspecto, a educação é pensada como necessária para a própria emancipação. O Movimento da Educação do Campo fundamenta-se então nas ações protagonistas das organizações e movimentos sociais do campo, lutando também

pela territorialização (CALDART, 2015; MUNARIM, 2011). Os movimentos resistem e lutam pelo direito do camponês e da camponesa de viverem em sociedade, sem se desvincularem do campo para isso; lutam por dignidade, direito à terra e por uma educação do campo e com o campo

PALAVRA: DESAFIOS



Figura 42- Comunidade agroecológica, produção sem autoria.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

A palavra e a figura nos faz pensar nos desafios enfrentados pelas pessoas do campo, que lutam para permanecerem na terra, por escolas que atendam as especificidades camponesas e pelo direito à uma vida saudável. Tudo isso quando alcançado, é resultado de muita luta principalmente, dos/as trabalhadores(as) do campo, movimentos sociais e grupos coletivos que atuam em prol da Educação do Campo.

Neste sentido, é preciso uma compreensão da origem da Educação do Campo, de forma que a pensemos na tríade: Campo- Política Pública- Educação, pensar cada uma dessas concepções separadamente causaria uma desconfiguração política e pedagógica. Foi o campo o responsável pela necessidade da Educação do Campo, por isso encontra-se no início da tríade, e não se trata de qualquer política pública e sim pensada de acordo com a especificidade dos sujeitos camponeses. Diante tudo isso, critica-se a educação tradicional pensada abstratamente, assim não é possível um pensar

desconectado no que se refere à essa trilogia da Educação do Campo (CALDART, 2007; 2015).

Hoje, com aproximadamente 20 anos da Educação do Campo, podemos perceber que as lutas trouxeram várias ampliações também na lógica educacional, reafirmando aqui que a escola sozinha não resolve os problemas. Entretanto, ela é um forte instrumento para as ações que envolvem o campo (SILVA, 2010).

Neste aspecto, o processo educativo em que se refere à Educação do Campo é muito mais amplo do que práticas escolarizantes. Sem desconsiderar os avanços, os camponeses continuam suas lutas, Por exemplo, no que se refere ao fechamento das escolas do campo, nucleação, acesso a terra e outras especificidades. De tal modo, precisamos pensar sobre a atual conjuntura sociopolítica que o Brasil vem passando, embora tantos conflitos os Movimentos Sociais resistem, lutam em prol dos seus direitos.

PALAVRA: ENERGIA

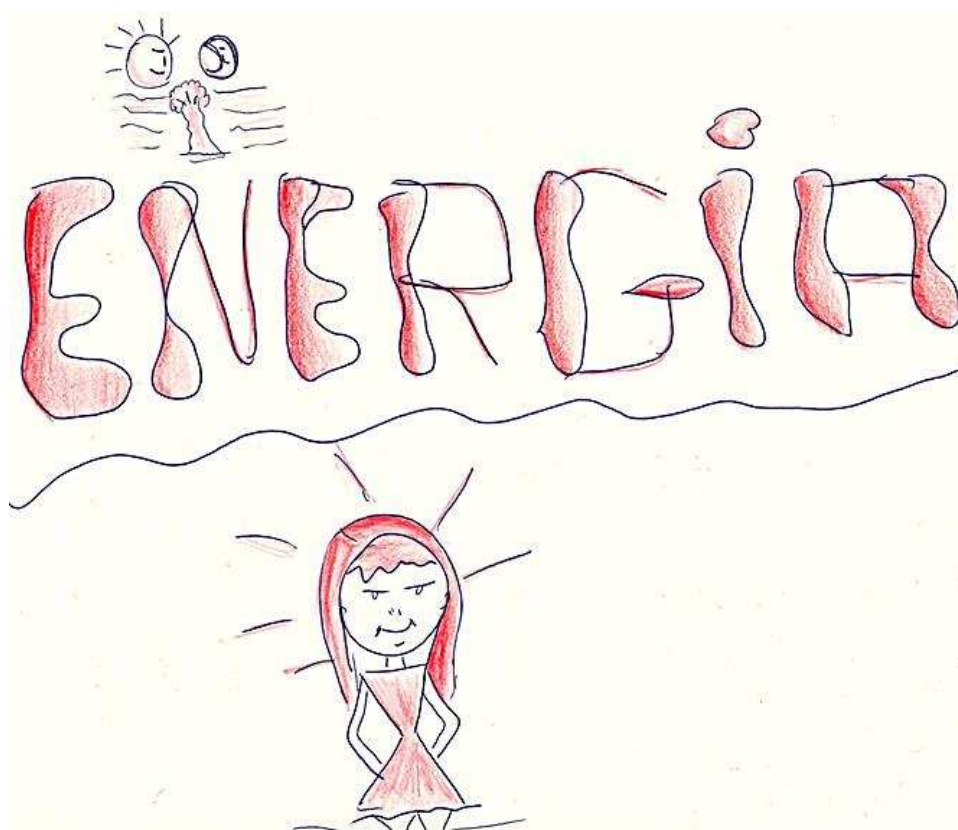


Figura 43- Energias, produção de Luara.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: SONHOS



Figura 44- Buscando sonhos, produção sem autoria.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: FÉ



Figura 45- mãos erguidas, produzido por Lucas.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: FÉ



Figura 46- Fé, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes.

PALAVRA: TRANSFORMAÇÃO

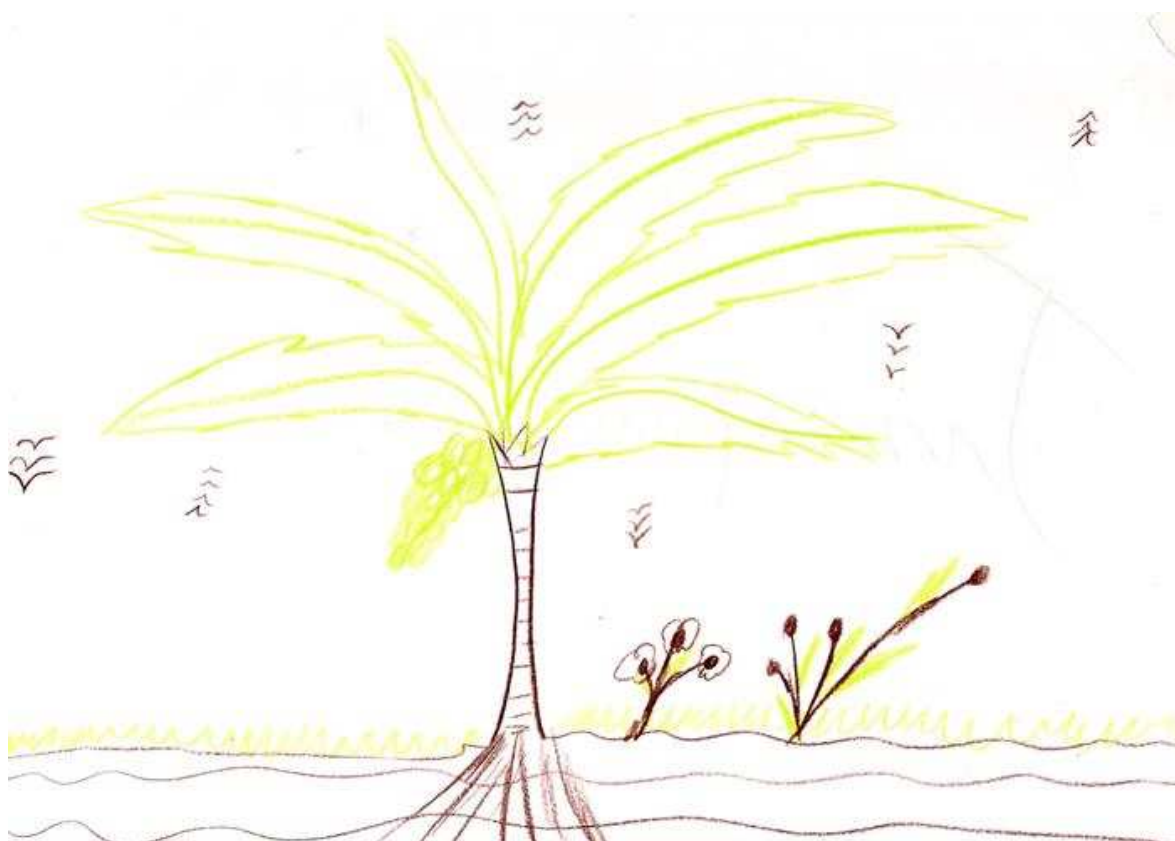


Figura 47- Coqueiro, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: ALEGRIA



Figura 48- Visões de Antônio, produzido por Antônio.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015

PALAVRA: EMOÇÃO

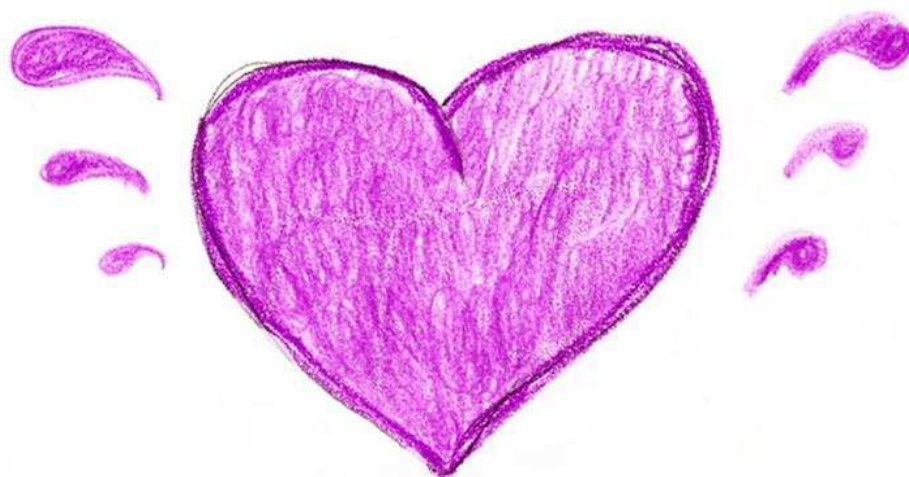


Figura 49- Coração, produzido por Ana.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: VIDA

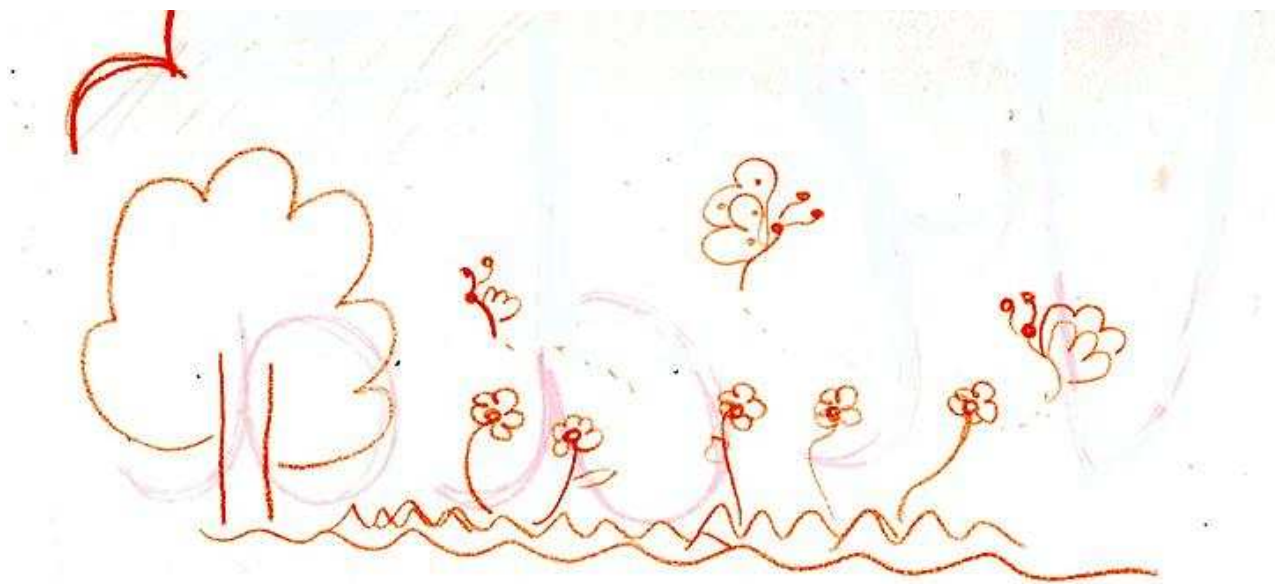


Figura 50- Produção de vida, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

PALAVRA: PARTILHA



Figura 51- Mão, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Tais ilustrações nos fizeram refletir sobre as subjetividades, pareceram bem individualizadas e abstratas, o que não tirou seu caráter poético. Podemos dizer que desenhos também representam poemas e desse modo,

a experiência da leitura é, no poema, uma conversão do olhar que tem a capacidade de ensinar a ver as coisas de outra maneira. A experiência da leitura converte o olhar ordinário sobre o mundo num olhar poético, poetiza o mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente, torna realidade a expressão heideggeriana: “poeticamente habita o homem nesta terra” (LARROSA, 2003, p. 106).

Assim podemos enxergar os elementos desenhados de outras maneiras, por exemplo, uma mão que se ergue ao céu, mão de quem batalha todos os dias. A fé por vez tão pessoal e que pode mover os seres humanos, assim como o amor e os sonhos. Tudo isso está revestido por poesia- como diria Morin (2005), é a manifestação do estado poético.

4.2.2.1- Do individual ao coletivo?

Ao final das leituras das figuras, gostaríamos de dizer que, no decorrer da oficina, enquanto os/as participantes dialogavam sobre suas produções, passamos uma folha em cada um dos 3 grupos para que criassem um poema coletivo que deveria ser apresentado ao final do encontro.

Após as apresentações da interpretação dos desenhos individuais, os grupos criaram também, uma representação ilustrativa coletiva, respondendo a questão: O que faz o eu e o outro(a) ser o nós? A representação deveria levar em consideração o diálogo e as produções interpretadas.

Voltamos todos(as) para o círculo e cada grupo foi convidado a apresentar o desenho e o poema coletivo. Surgiram três poemas coletivos que foram recitados ao final, apenas coloquei-os na mesma folha, o que deu origem ao que segue abaixo:

O que nos faz ser MOVIMENTO

Tudo começou pelo sonho,
através dele eu posso realizar.
Sonhar e lutar pelo que quero conquistar,
com os amigos posso contar!

É a ponte que leva ao outro lado,
sou parte de um sonho que foi sonhado junto,
portanto, tornar-se-á realidade.

Sonhar é realizar, realizar é sonhar,
juntos a lutar para o mundo melhorar
[...] e outro sonho sonhar!

O sentimento é o que nos move,
amor, fé, energia, união e a força de lutar.
Isso move nossa conduta.

Caminhar em busca de um ideal,
sempre de mãos dadas...
Vencer os obstáculos e encontrar amparo
em cada caminhar.

Transformar vidas, entrelaçar corações e
embalar as emoções num contínuo crescimento
rumo à sabedoria.

Oh lua, oh sol, ilumina esse nosso dia
e que a noite, o clarão faça-nos ver
que é possível: sonhar, sonhar e sonhar.
A família e as pessoas ao redor, são a base de tudo:
é o que nos faz ser movimento.

O que nos move é o gorjear dos pássaros,
pelo caminho que construímos,
o que nos move é o movimento do vento dos nossos sonhos
sobre as folhas das árvores..
A busca pelo eu, a busca pelo movimento,
são momentos que fortalecem
a construção do conhecimento.

Coragem pra lutar, em prol de uma causa justa,
que visa a liberdade de expressão,
onde campo está junto de escola.

O que nos move é a vontade de sermos livres
e vivermos dias mais felizes.
O que nos move é sermos a Licena
e no espetáculo da vida, construirmos a nossa cena
(Poema coletivo, produzido na oficina textual II, 2015).

Este poema nos revela a união de várias pessoas, gerando uma única obra, ou seja o eu e o outro(a) produzindo o nós. Percebemos por meio dessas linhas que a LICENA é composta por pessoas sonhadoras, amorosas, que buscam pelos próprios ideais e lutam por uma sociedade mais justa, humanitária e solidária.

São educandos(as) que enxergam a família como base de suas lutas, acreditando que dentre tantos outros propósitos o campo deve ser considerado quando pensada a

Educação. Além disso, priorizam a liberdade de expressão e o direito de manifestação em busca de melhorias sociopolíticas.

Eles(as) se enxergam como construtores de suas histórias, são sujeitos de lutas, que almejam liberdade, troca de conhecimentos, dignidade e um mundo melhor para todos(as). Podemos perceber também, a importância que os educandos e educandas atribuem ao fato de fazerem parte da LICENA, o que nos move é sermos a LICENA e no espetáculo da vida, construirmos a nossa cena.

Além do poema, os três grupos ilustraram em figuras coletivas a união do eu com o/a outro(a):



Figura 52- Nós em movimento, escrita coletiva.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.



Figura 53- União de palavras, escrita coletiva.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

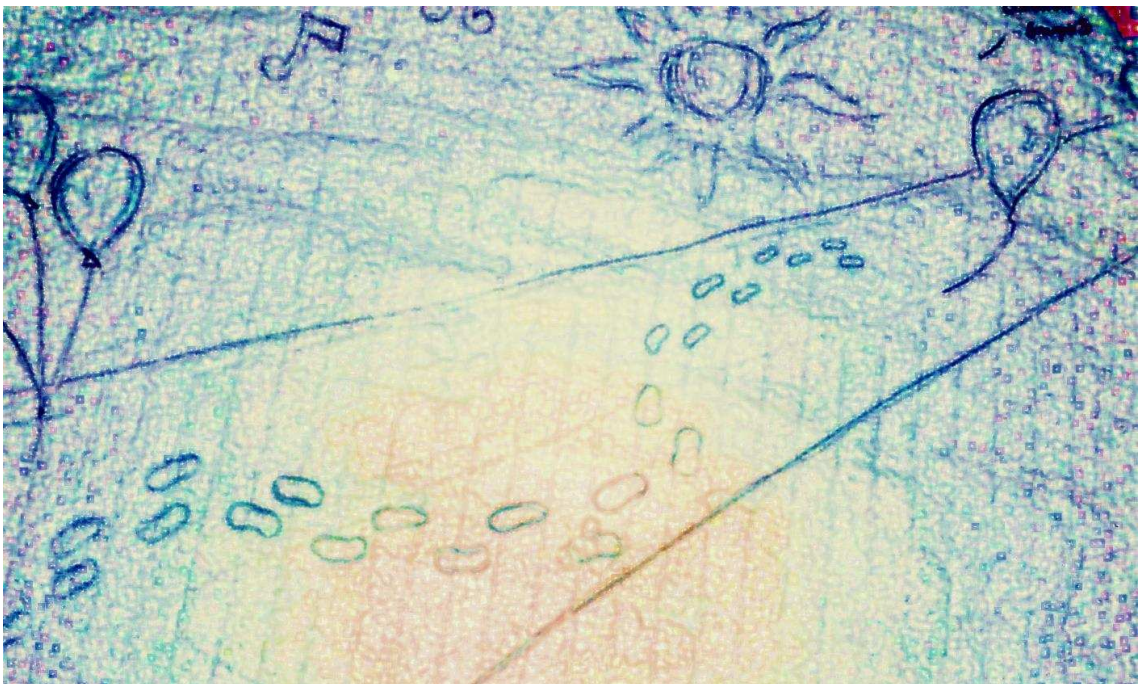


Figura 54- caminhando, escrita coletiva.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Por mais que a proposta tenha sido trabalhar a coletividade, sentimos que a produção desses desenhos aconteceu de forma pouco individualizada. O primeiro e o segundo incorporaram apenas palavras usadas por cada membro do grupo no momento inicial da atividade. Além disso, o sol que irradia letras, foi construído por Luara, talvez instigada pelo seu primeiro desenho sobre “energia”. Contudo, não rejeitamos a poética, há um sol que em seus raios oferecem palavras que faz o ser humano ser movimento.

O segundo desenho nos revela uma colmeia, tantas palavras (abelhas) para formá-la. E como brincou o poeta, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela (BARROS, 2015). O que há de sentidos em cada uma dessas abelhas?

Logo adiante nos deparamos com um caminho...

Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos. Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela. Aprendi com os passarinhos a liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras — sem se machucarem (BARROS, 2015, p.127).

Há muitos caminhos possíveis, assim como um balão que se solta e segue outros rumos, às vezes precisamos nos soltar- talvez precisemos ser como os andarilhos...

Considerando o tema da oficina(o que faz eu ser movimento?) podemos destacar que um dos principais elementos ilustrados esteve relacionado à presença da família. As relações afetuosas que acontecem neste coletivo acaba interferindo na construção da identidade das pessoas, de tal modo, os/as estudantes da LICENA representaram a valorização e a importância do seu grupo familiar.

Isso pode ser entendido também, pelo contato que os/as estudantes têm com a Pedagogia da Alternância. Ao alternar tempos e espaços, ela permite a permanência dos/das protagonistas do campo em suas comunidades junto às suas famílias, o que intensifica as relações.

Encontramos também a representação de valores, sentimentos e as mais variadas emoções. O campo apareceu como espaço de vida, lutas pela liberdade, pelo direito à moradia, por melhores condições de sustentabilidades. De tal modo, os/as participantes representaram livremente suas próprias linguagens.

Após a apresentação do poema e dos desenhos, já não havia mais tempo, mas a ideia era uma representação única de toda a turma respondendo: O que faz o nós ser a

LICENA? Quando mencionamos sobre isso, alguém gritou uma possível representação: A LICENA PEDE LICENÇA- PRESENÇA! De tal modo, pedimos que escrevessem em casa um pequeno texto respondendo a essa questão.

Não pensamos obter alguma resposta, afinal foi um convite e não um texto por obrigação. Para a nossa surpresa na data da oficina seguinte recebemos algumas produções. Neles, os/as estudantes descreveram como o ser LICENA refletia em seu processo de movimento pessoal e sociopolítico- o que será detalhado logo à frente.

4.2.3- A LICENA também escreve

Escrever tornou-se para mim uma maldição, mas uma maldição que me salva.

Clarice Lispector (1999)

O terceiro encontro aconteceu no dia 07 de outubro de 2015 no salão do Departamento de Educação da UFV. Esse tema surgiu porque na última oficina no momento de socialização final Willer usou a expressão: A LICENA também produz.

Como todas as vezes organizamos a sala com grande entusiasmo, esperávamos um grande número de participantes. Acontecia muito das pessoas passarem pela sala e ao perceberem a estética escolhiam permanecer, pois como já mencionamos outras oficinas estavam acontecendo e não eram atividades obrigatórias.

Criamos a Instalação Artístico Pedagógica, com uma árvore do conhecimento no centro da sala, nela colamos as palavras que apareceram nas últimas oficinas; ao lado um chapéu de palha representando os camponeses e camponesas e a terra como sinal de direito de todos(as); montamos vários varais contendo as produções das últimas oficinas e um girassol com versos produzidos pela LICENA. Tudo isso para demonstrar que: A LICENA TAMBÉM ESCREVE!



Fotografia 11: ambiência da oficina textual III, outubro de 2015.
Fonte: Géssica da Silva Lopes, 2015.

Compareceram cinco educandos(as), duas mulheres e três homens. Destes, quatro já haviam participado de outros encontros, estavam Bela, Bia, Lucas, Antônio e Miguel (Todos(as) da turma Semeando Saberes). Miguel compareceu pela primeira vez e disse ser por curiosidade pelas falas de colegas que participavam, mas que não gostava de escrever. As outras oficinas que estavam acontecendo no mesmo momento, diferente das outras vezes foram organizadas em outros locais, apenas a oficina pedagógica textual aconteceu no Departamento de Educação.

Confesso que de início me senti assustada com o pequeno número de participantes, a falta de reação e o silêncio tomou-me por alguns instantes, havíamos preparado uma dinâmica pensada em divisão de grupos. Mas, Willer encorajou-me com suas palavras de incentivo e, além disso, os cinco educandos(as) estavam ali por escolhas próprias. O que veio em meu pensamento naquela situação foi chegue até uma pessoa e já será feliz.

Iniciamos o encontro com as leituras dos textos encaminhados referentes à última oficina pedagógica textual, destacaremos agora as produções entregues por Bela, Bia e Antônio, estando os três presentes no terceiro encontro:

Ser Licena reflete em mim de forma abundante, pois me domina. Sou totalmente apaixonada pelo curso, ele me proporciona várias reações. À cada tempo escola, volto mais motivada para casa. A Educação do Campo é a mais libertadora, as aprendizagens vão além da sala de aula. Assim me sinto LICENA, uma moça que pensa trabalhar a Educação do Campo com as crianças. Isso me faz ser constante movimento, sou louca por essa Educação libertadora, que luta contra o preconceito que o sistema impõe à sociedade (Texto produzido por Bela, 2015).

Esse texto foi escrito por Bela, percebemos nele a satisfação que sente por fazer parte da LICENA e como ela entende a Educação do Campo. “*A Educação do Campo é a mais libertadora, as aprendizagens vão além da sala de aula*”. Essa expressão nos faz refletir sobre os pressupostos da Educação do Campo e a forma como a LICENA se propõe a romper com o modelo tradicional de escola.

É neste aspecto que dialogamos com Caldart (2007), ao destacar que a Educação do Campo nasceu também, como crítica a educação pensada apenas em si mesma, ou em abstrato, desconsiderando-se a realidade das pessoas.

Não é possível pensar/fazer a educação sem considerar os sujeitos concretos e os processos formadores que os constituem como seres humanos desde a práxis social. Uma tradição que nos orienta a pensar a educação colada à vida real, suas contradições, sua historicidade; a pretender educar os sujeitos para um trabalho não alienado; para intervir nas circunstâncias objetivas que produzem o humano (Caldart, 2007, p. 5).

Bela destacou também o seu desejo de trabalhar com crianças do campo e defende este modelo de educação chamando-a de educação libertadora, que luta contra as imposições e preconceitos advindos da sociedade. Tal fato, nos leva a refletir sobre a forma em que Bela tem se relacionado com a dinâmica da Educação do Campo e com os pressupostos freirianos.

De tal modo, Bela parece ir contra os modos de opressão e acreditar que a liberdade pode brotar dentro dos seres oprimidos. Como destaca Freire (1992) a esperança pode nascer do coração mesmo quando a pedagogia tem o oprimido como sujeito.

Bia também retratou a forma como estar na LICENA afeta a sua condição de existir:

A Licena promove em mim um grande impacto, me proporcionando conhecer realidades diferentes da minha. Regiões e costumes que me fazem refletir e perceber que um problema que se parecia grande, torna-se minúsculo diante do que outras pessoas enfrentam para permanecerem em suas comunidades e espaços. A Licena nos proporciona várias experimentações, curiosidades, afetividades, descobertas, companheirismo e até mesmo angústias por achar que não será possível... Mas por fim, tudo se encaixa (Texto produzido por Bia, 2015).

Para Bia, a LICENA permite que ela entre em contato com outros mundos diferentes do seu. De fato o curso abrange extensa diversidade de povos, pessoas que trazem consigo as mais variadas realidades. O espaço permite o diálogo entre pessoas das mais diferentes comunidades, como quilombolas, indígenas, assentados, agricultores familiares, envolvidos com os mais diversos Movimentos Sociais (Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra, Movimento dos Pequenos Agricultores, Movimento dos atingidos por barragens, entre outros).

Ao olhar para os problemas enfrentados por outras pessoas em sua realidade, Bia percebe a dimensão da luta de muitos(as) para a permanência em seu próprio meio. Ela parece perceber na LICENA a oportunidade de novas construções e experimentações pessoais e sociopolíticas.

Antônio destacou a LICENA como a forma de luta pela educação que agrega valor ao campo:

A LICENA é a luta pela educação do campo, é a busca por uma educação que agrega valor ao campo, com o objetivo de buscar as riquezas que o campo possui e transmitir um novo contexto para educação. Com o objetivo de resgatar a cultura, a valorização da agricultura familiar e o trabalho com a agroecologia, promovendo uma educação sustentável. Poder estudar na LICENA faz refletir na minha vida no modelo de desenvolvimento social e cultural, porque na LICENA não só aprendemos o que é a educação, mas o que a educação nos remete. A LICENA me faz entender que a educação está ligada a sociedade de maneira em que qualquer espaço e local é de aprender, pode ser no campo, em baixo de uma árvore e até falando com uma pessoa mais velha você está aprendendo. A cada tempo escola que acontece, vejo a importância da educação do campo, o objetivo que ela tem para a sociedade e a sua luta por uma educação diferenciada. Poder estudar na LICENA não é só ter uma formação, mas poder gerar ações que um dia poderão mudar a sociedade atual e passar para os educandos o objetivo do campo para a sociedade e da agroecologia para as suas

vidas. A LICENA é um espaço de aprender, transformar e refletir sobre o que é a educação (Texto produzido por Antônio, 2015).

Antônio entende a LICENA como fortalecimento da Educação do Campo e como outra forma de entender a educação- educação que valoriza a realidade camponesa. Para ele o curso o faz perceber que a educação existe em todos os lugares e pode acontecer de diversas maneiras e em contato com as mais variadas pessoas. A LICENA é para Antônio a possibilidade de mudanças da sociedade e ele espera poder contribuir de alguma forma para tal a partir de suas vivências.

Com o seu texto podemos entender tal licenciatura como meio de valorização dos protagonistas camponeses. Rompendo-se com a ideia de campo enquanto sinônimo de inferioridade e ignorância, de lugar em que as pessoas não possam educar-se, de ambiente em que os sujeitos sejam discriminados pela própria origem. É também neste sentido que a Educação do Campo atua enquanto projeção de uma nova concepção de campo.

Basta! De considerar natural que os sujeitos trabalhadores do campo sejam tratados como inferiores, atrasados, pessoas de segunda categoria; que a situação de miséria seja seu destino; que no campo não tenha escola, que seja preciso sair do campo para frequentar uma escola; que o acesso à educação se restrinja à escola, que o conhecimento produzido pelos camponeses seja desprezado como ignorância (Caldart, 2007, p.4).

Talvez seja esse o novo contexto que Antônio se refere que é preciso buscar- um contexto que dê um basta a tais situações. E a Educação do Campo pode ser o possível caminho de luta para este basta.

4.2.3.1- Poemas concebidos pela LICENA

Após a leitura dos textos, partimos para a dinâmica do encontro presente, havíamos preparado quatro caixas que seriam entregues em cada grupo, formamos então um grupo apenas e a oficina aconteceu normalmente.



Fotografia 12: Escrita coletiva na oficina textual III, outubro de 2015.
Fonte: Gécica da Silva Lopes, 2015.

Dos objetivos específicos desta: demonstrar que a LICENA também escreve, instigando novos escritos; apresentar as categorias temáticas surgidas nas outras oficinas e desenvolver práticas coletivas de escrita.

Realizei a leitura de um pequeno texto que escrevi para relatar sobre o que apareceu nas últimas oficinas, em seguida pedimos que cada um contasse o motivo de estar ali. Num próximo momento, falamos das realizações das últimas oficinas e das categorias temáticas que surgiram a partir das produções. De acordo com elas montamos as quatro caixas que guardavam dentro fragmentos dos textos dos últimos encontros, sendo: caixa 1- emoções; caixa 2- lutas; caixa 3- transformações; caixa 4- família.

O grupo foi convidado a abrir uma caixa por vez e à cada uma delas escreveram um texto coletivo a partir dos fragmentos lidos. Por meio do que estava pronto foram orientados a escreverem algo novo e diferente. Consideramos que a cada nova caixa aberta o texto coletivo deveria contemplar as outras categorias, o que faria surgir 4

textos coletivos: texto 1- emoções; texto 2- emoções e lutas; texto 3- emoções, lutas e transformações; texto 4- emoções, lutas, transformações e família.

EMOÇÕES

O que é a emoção e
o que ela significa?
Parece simples responder,
a emoção é tudo que sentimos,
olhamos e tocamos.

A emoção pode te fazer chorar,
mas também sorrir.
Então, independente do que você sentir,
celebre suas emoções.

Emoções são sentimentos que
despertados dentro de nós,
nos prova que independente de
idade, raça, cor e sexo,
todos somos capazes de amar.

A emoção está no simples fato de
ver os olhos brilhando de uma criança,
está nas palavras que se sobressaem de forma encantadora.
Emoção que nos transforma
e que nos faz melhores.

LUTAS

Lutar por um mundo melhor,
um mundo onde todos voltem à sonhar,
lutar e acreditar.

Ao abrir a janela de manhã
devemos saldar o sol, o dia
e abrir longos sorrisos para a sociedade,
estender a mão ao próximo.

Ser humano para garantir
radiação e dias de paz.
Lutar e não desistir, lutar até o fim,
pois quem morre na luta
é também herói.

Lutar e ter a força de
vencer no amanhã.
Descubra, quem luta mais para sobreviver:

você ou a natureza?

TRANSFORMAÇÕES

Transformar?
Precisamos amar, sonhar e nos emocionar
e principalmente lutar...
Lutar com amor,
para transformar este mundo em algo melhor.

Transformar...
Vamos, ainda há tempo de recomeçar,
nunca é tarde, peça perdão!
Busque o amor,
procure aconchego.

Não existe transformação,
se ela não acontece primeiro
dentro da gente.

Transformar é poder mudar as coisas,
com o objetivo de se alcançar
coisas melhores...

Transformar...
primeiro a si próprio,
pra depois os outros!

FAMÍLIA

Família, minha base e inspiração.
É o que me motiva e me ajuda a entender
e a viver as emoções que o mundo traz.

Vive comigo todas as lutas e
comemora cada vitória,
me transforma e me ensina a ser melhor.

Família é a certeza de que
existe alguém que nos olha e
alguém que possamos olhar.

É a nossa vida,
é por ela que sonhamos e lutamos.
Tudo que temos e somos.

Pelos escritos, entendemos que os/as participantes escreveram sobre o ato de sentir e capacidade de amar os outros(as) mesmo nas diferenças. Percebem a emoção como forma de transformação pessoal e amadurecimento- emoção como parte íntima do humano.

Compreendemos que retrataram a luta mais no seu sentido pessoal, sem destacar as de caráter coletivo e sem citar as lutas dos povos camponeses e Movimentos Sociais. Em contrapartida destacaram que quem morre na luta é também herói, percebemos nessa expressão seu cunho revolucionário, o título de herói dado aqueles(as) que até hoje lutaram por uma sociedade mais igualitária, aqueles que morrem lutando por melhorias sociopolíticas e/ou pessoais. Há no final do texto sobre lutas uma dicotomia entre humano e natureza, separando-os e nos levando a entender que vivem em um combate.

No texto sobre transformações o grupo conseguiu articular transformações com emoções e lutas. Lutar para transformar o mundo- de acordo com Caldart (2007), é dos que lutam para deixar de morrer que nascem experiências e alternativas. Assim, as lutas são vistas como forma de transformar a sociedade e o mundo em algo melhor. Mas percebemos a transformação descrita, também no contexto prioritariamente pessoal, a transformação que parte do íntimo do indivíduo para depois chegar às outras pessoas.

A família mais uma vez é vista como a base de tudo, como auxílio na vivência das emoções, como importante no contexto de lutas e atuando de forma ativa na transformação pessoal dos indivíduos. Precisamos considerar, que este é o sentimento manifestado pelos(as) participantes do encontro, o que não quer dizer que todas as pessoas apresentam essa visão amorosa, sabemos que muitos(as) enfrentam seus mais intensos conflitos familiares.

No que se refere a estrutura, não foi pedido nenhum tipo de escrita poética, porém a escrita fluiu em forma de poesia. Neste caso, identificamos a união do estado prosaico (o exercício de escrever um texto) com o estado poético (o formato estético das palavras), mencionado por Morin (2005).

Enquanto todos faziam os textos coletivos, sem qualquer pedido nosso, Lucas escreveu um pequeno poema e me entregou. Talvez ele tenha se lembrado da última oficina textual, em que pedimos a produção de um poema coletivo enquanto realizavam outra atividade:

Eu quero fazer
uma guerra de amor,
onde a dinamite seja uma flor.

Eu quero fazer uma guerra de paz,
onde as pessoas lutem
para se unirem mais.



Figura 55- Guerra de amor, produzido por Lucas.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Lucas desenhou a união dos corações- o que pode indicar a comunhão dos corações humanos. Um coração se encontra de fora da junção dos outros, o que pode ser a representação da expressão, onde as pessoas lutem para se unirem mais. Isso pode significar o seu desejo de mais união entre os indivíduos. Deste modo, os versos nos revelam um pedido de paz, harmonia e amor para o mundo.

O seu poema nos mostra o seu desejo de um mundo melhor, sem guerras e conflitos, de uma sociedade em que as pessoas sejam mais unidas e que o amor possa estar presente nas relações diárias.

Além de Lucas, Miguel também escreveu um pequeno texto enquanto realizavam a produção coletiva:

Me emociono ao lembrar-me do meu primeiro professor. Aprendi com ele o A B C e a contar de 0 à 10. Hoje sou um universitário e por isso me emociono ao pensar no meu mestre querido. Deus sabe o que faz e neste momento este anjo querido está me iluminando. Sei que está se emocionando com o meu degrau, neste caminho alcançado. Meu mestre querido, eu lhe garanto, seu trabalho não foi em vão (Texto produzido por Miguel, 2015).

Miguel parece ter se lembrado dos ensinamentos do seu primeiro professor, que pelas suas palavras, já deve ter falecido. Parece que quis fazer uma homenagem de

agradecimento a ele por estar na LICENA e pelas aprendizagens. Ele havia dito no início da oficina que nunca gostou de escrever e que apenas fazia por obrigação. Por isso, surpreendi-me com este pequeno texto, feito sem qualquer pedido, por espontânea vontade. Ele disse na socialização final, Eu nunca gostei de escrever, mas aqui foi diferente, foi como se nada mais existisse. O que levou Miguel a mudar de opinião e até mesmo escrever um texto sem ser cobrado Senti-me curiosa para saber se ele participaria da próxima oficina textual.

Ao término dos textos, os/as participantes falaram sobre as produções e avaliaram o encontro. Bela contou-nos que as oficinas estavam fazendo com que ela gostasse mais de escrever e que levasse a experiência para casa e para sua comunidade, contando sobre as vivências e aprendizagens. Certa vez me pediu um poema sobre o campo para realizar uma dinâmica com os envolvidos(as) no MPA da sua região.

Bia disse que todas as vezes que vai realizar algum trabalho acadêmico se lembra da estética das oficinas, coloca uma música relaxante e escreve. Falou-nos também de sua vontade, de realizar tais atividades em alguma sala de aula enquanto educadora. Lucas falou-nos de sua segurança adquirida na hora de escrever que brotou a partir de sua participação nas oficinas textuais.

No que se refere às produções realizadas neste encontro, podemos considerar que foram extremamente ligadas aos sentimentos dos/das participantes. Escreveram sem o medo de se expressarem- eram autores e autoras de si querendo dar vida aos escritos que vinham do coração, sem a preocupação científica.

4.2.4- Porque escrevo? como escrevo? sobre o que escrevo?

Os rios eram verbais porque escreviam torto como se fossem as curvas de uma cobra.

Manoel de Barros (2006)

A 4ª oficina aconteceu no dia 04 de novembro de 2015 na sala do PVB da UFV e teve como objetivos específicos compreender de que forma a escrita se desenvolve no cotidiano dos educandos e educandas; proporcionar maior segurança e liberdade durante a escrita e estimular a escrita poética.

Organizamos no chão uma espécie de tapete da leitura, espalhamos produções dos/das estudantes, textos literários, almofadas e arranjos para que se sentissem à vontade no ambiente. Compareceram seis estudantes (quatro da turma de 2015 e duas da

turma de 2014). Destes, apenas uma estava participando pela primeira vez das oficinas e contou-nos do seu sonho de escrever um livro sobre a sua trajetória de vida.

Iniciei com a leitura de um texto produzido por mim, sobre a contextualização das últimas oficinas. Em seguida colocamos um vídeo de uma conversa que realizei com meu primo e primas sobre a escrita e a poesia, na perspectiva de entender a forma como eles (enquanto crianças) entendem o “escrever na escola”. Na finalização da filmagem minha prima Michelle de 7 anos recita um poema de Vinícius de Moraes- A porta. Os educandos(as) demonstraram emoções ao assistir o vídeo, através de sorrisos e olhares, principalmente durante a recitação.

A porta- Vinícius de Moraes

Eu sou feita de madeira
Madeira, matéria morta
Mas não há coisa no mundo
Mais viva do que uma porta.
Eu abro devagarinho
Pra passar o menininho
Eu abro bem com cuidado
Pra passar o namorado
Eu abro bem prazenteira
Pra passar a cozinheira
Eu abro de supetão
Pra passar o capitão.
Só não abro pra essa gente
Que diz (a mim bem me importa...)
Que se uma pessoa é burra
É burra como uma porta.
Eu sou muito inteligente!
Eu fecho a frente da casa
Fecho a frente do quartel
Fecho tudo nesse mundo
Só vivo aberta no céu!

Em seguida, pedimos que cada um escrevesse um pequeno texto respondendo às seguintes questões: Porque escrevo? Sobre o que escrevo e como escrevo? Após a escrita pedimos que trocassem com os colegas e que lessem a escrita do outro(a). A partir disso, foram convidados(as) a produzirem livremente o que quisessem, considerando a leitura realizada- Surgiram desenhos e poemas.

Orientamos de forma que trocassem novamente a produção com outra pessoa e repetissem o processo de criação textual, enquanto isso ouvíamos a música de Chico César: Estado de Poesia. A dinâmica de troca de textos foi pensada na perspectiva de incentivar outras produções a partir daquelas que foram feitas por outras pessoas, pensando que a leitura de algo pode nos levar a produzir novidades.



Fotografia 13: Início da oficina textual IV, novembro de 2015.
Fonte: Géssica da Silva Lopes, 2015.

Enquanto resposta para os questionamentos iniciais: porque escrevo, sobre o que escrevo e como escrevo? Surgiram alguns enunciados que destacaremos no decorrer da descrição desta oficina em comunhão com as outras produções do encontro.

Escrevo para me libertar dessa sociedade capitalista, que aprisiona o meu povo e me aprisiona. Escrevo pra me libertar da tristeza que há dentro de mim, principalmente em relação à minha trajetória escolar. Escrevo a fim de expressar meus sentimentos. Sendo um momento que posso falar de coisas boas, mas também de coisas tristes. Ao escrever retrato a minha vida, coloco os meus sentimentos, também falo sobre as escolas na qual estudei. Pois, atualmente a forma como a escola é padronizada me faz ter medo de falar, de ler e escrever. Mas, quando conheci a LICENA, passei a não ter medo. Com a Educação do Campo pude ensinar os meus irmãos, que podemos ter uma escola diferente, voltada para a realidade que vivemos. Mostrei para a minha família a importância da Agroecologia e hoje me sinto realizada, por estar também na oficina de lecto-escrita²³, onde retratei um pouco dos meus sentimentos (Texto produzido por Mariana, 2015).

Vou chamar de Mariana a educanda que produziu este texto, essa foi a única oficina textual que ela participou. Na mesma folha, ela fez o seguinte desenho que ilustra a sua escrita:

²³ As primeiras foram chamadas de oficina de Lecto-escrita (termo mais técnico), o que fez com que muitos(as) continuassem usando tal terminologia, mesmo depois de termos parado de usá-la.



Figura 56- O choro de Mariana, Produzido por Mariana.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Que escola é essa que oprimiu Mariana? Que a fez ter medo de falar, de ler e de escrever? Tudo indica que é a escola que estudou, tanto é que destaca a tristeza que sente ao pensar sua trajetória escolar. A escrita para ela é como caminho de libertação da opressão, que é indicada pela imagem das mãos acorrentadas e pela expressão escrita que destaca o aprisionamento do povo pela sociedade capitalista.

Mariana se desenha chorando o que nos leva a entender que seja por causa do modo como foi oprimida e pelo medo que sentia de se comunicar. Confesso que me

senti muito emocionada com as linguagens da educanda pela afinidade que senti ao ler e ouvir suas palavras. Ela falou comovida no momento de socialização sobre como tinha medo de estudar, sem poder se expressar em salas de aulas. Contou-nos também do seu sonho de escrever um livro sobre sua trajetória escolar e este foi o principal motivo que a levou participar da oficina textual. Tudo que ela falara, foi como minha voz dizendo o mesmo, nas palavras de outras pessoas.

Em contraposição a toda tristeza, Mariana destaca a LICENA como a libertação de seus medos, o que a fez levar para sua família as aprendizagens adquiridas no curso. Na ilustração, isso pode ser representado pela horta(quando se refere a importância da agroecologia) e o coração pode estar relacionado ao seu sentimento de liberdade. Além disso, ela passou a acreditar que pode existir escolas diferentes, que considerem a realidade das pessoas, levando isso até seus irmãos.

Depois das trocas de textos, Mariana produziu:



Figura 57- Ramos da escrita, produzido por Mariana.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Embora Mariana tenha lido textos de seus colegas, ela continuou a representação de sua história de vida referente à trajetória escolar. Coloriu a palavra escrita no centro para indicar o que ela representa para si, de modo que ela destaca um contraste entre a

escrita oriunda das opressões e aquela referente às emoções. Desenhou também o campo com um aspecto de liberdade:



Figura 58- Liberdade, produzido por Mariana.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Essa imagem pode indicar o que ela descreveu sobre o ato de conhecer a Educação do Campo, quando deixou de ter seus medos. Assim, ela se desenhou feliz no ambiente- percebemos então, que Mariana entende a Educação do Campo como forma de se sentir livre e ouvida como descreveu num outro momento.

O texto que segue foi escrito por Miguel:

Meu hábito de escrever é mínimo. Escrevo apenas para trabalhos acadêmicos, somente quando é necessário. Por não ter adquirido o hábito de escrever, por não gostar de pegar no lápis e expressar o que estou sentindo, minhas letras não é das melhores, não consigo tirar da mente os fragmentos essenciais para a fluidez da imaginação e colocá-los no papel. Com a minha inserção na Licena, com o passar dos meses conheci a oficina de lecto-escrita, me mostrando um novo rumo a ser tomado, a partir desta indicação escrevo para mim mesmo. O que escrevo são pequenos fragmentos de palavras, o que penso ou imagino (Texto produzido por Miguel, 2015).

Este texto confirma o que foi destacado antes, no que se refere à relação de Miguel com práticas textuais. De tal modo, ele descreve que a partir de sua inserção na LICENA e nas oficinas textuais, passa a enxergar outros rumos no que se refere à leitura

e escrita. Teria Miguel continuado nesses rumos? Ou seguiu-os apenas enquanto participava dos encontros?

Mesmo demonstrando tanta resistência, ele produziu o seguinte desenho:

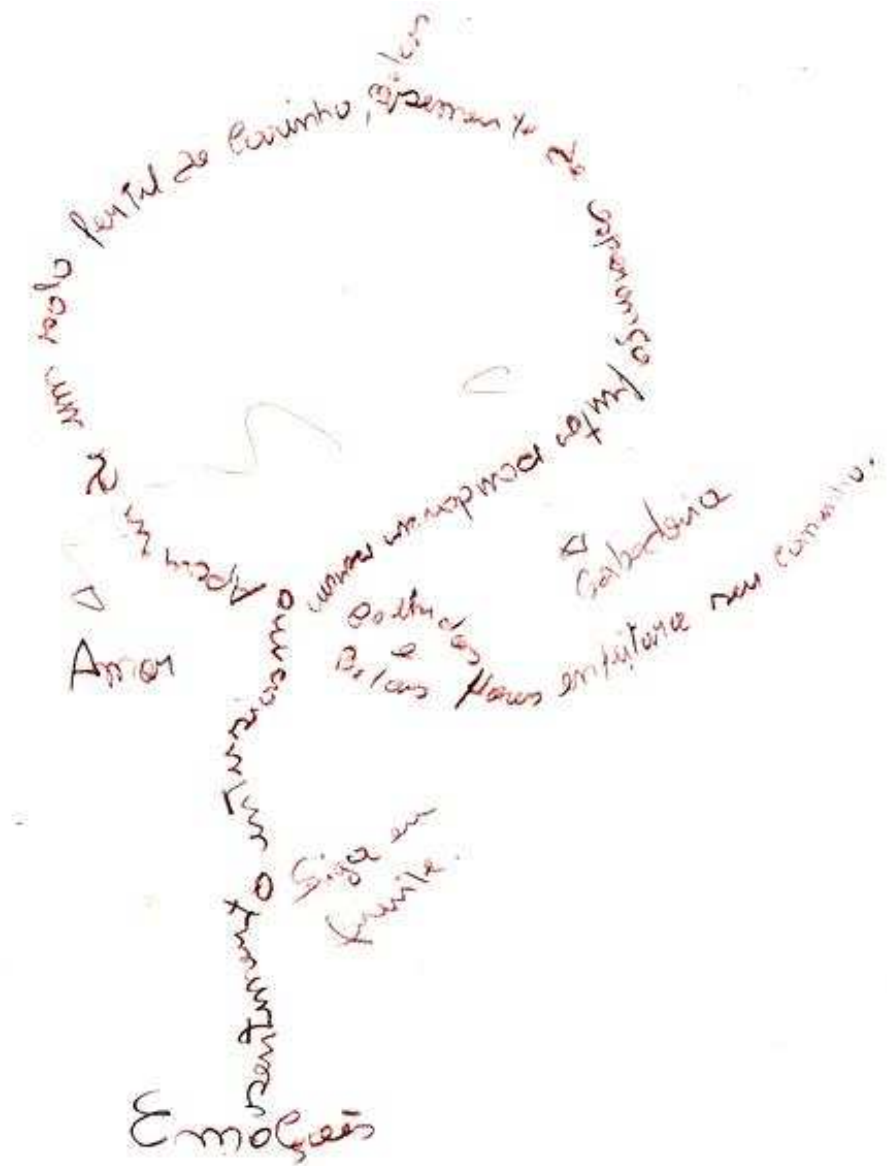


Figura 59- Árvore das emoções, produzido por Miguel.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Sua produção parece ser a representação de uma árvore que tem em suas raízes as emoções, no caule, sentimentos e entusiasmo e os frutos são o amor e a sabedoria. No envolto da copa da planta escreveu: “A partir de um solo fértil de carinho, belas sementes de esperança, frutos saudáveis serão colhidos e belas flores enfeitará seu

caminho- siga em frente”. O que teria o inspirado e o levado a tamanha imaginação, mesmo destacando a sua pouca relação com a realidade textual?

Ainda neste dia, ele desenhou e escreveu:

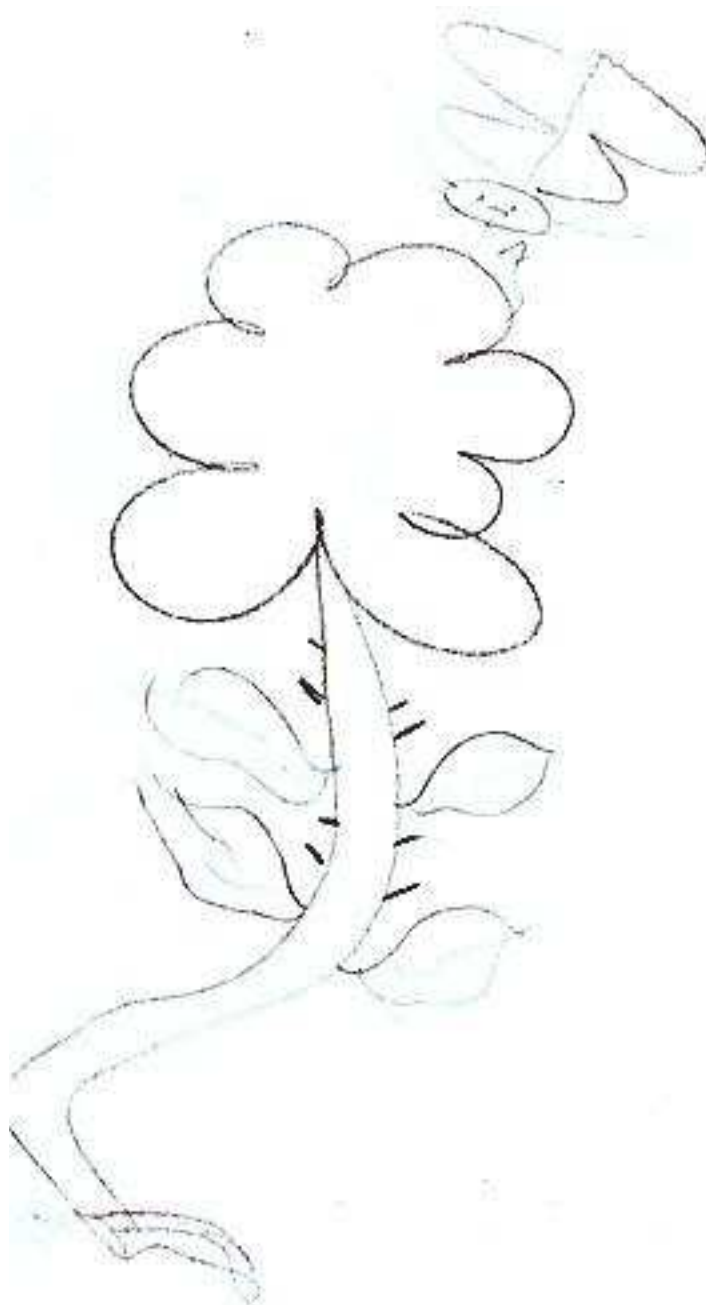


Figura 60- Flor, produzido por Miguel.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

A rosa, independente que sua cor seja branca, vermelha ou roxa, enfeita muito bem nosso jardim. Seja como a borboleta ou o beija-flor, veja somente a flor, veja os espinhos como obstáculos que foram superado (Texto produzido por Miguel, 2015).

Este fragmento pode significar para Miguel, os obstáculos que já enfrentou na vida, mas que diante deles prefere enxergar o que de bom já aconteceu-lhe e assim ele aconselha o leitor(a), seja como a borboleta ou o beija-flor, veja somente a flor.

Mas se Miguel não gosta de escrever como produziu elementos poéticos tão profundos? Talvez ele nunca tenha se sentido despertado para tais práticas antes. E consideremos que, “quando a gente compra um blusão, o importante é que os bolsos sejam do formato certo” (PENNAC, 1993, p.119). Quem sabe Miguel nunca tenha encontrado um espaço certo para exercer sua escrita. Pareceu-nos que o fato dele ter se sentido muito sensibilizado com o ambiente, ajudou que acomodasse suas mãos nos bolsos- que encontrasse aconchego e inspiração para escrever.

Muitas vezes, as práticas textuais podem ser vistas como tijolos de tão pesadas para leitores/escritores, mas nada impede que o tijolo se transforme em nuvem. Além disso, não se força uma curiosidade, desperta-se (PENNAC, 1993). Quem sabe a curiosidade poética de Miguel tenha se despertado?

Seguiremos agora com as produções de Bela, que apresentou predominância escrita:

O que escrevo? Escrevo simplesmente escrevo... Escrevo os trabalhos, as atividades, onde procuro envolver os sentimentos, seja eles de entusiasmo e alegria ou até mesmo minhas indignações, minhas preocupações, minhas raivas... Enfim, meu sentimento no momento. Porque escrevo? Para expulsar os sentimentos de dentro de mim... para felicitar as pessoas, para satisfazer os educadores, colocando minha opinião. Na comunidade procuro apenas conversar, pois se apenas escrever ninguém “talvez” poderei alcançar. Como escrevo? Escrevo com a alma, colocando emoção e ação para causar impacto no leitor e provocar também a indignação e sentimento do mesmo (texto produzido por Bela, 2015).

Podemos perceber que Bela utiliza a escrita sempre considerando o seu “eu” e como se sente em relação às situações que escreve. Mesmo percebendo o valor da escrita, ela expressa a importância da oralidade- em sua comunidade se comunica por meio da fala- isso nos faz pensar na presença do analfabetismo e/ou da dificuldade de acesso de muitas pessoas às produções textuais. Em outro momento escreveu:

A LICENA é arte...
A LICENA tem cor...
A LICENA liberta...
A LICENA transmite amor!

A LICENA escreve...
A LICENA lê...
A LICENA é direta...
A LICENA vive do amor!

A LICENA tá no Sul e no Norte...
A LICENA é paz e amor...
A LICENA sorri e chora,
A LICENA é um turbilhão de amor
(Texto produzido por Bela, 2015).

Percebemos mais uma vez como Bela se expressa romanticamente e como ela percebe a LICENA como um espaço de respeito, libertação e diversidades. Ela entende o escrever também como ato de amor:



Figura 61- Escrever por amor, produzido por Bela.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Escrever por gosto, melhor forma de se escrever. As palavras surgem com facilidade, são de coração. Escrever sem se importar com a letra ou em errar. Tudo que tem sentimento tem uma beleza incondicional. Escrever por prazer, observar e escrever. Sentir as energias que o espaço lhe oferece. Envolver sentimentos bons, amor, carinho, solidariedade. Deixar que a vida lhe mostre as vibrações do dia-a-dia (Texto produzido por Bela, 2015).

Ler este texto me fez pensar que Bela levou a sério o que falamos na primeira oficina, escrevam sem se importarem com a letra, sem se importarem em errar. Ela mencionou observar, escrever e sentir as energias do ambiente. Suas expressões se relacionam com o modo como sempre a percebi nas oficinas, atenta, observadora e sensível aos acontecimentos dos encontros.

Vou chamar de Lúcia a educanda que produziu os próximos textos, essa foi a segunda oficina que participou e contou-nos que sempre gostou de escrever.

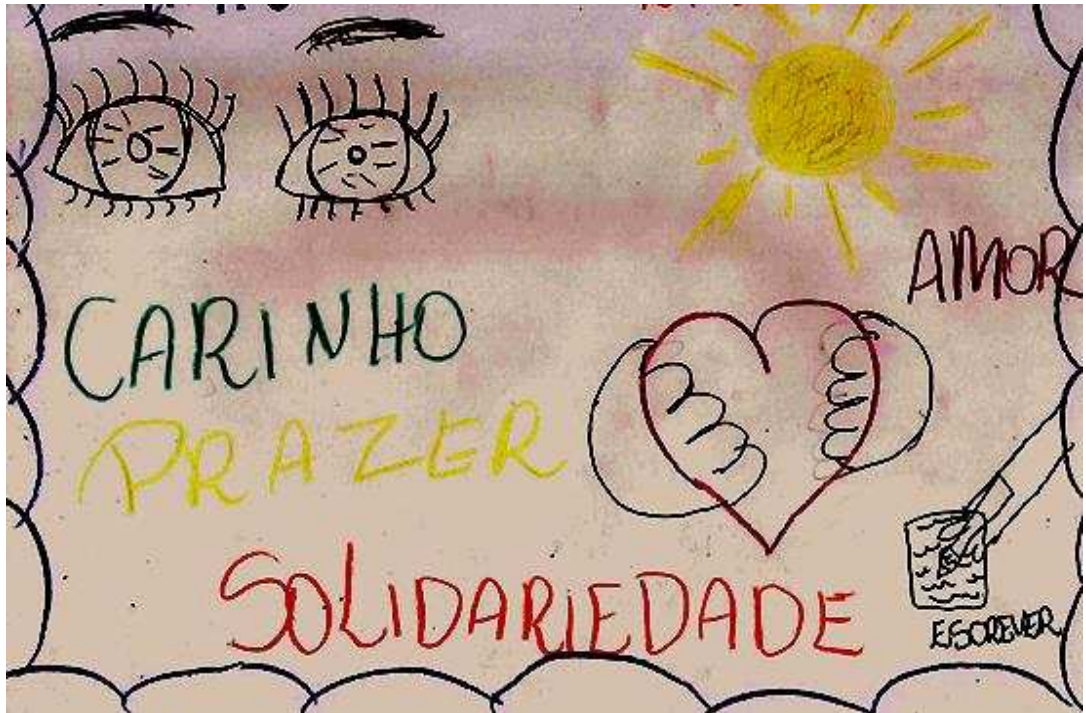


Figura 62- Escrevendo, produzido por Lúcia.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Escrevo para exprimir os meus sentimentos, pois não sou muito boa para expressar em público o que sinto, tenho vergonha e medo do que os outros possam pensar de mim. Ao escrever, sinto-me livre para dizer aquilo que penso, me sinto segura, direta nas palavras. Ultimamente estou escrevendo mais sobre textos académicos, mas faço sempre meus relatos das reuniões que participo e também no meu caderno de aprendizagem da LICENA. Mas, há algum tempo atrás adorava escrever versos de amor e tinha um caderno, onde escrevia tudo que se passava em meu coração, e isso era muito bom, pois me sentia bem mais leve. Escrevo com sentimentos, não sou muito boa com desenhos, mas amo arte, acho a forma mais bela de se expressar um sentimento, adoro cores (Texto produzido por Lúcia, 2015).

Lúcia parece ter representado seu olhar sobre o que pensa em relação ao escrever assim como mencionou acima- Há em seu desenho a predominância de sentimentos- talvez ela tenha lembrado de quando escrevia tudo que se passava em seu coração.



Figura 63- Amor à arte, produzido por Lúcia.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Nesta produção, Lúcia ilustra o seu gosto pelas cores, mencionado no texto escrito. Representou também o caderno de aprendizagem da LICENA, onde ela relata suas aprendizagens- na socialização a educanda disse que colaria nele um poema que ganhou no início da oficina textual (distribui poemas no início para estimular a leitura prosseguida de escrita). A ilustração na parte superior direita indica a forma como Lúcia se sente quando escreve: livre, segura, direta.

Seguiremos com as produções de Lucas:

Escrevo porque gosto de escrever. Escrevo porque expresso meus sentimentos através da escrita quando não consigo falar. A escrita é minha aliada quando preciso expressar tudo aquilo que sinto. Escrevo com letras feias, escrevo com letras bonitas. Escrevo certo e muitas vezes errado. Escrevo a realidade quando for necessário, escrevo histórias quando as acho interessantes e quero passa-las para frente. Escrevo sobre fatos que são importantes, escrevo brincando, pois só assim a vida vai andando. Escrevo também algo que requer maior responsabilidade, sou da minha comunidade um secretário e devo ter cuidado para registrar sem causar impactos negativos, pois eu mesmo prestarei contas depois (Texto produzido por Lucas, 2015).

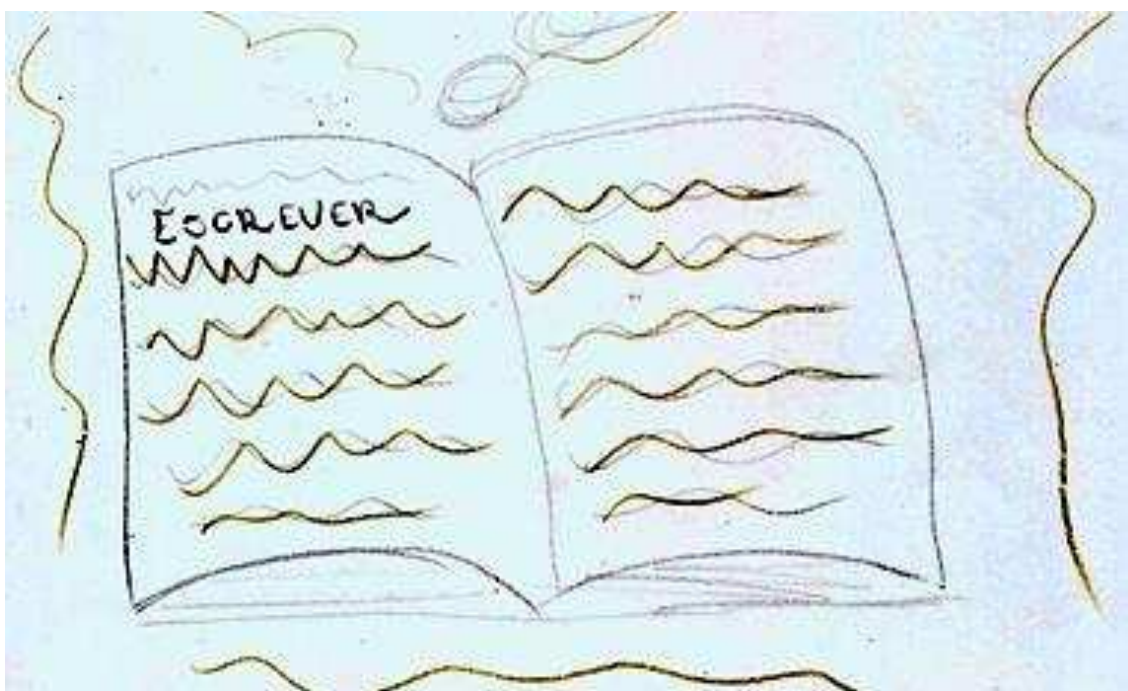


Figura 64- caderno, produzido por Lucas.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Lucas também retrata a escrita como forma de se comunicar quando não consegue se expressar oralmente e como forma de informar as outras pessoas sobre alguma coisa. Ele destacou também a escrita responsável, pensando em sua função enquanto secretário de sua comunidade.

O desenho abaixo nos mostra como Lucas também escreveu brincando:

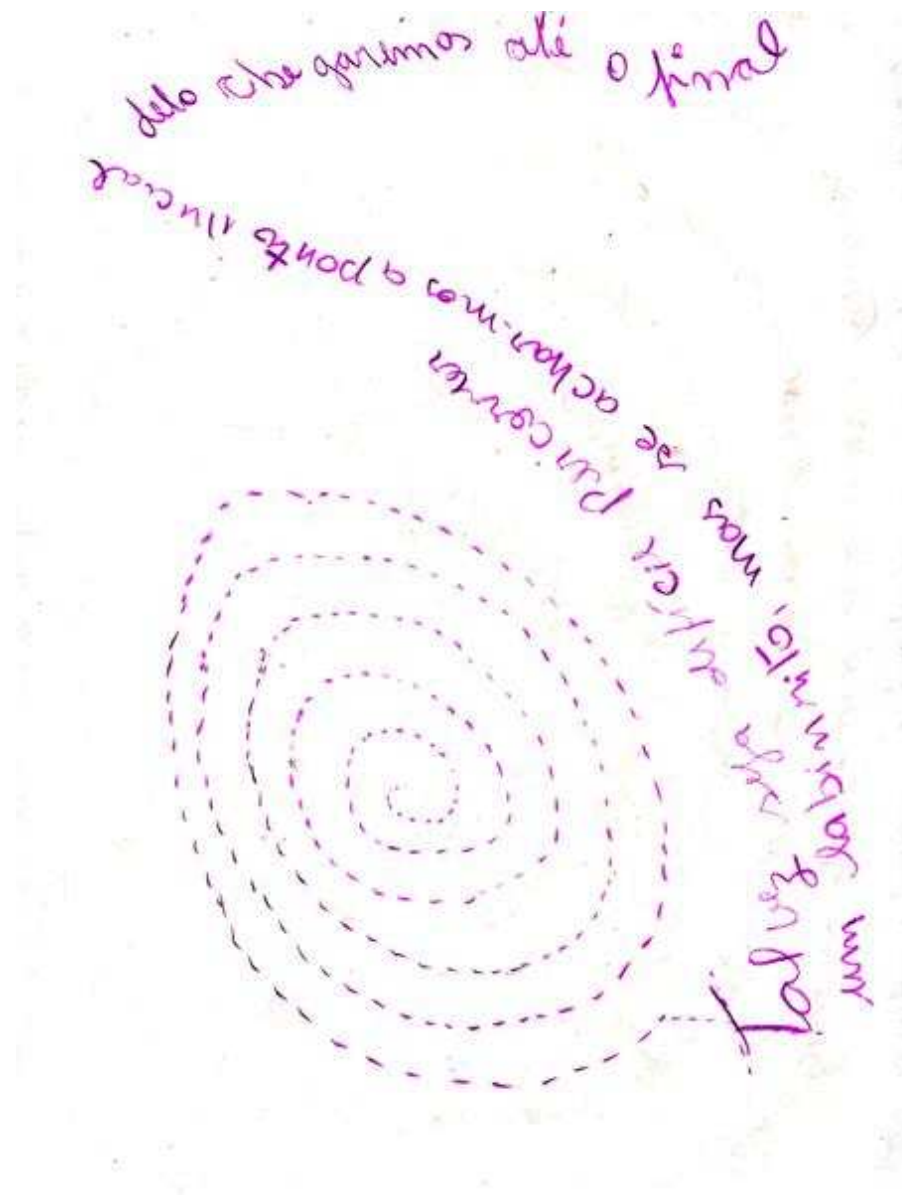


Figura 65- Labirinto, produzido por Lucas.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Impossível ler essa produção e não lembrar o que Skliar (2014) descreveu sobre “labirintos”. Segundo ele, o labirinto é a experiência da dúvida que o mundo nos coloca, todas as vidas se movem entre labirintos. O labirinto das almas que sofrem, o labirinto da língua que escreve e não conclui jamais o poema, o labirinto das paixões que se desencadeiam para o vazio, o labirinto da voz que não acaba por expressar-se, o labirinto da memória que lembra e esquece ao mesmo tempo (SKLIAR, 2014) . Para

Lucas, precisamos achar o ponto inicial do labirinto, mas existe mesmo esse ponto de início?

Ele criou esta produção após ler o texto de Bia, acredito que tenha se sentido inspirado pela sua forma:

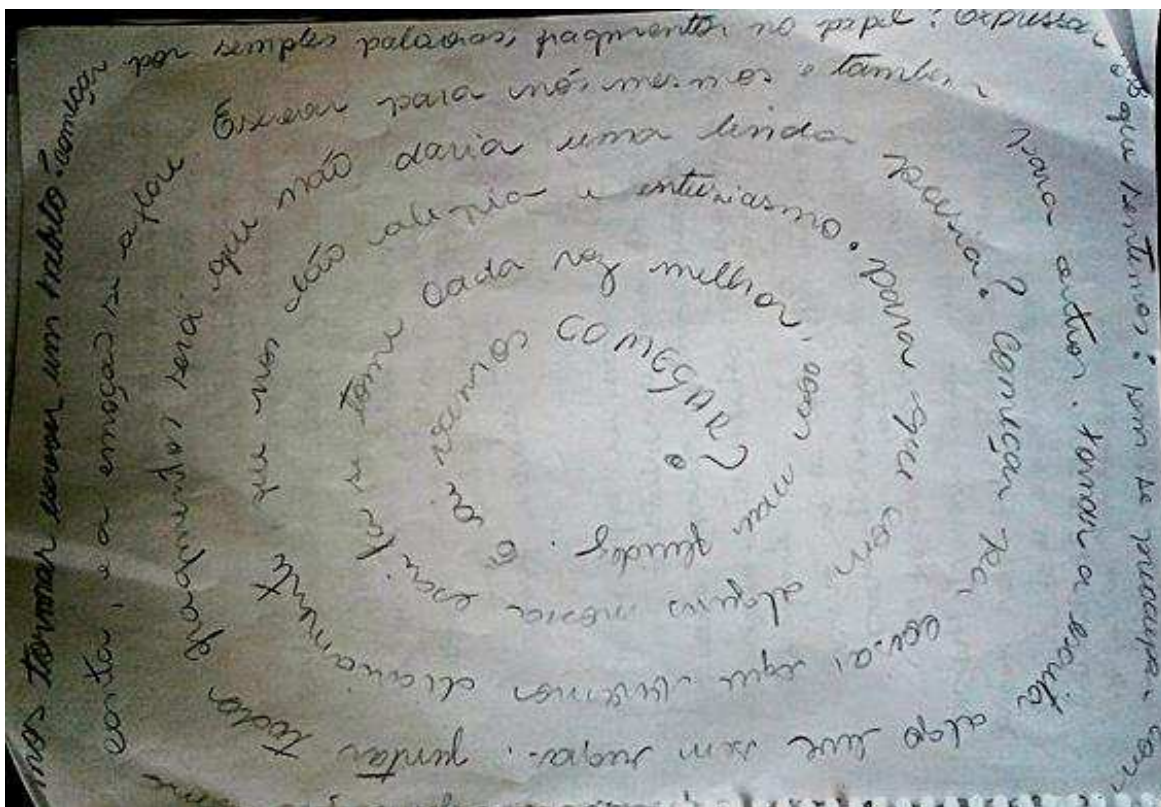


Figura 66- Vamos Começar? produzido por Bia.

Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Destacamos abaixo a escrita desta produção:

Vamos tornar escrever um hábito? Começando por simples palavras, fragmentos no papel? Expressar o que sentimos? Sem se preocupar com o resultado, deixando que a imaginação tome conta e a emoção se aflore. Escrever pra nós mesmos e também para os outros, tornando a escrita algo leve e sem regras. Juntar todos os fragmentos, será que não daria uma linda poesia? Começando por coisas que vivemos diariamente, que nos dão alegria e entusiasmo. Assim nossa escrita se tornará cada vez melhor, com mais fluidez... E aí, vamos começar? (Texto produzido por Bia, 2015).

Percebemo-la como um incentivo para que outras pessoas comecem a praticar o hábito de escrever. Mais uma vez, há o destaque da escrita livre sem se prender aos erros e regras- fato este que nos faz pensar que tal enunciado no nosso primeiro

encontro, fez com que os educandos(as) escrevessem com maior segurança, sem se sentirem pressionados a acertarem.

As produções de Bia também foram de predominância escrita:

Ainda não possuo o hábito de escrever, escrevo coisas mais relacionadas á questões de trabalho e estudos e essa escrita é algo que deve seguir padrões, modelos, algo que muitas vezes não tem muito há ver comigo, mas tem escritas que tem muita relação como o meu modo de ser, aquelas que escrevo com entusiasmo e com prazer (Texto produzido por Bia, 2015).

Percebemos neste enunciado a escrita que pode fugir da realidade dos educandos(as), atendendo apenas aos padrões impostos pela escolarização/”trabalho”.

Como pode Bia escrever com prazer se poucas vezes experimenta a escrita livre? Na socialização, a educanda destacou que através de sua participação nas oficinas passou a levar suas aprendizagens de escritas para seu ambiente de trabalho, usando poemas nas reuniões que participa e contando sobre suas experiências.

A troca coletiva dos textos foi como cooperação entre o grupo, haja vista que os próprios(as) participantes descreveram positivamente essa dinâmica. Segundo eles/elas o fato de ler o texto do outro(a) fazia com que se sentissem mais calmos(as) e com maior segurança para escrever. Além disso, perceberam que as dificuldades de uma pessoa pode ser a mesma de outra.

Neste sentido, identificamos mais uma vez o empoderamento dos/das protagonistas, o que fez surgir poemas visuais, desenhos artísticos e escritas afetuosas. O ato de escrever apareceu prioritariamente como “libertação” das opressões, como comunicação e maneira de expressar sentimentos. De tal modo, somos oprimidos até mesmo quando somos levados a escrever apenas com o rigor científico, desconsiderando-se nossas vontades e experiências.

4.2.5- O Jazz morreu

Que a arte nos aponte uma resposta,
mesmo que ela não saiba
e que ninguém a tente complicar,
porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer.

Oswaldo Montenegro

Aconteceu no dia 02 de dezembro de 2015 a última oficina pedagógica textual, contou com a participação de cinco estudantes, Lucas, Antônio, João, Luara e

Alessandra (todos (as) da turma de 2015) em sala de aula do PVB- UFV. Este foi um dia diferente, não organizamos a sala esteticamente. Os objetivos específicos desta foram incentivar a escrita descritiva e demonstrar a arte como dinâmica facilitadora da escrita.

A única coisa que havia na sala era um pequeno círculo de cadeiras, um caderno de poemas no centro e no quadro a escrita de alguns versos. Havia no grupo três pessoas que participaram de outros encontros e foi visível a expressão de surpresa ao encontrarem a sala vazia.

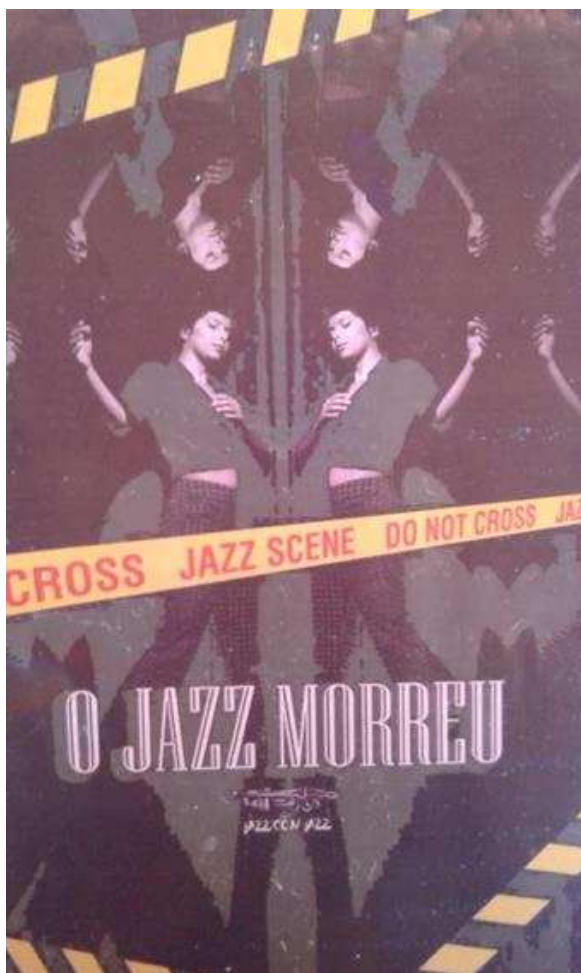
Recitei para iniciar o encontro:

*Eu sou como este nada, sinto que nada sou.
Sou MINADA nesta sociedade cruel,
que nos debulha e coloca a ganância e o lucro à cima de
tudo.
Sinto que sou NADA todas as vezes que penso
as inúmeras pessoas que neste momento passam fome,
sede e desesperadamente: MORREM, uma morte injusta...
Me sinto NADA, enquanto eu gostaria de mudar tantas coisas!
Esse ser NADA me faz valorizar o ar que respiro,
a água que me mantém viva e aí sinto-me “egoísta”!
Eu estou sobrevivendo, mas e o outro?
Quantos morrem... Quantos choram?
Eu não sei o que fazer, minha garganta engole o choro.
O dinheiro manda em tudo. E o povo minha gente?
Sei que a vida NADA VALE,
mas não é justo o capital, matar sangue inocente.*

Este poema foi uma forma de relacionar o nada da sala com a sensação de ser nada na sociedade, foi também uma forma de manifestação diante da tragédia do rompimento de barragens acontecida em Mariana- Minas Gerais.

Pedimos que cada um falasse dos seus motivos de estarem ali; naquele momento os/as que já haviam participado citaram a organização da sala, dizendo estarem curiosos para entenderem o porquê da inexistência da estética.

A oficina não seria ali naquela sala, seguimos para o Espaço Fernando Sabino- Centro de Vivência da UFV, para assistirmos “O Jazz Morreu”- VII Mostra JazzcomJazz(espetáculo de dança). Solicitamos que os participantes escrevessem em outro momento um texto descritivo sobre o evento, contando suas sensações e emoções acerca do assistido e encaminhássem por email.



Fotografia 14: O Jazz morreu, espetáculo ocorrido em dezembro de 2015 na UFV. Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Apenas um participante (Antônio) não encaminhou-nos seu texto escrito, ainda assim contou-me sobre seu sentimento de encantamento ao assistir o espetáculo. Percebemos nos textos recebidos sentimento de gratidão, alegria e emoção, reafirmando o poder da arte e as sensações que ela pode provocar nos indivíduos.

A vida é cheia de surpresa. E eu que pensei que nesse dia iria somente declarar sobre aquele papel o meu amor pela vida, ou relatar uma triste

história de dor, onde não sei por qual motivo começou. Me surpreendi no instante que foi proposto nossa mudança de local, de início me assustei por não saber de que se tratava a apresentação. Os minutos foram se passando e eu me sentindo como se fizesse parte daquele espetáculo. Meus olhos brilhavam e meu coração agora estava invadido por um sentimento indescritível. Na verdade, foi tão bom que acho que até foi um sonho. Obrigada por me proporcionar isso, depois de um dia inteiro de solidão (Texto produzido por Alessandra, 2015).

Alessandra acreditou que sua presença na oficina a levaria a escrever sobre seus sentimentos. Talvez porque outras pessoas já haviam contado sobre os encontros passados, pois foi a sua primeira participação. Ela descreve sua surpresa e sua gratidão, além de demonstrar entrega ao que estava acontecendo, o que ficou evidente com seu enunciado, “e eu me sentindo como se fizesse parte daquele espetáculo”. Assim, a arte deslocou-a de seu lugar, ativando suas emoções. “Obrigada por me proporcionar isso, depois de um dia inteiro de solidão”, essa expressão nos faz entender a arte como preenchimento do vazio humano, aquilo que pode despertar os mais intensos sentimentos.

Luara relatou sobre o seu fascínio pela dança:

Adorei o espetáculo, sempre fui apaixonada por dança. A dança me fascina, a dança me ilumina. Mostra o que está dentro de mim e o que está dentro de você. Em cada passo que se dá tem a magia dos seres mais sensíveis, que através da expressão corporal emitem tanta emoção que os meus olhos se transbordam de lágrimas. Eu quero registrar na memória cada passo, cada expressão, cada som entoado dos movimentos e ecoado naquele espaço, que será para sempre guardado e lembrado como um momento mágico (Texto produzido por Luara, 2015).

Percebemos a atração da estudante pela dança, valorizando-se seus movimentos e capacidade de emocionar. Ela parece ter sido muito afetada pelo espetáculo, tanto é, que em outro momento entregou-me a gravação feita no seu celular. “Eu quero registrar na memória cada passo, cada expressão”, talvez isso tenha a levado gravar o momento. Surpreendi-me com aquele presente, ela estava me dando a filmagem do Jazz e junto a ela a demonstração de como tinha sido afetada pelas danças que assistiu.

Ler o texto de Luara me fez lembrar sobre a frase de movimento que encontrei em Pronsato (2014), me permitindo entender que, assim como em textos escritos a dança também possui frases. Estas podem ser utilizadas de diversas maneiras e por variados corpos, para expressar as intenções daqueles que a executam. Assim, as frases serão compostas por movimentos-gestos (PRONSATO, 2014). Mas estas frases

desaparecem... “nada é permanente na dança, pois construção e desconstrução ocorrem quase que simultaneamente” (p, 45). Antes de desaparecerem, as frases dos movimentos afetaram Luara e ela as registrou em gravação, o que a permitiria reler- o que não quer dizer que faria a mesma leitura e causaria o mesmo prazer.

A sala sem qualquer indício de estética e diferente de todas as outras oficinas, fez com que Lucas relatasse tal fato:

Na oficina do último tempo escola do mês de dezembro, ao chegar na sala notei que estava diferente das outras vezes. Não havia a música de fundo e a sala não estava ornamentada como das outras vezes. Foi quando nos perguntaram por que achávamos que a sala estava diferente e aí explicaram que não tínhamos a oficina local, mas que seríamos conduzidos até o centro de vivência para assistirmos uma apresentação de dança. Foi muito legal, aquelas pessoas dançando com muita agilidade, gostei muito e achei tudo interessante. Pude perceber que as danças ali apresentadas transmitiram mensagens para os ali presentes. Quando saímos caía uma chuva muito forte e tive que ir me molhando até o hotel, mas valeu pelo aprendizado (Texto produzido por Lucas, 2015).

Lucas sempre se mostrou interessado pela estética nas outras duas oficinas textuais que participou. Escrevia e contava para outras pessoas o que havia vivido nas mesmas e me falou sobre a importância que enxergava nas atividades relacionadas às práticas textuais. Uma educadora chegou a contar-me que ele escrevera certa vez, em seu caderno de aprendizagem²⁴, em como as oficinas textuais estavam auxiliando-o no incentivo a escrita.

Além de Lucas, João também relatou sobre as oficinas e pelo seu texto, percebemos que outras pessoas contavam-lhe sobre os encontros. Foi a primeira vez que João participou, por curiosidade para saber o que de fato acontecia:

Participar da oficina foi uma experiência muito boa, se não inexplicável. Ouvi falar tanto e quão era bom que enfim participei, e ainda que pouco interagisse me senti envolvido pela forma em que se foi trabalhado num primeiro momento. À partir de relatos de colegas que participaram da oficina, me motivei a participar inicialmente por curiosidade. Palavras de um colega: “nossa a oficina hoje foi muito boa, no início foi colocado uma música nos deitamos no chão , e de repente viajei naquele momento como se estivesse sonhando, foi muito bom”. Esse relato me motivou ainda mais a participar. Eu busco desenvolver algumas habilidades, como me expressar, escrever melhor, me apresentar melhor. Não sei se esse é o objetivo da oficina, mas a

²⁴ Caderno em que os/as estudantes descrevem suas aprendizagens mais significativas, em que os educadores(as) também têm acesso.

forma que foi trabalhada foi muito interessante. Foi muito lindo e emocionante o espetáculo que nós acompanhamos. O JAZZ MORREU, na verdade pra mim foi um presente toda aquela apresentação, ver todas aquelas coreografias, aquela dança, foi muito mais que um simples espetáculo, é Arte é Cultura. Arte e cultura, uma coisa tão importante que a meu ver é tão pouco valorizado em nossa sociedade, mas vivo na esperança de que um dia isso há de mudar, pois não pode apenas ser visto como espetáculo, arte e cultura representam muito mais. Talvez a forma em que um povo se identifica ou até mesmo a forma dele se relacionar em sociedade. Pensei em descrever a emoção que senti quando assisti a aquele espetáculo, mas não consegui traduzi-la em palavras, então resolvi escrever sobre minha expectativa em participar da oficina. Mais uma vez, obrigado por ter nos presenteado com aquele magnífico espetáculo (Texto produzido por João, 2015).

Assim, João nos revela quais foram as suas expectativas ao escolher participar da última oficina textual. Ele se mostra em busca de instrumentos que o auxiliem em maior desenvoltura no campo das linguagens e entendeu o encontro como possível oportunidade para isso. O educando valoriza a arte e a cultura, como forma de um povo se relacionar em sociedade- percebendo a arte como algo que vai além do estético e do espetáculo- como expressão da vida de um povo.

Percebemos que em todos os textos foram abordados a importância da arte, a forma como ela pode afetar a condição humana. De tal modo, Silva (2006, p. 79) descreve que,

lançando mão da música, do teatro, da expressão corporal, das de relaxamento, meditação, massagem, da colagem, da mistur(ação) de sons, imagens e textos, promovemos a participação e motivamos para a (re)leitura e a (re)criação da realidade social na qual atuamos.

Portanto, durante as oficinas artístico-pedagógicas os/as participantes recriaram outras possibilidades de existirem - puderam fazer de seus pensamentos, obras de arte.

4.3-Cartazes artísticos e oficinas artístico pedagógicas: quais traços os unem?

Como já descrevemos, os cartazes artísticos foram produzidos no contexto da matrícula da turma de 2015 Semeando Saberes da LICENA. Foram estes, os primeiros textos produzidos pelos(as) estudantes enquanto universitários. As oficinas, por sua vez, aconteceram para auxiliar na insegurança que os/as educandos(as) demonstravam ter de escrever, ancorando-se nos pressupostos artísticos.

Podemos destacar que ambos contextos estiveram diretamente ligados à racionalidade estético-expressiva, abordada por Boaventura. Tratam-se de textos

artísticos que levaram em consideração o prazer e a singularidade, o criar livremente e as próprias inspirações e expressões. Não se tratou de técnicas científicas e sim de humanidades, no sentido mais amplo e complexo da palavra.

Nas duas circunstâncias estéticas, nos deparamos com o campo como o lugar da vida e de pessoas que sonham e que lutam pelos seus direitos enquanto camponeses(as). Lutam pela humanização das condições de existência nos processos de formação do ser humano (SILVA, 2006) e pelo reconhecimento enquanto suas origens.

Encontramos também um campo singelo, querendo se afirmar enquanto lugar que as pessoas possam viver, desenvolver suas habilidades, sem se sentirem diminuídas e desvalorizadas. Espaço onde acontece práticas de sustentabilidades que priorizam o respeito à natureza e aos seres humanos, por exemplo, o contato com a agroecologia e a agricultura familiar. Um campo que também resiste, diante à opressão e às imposições da sociedade- um campo de gente que quer ser livre e sonhadora.

O papel da família ficou muito evidente nas produções, demonstrando a importância dos laços familiares na construção dos sujeitos, na busca e realização dos sonhos, nas lutas pessoais e sociopolíticas. No que se refere ao ensino-aprendizagem, encontramos com a afirmação dos saberes que acontecem também em espaços não escolares. Os/as estudantes representaram o respeito aos saberes populares e ao contexto cultural (FREIRE, 1992) sabendo que nem sempre isso vem a acontecer.

Nos deparamos com produções afirmando a LICENA como libertação das opressões, como espaço de existir com o campo e de se reafirmarem enquanto camponeses e camponesas. De tal modo, estar no curso para muitos(as) estudantes é forma de romper com os direitos negados, por exemplo no que se refere à ausência de escolas do campo, como acompanhamos em alguns textos.

Diante de tudo isso, me parece tão recente os pensamentos Freire (1992), ao descrever que tinha na memória, bem vivos, retalhos de discursos de camponeses, expressões de muitos desejos de melhoras, de um mundo mais bonito ou menos feio, um mundo em que se pudesse amar.

As produções revelaram-se artísticas- pinturas, desenhos e poemas nos permitiram compreendê-las enquanto poesia, manifestada pela linguagem poética. Existiu sensibilidade, estética e criatividade, além disso, foi perceptível a liberdade que os/as estudantes sentiram para produzirem seus cartazes e enquanto participantes nas oficinas pedagógicas textuais.

Assim, acreditamos que nas atividades livres, podem surgir muitos elementos importantes para a construção de saberes. Eles são muitas vezes impedidos de existirem, porque a formalidade excessiva nos espaços educacionais os oprime. As práticas textuais também podem ser opressoras, mas diferente disso, os dois espaços foram como espécie de libertação das expressões...

-Realmente, eu sou camponesa!

Cursar Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa, compreender novas linguagens e permanecer durante a semana na cidade não foi o suficiente para que eu esquecesse minhas origens e minha condição de camponesa. Foi quando eu percebi que eu gostaria de estar de novo no meu lugar, mas a vida segue seus passos.

Foi então que durante dois anos de Mestrado eu me resínifiquei enquanto camponesa, a minha convivência com a LICENA e especialmente com Willer, afetaram o meu modo de ver o campo. Tantos anos depois e eu pude me sentir em um lugar que “era meu”, eu sou uma camponesa e além de pesquisar eu vivi encontros e participei de momentos direcionados aos sujeitos desse meio.

Eu estava ali, “de igual para igual”, sem preconceitos, sem ter que esconder minhas marcas. Pelo contrário, eu relatei a minha história sem qualquer incômodo, eu me mostrei do campo e pela primeira vez em um espaço de ensino, minhas origens foram consideradas. Eu li tantas poesias, fiz tantos poemas e a minha voz não estava emudecida. Sinto meu coração vibrar ao escrever essas linhas, um sentimento de gratidão toma conta das minhas mãos e do meu coração. Dois anos me afetaram mais do que uma trajetória inteira de estudos no Ensino Básico, foi como “um acerto de contas” com tudo que eu não tive a oportunidade de ser e fazer enquanto estudante no passado.

Não matem a poesia que existe em mim, eu preciso dela para me recompor todos os dias. Se eu escondê-la e/ou por acaso “matá-la” seria também a minha própria morte.



Figura 67- natureza, produzido por Pedro.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

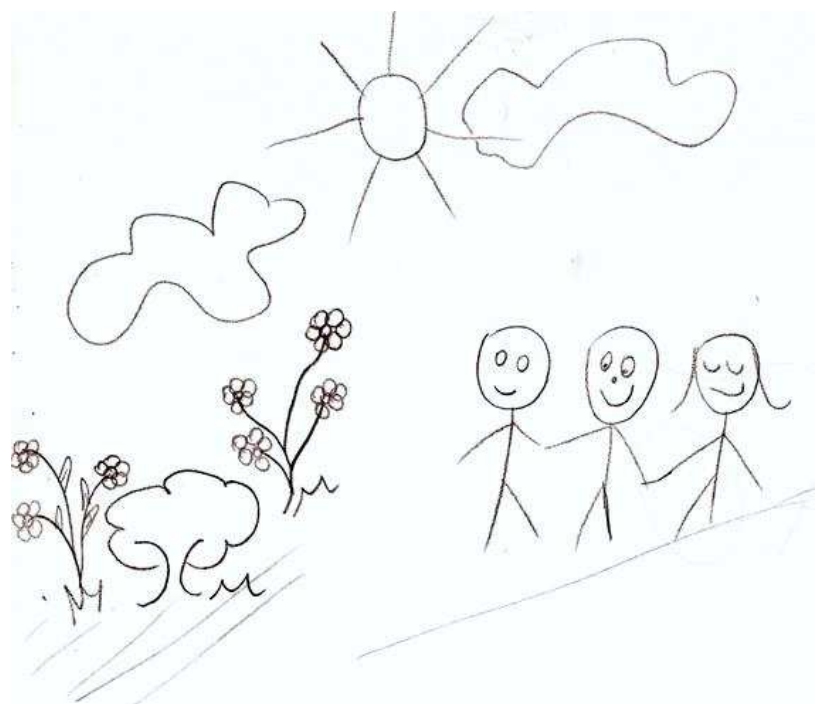
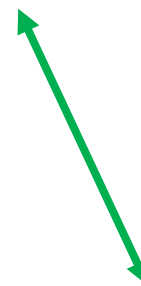


Figura 68- Seres que se unem, produção sem autoria.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

IN-CONCLUSÕES DE UMA POÉTICA!

Às vezes o que parece um descaminho na verdade é um caminho inaparente que conduz a outro caminho melhor.

Caio Fernando Abreu (2016)

Nunca chegaremos ao final, principalmente em se tratando do existir humano, de sua sensibilidade artística e da poética que os envolve. Não temos conclusões precisas - cientes de nossa pequenez - o que temos, são leituras realizadas por olhares educativos, poéticos e filosóficos.

Essa pesquisa foi direcionada à apropriação artístico-textual dos/das estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LICENA-UFV), levando em consideração a arte, a literatura e a poética. Buscamos analisar os possíveis sentidos produzidos principalmente pelos educandos(as) da turma Semeando Saberes da LICENA, no contexto da matrícula na UFV e das oficinas artístico-pedagógicas. Analisamos por meio dos textos a concepção de campo produzida pelos educandos(as); descrevemos a ação das oficinas artístico-pedagógicas; identificamos a presença de poesia nos textos acompanhados e buscamos relações entre os materiais das oficinas e os cartazes produzidos na chegada dos educandos(as) na LICENA.

Acreditamos que essa dissertação nos colocou o tempo todo como leitor e leitora de textos, o que nos transformou e nos reinventou diante dos mundos existentes nas produções textuais. Leitor e leitora que pensam acima de tudo a condição humana com todas as suas belezas, caos e contradições. Leitor e leitora com olhares artísticos e que perceberam nos textos dos/das estudantes suas limitações e potencialidades de ser gente em movimento.

Observamos que além da arte e da poética, existem identidades, sonhos, lutas, desafios, desejos e concepções de campo nas produções textuais. Existem histórias de pessoas, marcas que tocam também a nós leitores e leitoras. As figuras e as palavras lidas nos colocaram em contato com a sensibilidade alheia, aflorando-se o nosso próprio mundo sensível.

Consideramos imprescindível o contato com a racionalidade estético-expressiva no que se refere às relações sociais e ao contexto educacional. Ela permitiu que os/as estudantes manifestassem-se esteticamente, demonstrando seus pensamentos e saberes de forma prazerosa em busca da própria emancipação. Deste modo, presenciamos muitas vezes a manifestação da racionalidade estético-expressiva nos espaços

acompanhados com a LICENA e principalmente nos elementos artísticos textuais dessa pesquisa.

Podemos expressar a linguagem poética em vários contextos da existência e nessa pesquisa, encontramos-la em letras de músicas, versos de poemas, palavras ditas por pessoas, danças que nos contagiaram, desenhos e pinturas que nos transformaram. Deste modo, encontramos também a poesia que diferentemente da linguagem poética, nem sempre é revelada ao mundo exterior, mas que é subjetiva e abstrata algumas vezes.

Destaco ainda que em relação ao estado prosaico e poético mencionado por Morin, essa pesquisa buscou aproximá-los, sem vivê-los de forma separada. Tanto é que, as atividades práticas foram envolvidas por linguagens poéticas, filosóficas e artísticas, permitindo à todos(as) experimentações e aproximações ao mundo da poesia.

No que se refere aos afetos e amorosidades, fomos levados a refletirmos sobre a forma que buscamos amar o outro(a) em sua condição de ser outro(a), outros e outras em construção. Observei, vivenciei e experimentei a relação educadora-educandos(as) (no estágio em ensino) e a forma como eram conduzidas as aulas. Percebi que o diálogo e o respeito ao outro(a) se faziam sempre presente, o que tornava o ambiente mais formidável para a aprendizagem. Isso reafirma a importância dos afetos também no contexto educacional, potencializando a dinâmica pedagógica de ensino-aprendizagem.

Pensando as oficinas textuais que ocorreram em forma de instalações artístico-pedagógicas, podemos compreender que o potencial de uma instalação está relacionado a uma outra metodologia de troca de saberes. A ambiência das oficinas textuais permitiram que as pessoas compreendessem e trocassem conhecimentos a partir da estética. O olhar, sentir, tocar e fazer foram experiências que provocaram o diálogo, o que talvez não atingisse nossos objetivos, caso optássemos por técnicas tradicionais. Assim, o formato das oficinas textuais ressignificou a maneira de entendermos a produção de textos e nossa própria postura enquanto educador e educadora, além de despertar os envolvidos(as) para a sensibilidade.

Considerando o caráter desta pesquisa, além de ler textos, nos deparamos com o empoderamento textual e artístico de estudantes da LICENA; com um campo que também produz arte, poesia e que existe, em junção com as lutas, como lugar de sonhar, de viver e de ser também artista.

Preciso expressar que me misturei completamente aos textos, relacionando-os à minha história de vida no campo. Tudo que vivi nesta pesquisa afetou profundamente meus olhares, minha postura educativa em formação e minha condição de camponesa. Assim, como as produções revelaram para os/as estudantes a LICENA como empoderamento pessoal e sócio político e resgate de seus direitos negados, essa pesquisa foi para mim.

As análises dos textos dos/das estudantes, partiram do nosso contato com a LICENA e da forma como olhamos a Educação do Campo, a arte e a poesia. Portanto, cada pessoa, ao ler esta dissertação e ao se deparar com as produções textuais, poderão refletir e entendê-las à sua maneira. Mas essa é a ideia: continuidade, complementaridade, contraditoriedade...

Continuemos - o que sei é que não imaginei esse caminho, ele simplesmente aconteceu, está acontecendo.

•••

*Conversei com uma pedra,
isso fez dela
algo bom para mim!*

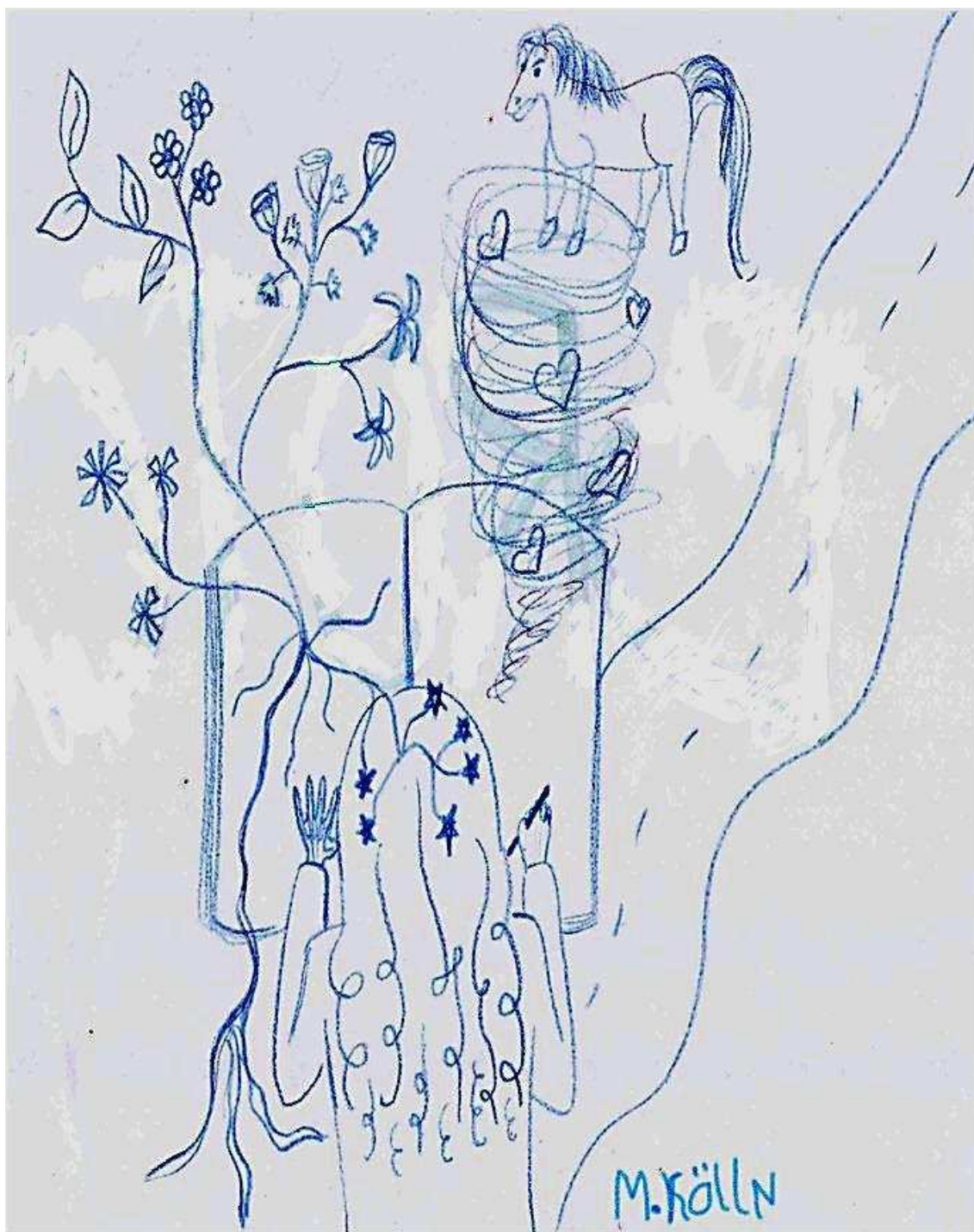


Figura 69- Menina que sonha e escreve, produzido por Manuelli Kölln.
Fonte: Jéssica de Freitas Lopes, 2015.

Este desenho foi produzido na primeira oficina artístico pedagógica, quando Manuelli, além de auxiliar na organização, produziu junto aos educandos(as) expressões gráficas e poéticas. Além do simbolismo afetivo, ele significa para mim, inspiração para continuar seguindo com minha teimosia poemática.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRAHÃO, M. H. B. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ABREU, Caio F. Disponível em: < <https://pensador.uol.com.br/frase/NTU1NTA5/>> acesso em 18 de dezembro de 2016.

ALENCAR, Maria Cristina Macedo. **Práticas sociais de letramento no acampamento Lourival da Costa Santana: representações e construção de identidades em discursos de adultos não alfabetizados**. 01/05/2012 175 f. Mestrado Acadêmico em lingüística aplicada. Instituição de ensino: universidade estadual de campinas, campinas.

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (org). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3.ed., Rio de Janeiro:DP, 2008.

AMARAI, Sonia Maria Pereira do. **Memórias, cotidianos e escritas às margens dos marajós: navegando entre saber e poder**. 01/05/2012 129 f. Mestrado Acadêmico em Comunicação, Linguagens e Cultura. Instituição de ensino: Universidade da Amazônia, Belém.

ANDRADE, Oswald de. **Pau-Brasil**. 5.ed. São Paulo: Globo, 2000.

ANGELINI, Rute de Carvalho. **Linguagem poética e educação sociocomunitária: uma resignificação da vida social do idoso**. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª edição, São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBALHO, Duarte de Magalhães. **O Colégio de Aplicação- CAP/ Coluni da Universidade Federal de Viçosa: Histórias de Sucesso (Memórias e Identidade)**. Dissertação de Mestrado, Juíz de Fora, 2008.

BARBOSA, Willer A. et al. **Programa Teia Trocando saberes e reinventando a universidade**. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Artigo-1.pdf> . acesso em 09 de maio de 2016.

BARBOSA, WILLER. In: ALVES, Luiz Claudio Ferreira [et.al]. **Troca de Saberes: flores das sombras da agroecologia**. Viçosa, MG. ed UFV, 2011.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. 3ª ed. Editora Record. Rio de Janeiro, 1996.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a segunda infância**. Editora Planeta do Brasil Ltda, São Paulo, 2006.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, John. **Modos de ver**. Edición inglesa de 1972.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Círculo de Cultura**. In: Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos: um estudo sobre as condições de produção de textos escolares. In: GERALDI, J.W. (org). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

CABRAL, Maria; KASTRUP, Virgínia. **Encontro que nos movem**: a leitura como experiência inventiva. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2006.

CALDART, Roseli Salette. **Sobre Educação do Campo**. Luziânia, Go. 2007.

_____. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salette et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

_____. **Sobre a especificidade da Educação do Campo e os desafios do momento atual**. Porto Alegre, julho. 2015.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio**: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade. Revista NERA- Ano 7, n.5- Agosto/Dezembro de 2004.

CARMO, Maristela Simões. **Agroecologia: novos caminhos para a agricultura familiar**. Revista Tecnologia e Inovação Agropecuária. Dezembro, 2008.

DALIA, Jaqueline de Moraes Thurler. **Formação integral na Educação do Campo**: o ensino de língua portuguesa no currículo integrado da Pedagogia da Alternância. 01/08/2011 107 f. Mestrado Acadêmico em Educação Agrícola. Instituição de ensino: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.

DUTRA, Elza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Estudos de Psicologia, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREINET, Célestin. **Método Natural I: a aprendizagem da língua**. Tradução: Franco de Sousa e Maria Antonieta Guerreiro. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1977.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do Bom Senso**. Tradução: J BAPTISTA. Martins Fontes: São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, ed.70, 2007.

KÖLLN, Manuelli. **Da semente à flor: emergências emancipatórias na Licenciatura em Educação do Campo da ufv**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Viçosa, (Tese de Mestrado) Minas Gerais, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: livros, Técnicas e Científicos, 1989.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 4ª ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

LOPES, Jéssica de Freitas; SOUZA, Thaís de Sousa. **O papel das multi-linguagens na fabricação de “verdades” na Licenciatura em Educação do Campo**. In: VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação: Mundos que se tecem entre "nosotros": o ato de educar em uma língua ainda por ser escrita, Rio de Janeiro, 2016.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. Disponível em https://pensador.uol.com.br/autor/vladimir_maiakovski acesso em 10 de dezembro de 2016.

MARI, César L.; COELHO, Edgar P.; SANTOS, Geraldo M. A.; SANTOS, Marcelo L.; CUNHA, Ana L. S.; BARBOSA, Willer A. **Práticas de Educação Popular na Universidade Federal de Viçosa**. Revista Unifreire, 2ª ed, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Documents/revista_unifreire_2.pdf> acesso em 01 de novembro de 2016.

MARX, Karl. **O capital**: Crítica da economia política. Livro 1, vol. I, 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MASCARENHAS, Thays Macedo. **As práticas de leitura e escrita nas escolas do campo**: uma experiência da fazenda escoval 01/09/2011 139 f. Mestrado Acadêmico em Crítica Cultural. Instituição de Ensino: Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. 3ª Reimpressão. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

MELO, Érica Ferreira. **Limites e possibilidades do Plano de Estudo na articulação Trabalho-Educação na Escola Família Agrícola Paulo Freire**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2013.

MELLO, Thiago de. **A canção do Amor Armado**. Rio de Janeiro. 1966.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.), DESLANDES, Suely Ferreira, GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOREIRA, Carlos Eduardo. **Emancipação**. In: Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MUNARIM, Antônio. **Movimento nacional de Educação do Campo**: uma trajetória em construção. 31ª Reunião da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). GT03 – Movimentos Sociais e Educação. Caxambu, MG, 2008.

_____. **Educação do campo no cenário das políticas públicas na primeira década do século 21**. Em Aberto, Brasília, v.24, n.85, p.51-63, abr. 2011.

NETO, Francisco de Assis. **O direito de aprender literatura**: estudos sobre o letramento literário envolvendo uma escola de assentamento rural no Norte do Tocantins. 01/03/2012. 214 f. Mestrado Acadêmico em Letras: Ensino de Língua e Literatura. Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, Antônio (Org.) Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Boaventura & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, I.S; LIMA, M. J. T; LIMA, C. M. T; ALELUIA, J. M.. Construção do conhecimento científico dos professores pertencentes ao campo sergipano: uma experiência de licenciatura inovadora In. MOLINA, M.S. (Org.) **Educação do Campo e pesquisa II**. Brasília: MDA/MEC, 2010.

PACHECO, Luci M. D. **Camponês**. In: Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PIO, Jucelia Marize. **Apropriação da escrita no curso de formação de professores de ciência para a Educação do Campo**. 01/07/2011 106 f. Mestrado Acadêmico em Educação. Instituição de ensino: Universidade Federal de Minas Gerais , Belo Horizonte.

PRONSATO, Laura. **Composição coreográfica: sensibilização, experimentação e transfiguração poética**. Guarapuava: UAB, Unicentro, 2014.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução de Ana Maria Rabaça e Luis Filipe Silva Teixeira. 70 ed, Lisboa-Portugal, 1958.

ROCHA, Eliene N.; PASSOS, Joana C.; CARVALHO, Raquel A. **Educação do Campo: Um olhar panorâmico**, S.D.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.) **Democratizar a democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. V. 1. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e Discursos de Estocolmo**. Ed.ufpa. Universidade Federal do Pará, 1998.

SILVA, Genivânia Maria. **As transformações no campo brasileiro: modernização da agricultura e desenvolvimento territorial rural**. Boletim DATALUTA- artigo do mês 1: março de 2015.

SILVA, Lourdes Helena. **As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?**Viçosa: UFV, 2003, 266 p.

_____. **Concepções & práticas de Alternâncias na Educação do campo: dilemas e perspectivas**. Nuances: estudos sobre educação. Ano XVII, v. 17, n.18, p.180-192, jan/dez.2010.

SILVA, Lourdes Helena. COSTA, Vânia Aparecida. **Educação**. Dicionário Crítico. Presença Pedagógica. V. 12, n. 69. Mai/jun. 2006.

SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOUZA, Rosineide Magalhães. Práticas de letramento: produção textual coletiva na formação do docente do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna. (org); SÁ, Laís Mourão. (org). **Licenciaturas em Educação do Campo. Registros e reflexões a partir das experiências piloto (UFMG, UnB, UFBA e UFS)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Projeto Político Pedagógico**: Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Viçosa, Minas Gerais, 2013.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Educação e trabalho**: Reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. Cad. Cedes, Campinas, vol.27, n.72, p.121-135, maio/ago.2007.